

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E
SOCIEDADE

MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA

PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA: Explorando Lacunas e Percepções entre
Estudantes Universitários de Minas Gerais

POUSO ALEGRE

2024

MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA

**PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA: Explorando Lacunas e Percepções entre
Estudantes Universitários de Minas Gerais**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade para obtenção do Título de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Área de concentração: Educação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de concentração: Educação e tecnologia: inovação, ferramentas e processos.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Rodrigues de Souza.

Pouso Alegre

2024

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Nogueira, Marcelo Luciano Arantes.

Pedagogia pornográfica: explorando lacunas e percepções entre estudantes universitários de Minas Gerais/ Marcelo Luciano Arantes Nogueira – Pouso Alegre: Univás, 2024.

123f.:il. :tab.

Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade – Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Rodrigues de Souza.

1. Educação. 2. Pornografia. 3. Sexualidade. 4. Pedagogias Pornográficas. I. Título.

CDD – 370

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa

CRB 6-3538

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada "PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA: EXPLORANDO LACUNAS E PERCEPÇÕES ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE MINAS GERAIS" foi defendida, em 31 de outubro de 2024, por **MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 98028121, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:

Assinado eletronicamente por:
Letícia Rodrigues de Souza
CPF: *** 315.976-**
Orientadora
Data: 01/11/2024 13:54:54 -03:00



Profa. Dra. Letícia Rodrigues de Souza
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientador

Assinado eletronicamente por:
Samilo Takara
CPF: *** 959.478-**
Membro Externo
Data: 01/11/2024 13:06:14 -04:00



Prof. Dr. Samilo Takara
Universidade Federal de Rondônia - (UNIR)
Examinador

Assinado eletronicamente por:
Diego Henrique Pereira
CPF: *** 591.526-**
Membro Interno
Data: 01/11/2024 14:41:39 -03:00



Prof. Dr. Diego Henrique Pereira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinador

À minha querida mãe,
Nenhuma jornada acadêmica é trilhada sozinha e a minha não é exceção. Mãe, você tem sido a bússola constante, guiando-me com amor, paciência e apoio inabaláveis. Este trabalho é dedicado a senhora, que sempre acreditou nas minhas capacidades, encorajou os meus sonhos e celebrou cada conquista como se fosse sua.

Sua presença é a fonte inesgotável de inspiração que me impulsionou a alcançar este marco na minha vida. Cada página desta dissertação é um reflexo não apenas do meu esforço, mas também da sua dedicação incansável à minha jornada acadêmica. Obrigado por ser a luz constante nos momentos desafiadores e por compartilhar as alegrias dos triunfos.

Esta conquista é tão sua quanto minha e é com imensa gratidão e amor que dedico este trabalho a você, minha fonte de força e sabedoria.

Com todo o meu amor,
Dedico também este trabalho a todos os profissionais da educação e da psicologia, pois são pessoas que contribuem para a multiplicação deste estudo, com ele temos a certeza de que consigamos minimizar os impactos de uma sexualidade sem esclarecimento. Que tenhamos uma vida sexual pautada no sentir... não apenas no ideal.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato mais nobre e a forma mais singela de retribuir todo o apoio recebido no decorrer de uma batalha longa e árdua a qual nos propomos a trilhar.

Primeiramente, a Deus, não há palavras que representem toda a gratidão que tiveste comigo durante toda a minha estadia num lugar desconhecido, onde não saberia ao certo o que estaria por vir. Embora muitas vezes o medo tomasse conta do meu ser, sabia que o senhor caminhava ao meu lado, conduzindo-me a voos mais altos e, assim, as provas do teu amor me faziam renascer a cada manhã.

Contudo, a minha vitória já estava assinada e lançada ao universo! Universo, muito obrigada por fazer de mim o seu instrumento para que eu consiga disseminar todo o conhecimento a mim repassado em prol de suas criaturas. Agradeço a minha Mãe Renata Nogueira e ao meu Vovô/Pai Ruy Arthur Nogueira, por acreditarem no meu potencial e se fazerem presente em toda a minha vida pessoal e educacional. Vocês são a peça chave de todo o meu sucesso.

A minha orientadora, Profa. Dra. Letícia Rodrigues de Souza, pela oportunidade e amorosidade no decorrer de todo o curso. Pessoa que se fez presente nos momentos de angústias e alegrias, me tranquilizando e transmitindo toda energia positiva. Seu apoio foi e sempre será lembrado por toda a minha vida.

Ao Curso de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade, em especial, ao coordenador e professor, Átilio Salles, pela oportunidade. Ao meu irmão, Miguel Arthur, pelo estresse diário que me tirava um pouco dessa imersão que é o mestrado. Quero agradecer a todos os professores do Mestrado, suas contribuições foram muito significativas durante a minha construção pessoal e profissional.

A todos os meus colegas de turma, pela troca de experiências e pela reciprocidade nos encontros formais e informais. Obrigado por todos os momentos de que precisei de vocês e se fizeram presente. Ao pesquisador Samilo Takara, cujas pesquisas foram valiosas para o aprimoramento deste estudo. E pela sua amorosidade, ao se reportar diante do outro. Ao professor Diego, pela disponibilidade em participar da Qualificação e Defesa. Eu quero expressar meu sincero agradecimento aos participantes da pesquisa, pela colaboração neste estudo. Obrigado a Instituições de Ensino Superior pelo aceite em pesquisa.

“Nasci para satisfazer a grande necessidade que eu tinha de mim mesmo.”
Jean-Paul Sartre

“Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder a si mesmo.”
Søren Aaybe Kierkegaard

RESUMO

Este estudo acadêmico discute o efeito pedagógico dos artefatos midiáticos na compreensão e prática da sexualidade. Utilizando a teoria do biopoder de Foucault como base conceitual, analisam-se as dimensões pedagógicas da pornografia e sua influência na formação do comportamento e subjetividade humana. Por meio da metodologia quantitativa, foram coletados dados através de questionários aplicados aos estudantes universitários da área da saúde, de uma Universidade localizada no sul de Minas Gerais, visando identificar lacunas na educação sexual e compreender a relação entre o consumo de pornografia e a educação sexual. Este estudo contribui para o desenvolvimento de um corpo de conhecimento científico sólido sobre a pedagogia da pornografia, que inicialmente foi conceitualizada por Samilo Takara. Desse modo, pretendeu-se continuar os estudos deste conceito e entender sua influência na sociedade contemporânea. Os resultados obtidos, a partir de uma análise estatística descritiva, indicaram que a pornografia pode elucidar certo efeito sim de um papel educativo, ainda que as pessoas não tenham a percepção clara do que é pornografia, tanto quanto clareza sobre sua sexualidade e percepções, os resultados também evidenciaram que o conservadorismo exerce uma relação de controle sobre a educação sexual. Um resultado importante é que acreditava-se inicialmente que as pessoas recorriam à pornografia como uma terceira via de aprendizagem, quando sentiam que a educação sexual realizada pela escola e família fossem insuficientes, entretanto, os dados mostraram que mesmo aquelas pessoas que consideraram ter uma educação sexual razoável, recorreram à pornografia também. Está pesquisa permite reelaborar o pensamento sobre o efeito da pornografia na sexualidade humana, assim como ressaltar a importância de uma educação sexual, aberta e singular, realizada pela família e pela escola.

Palavras-chaves: Educação; Pornografia; Sexualidade; Pedagogias Pornográficas.

ABSTRACT

This academic study discusses the pedagogical effect of media artifacts on the understanding and practice of sexuality. Using Foucault's theory of biopower as a conceptual basis, it analyzes the pedagogical dimensions of pornography and its influence on the formation of human behavior and subjectivity. Through quantitative methodology, data were collected via questionnaires administered to health science university students at a university located in southern Minas Gerais, aiming to identify gaps in sexual education and understand the relationship between pornography consumption and sexual education. This study contributes to the development of a solid body of scientific knowledge on the pedagogy of pornography, initially conceptualized by Samilo Takara. Thus, it aimed to continue the studies of this concept and its influence on contemporary society. The results obtained through descriptive statistical analysis indicated that pornography can indeed elucidate an educational role, even though people may not have a clear perception of what pornography is, nor clarity about their sexuality and perceptions. The results also showed that conservatism exerts a controlling influence on sexual education. An important finding is that it was initially believed that people resorted to pornography as a third way of learning when they felt that sexual education provided by school and family was insufficient. However, the data showed that even those who considered having reasonable sexual education also resorted to pornography. This research allows for the rethinking of the effect of pornography on human sexuality, as well as highlighting the importance of open and unique sexual education provided by family and school.

Keywords: Pornography, Sexual Education, Sexuality, Pornographic Pedagogies

Lista de tabelas

ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS.....	68
TABELA 2 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 2.....	72
TABELA 3 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 3.....	74
TABELA 4 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 4. 8.....	77
TABELA 5 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 5. 9.....	79
TABELA 6 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA E OUTRAS PERGUNTAS. 10.....	81
TABELA 7 - ASSOCIAÇÕES ENTRE O PAPEL PEDAGÓGICO DA PORNOGRAFIA 11.....	85
TABELA 8 - INFLUÊNCIA DO CONSERVADORISMO SEGUNDO O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES. 13.....	89

Lista de Figuras

Figura 1 - Estatísticas descritivas.....	69
Figura 2 - Respostas da questão 2.....	72
Figura 3 - Respostas da questão 3.....	75
Figura 4 - Respostas da questão 4.....	78
Figura 5 - Respostas da questão 5.....	80
Figura 6 - Associação entre a influência da pornografia e outras perguntas.....	81
Figura 7 - Associações entre o papel pedagógico da pornografia.....	86
Figura 8 - Associação entre o impacto do conservadorismo.....	87
Figura 9 - Comparação segundo perfil sociodemográfico da Questão 6/3 - O conservadorismo influencia na educação sexual. Média \pm desvio padrão.	90
Figura 10 - Comparação segundo perfil sociodemográfico da Questão 6/4 - Nível de importância de questões deixadas de lado devido a influências conservadoras na educação sexual. Média \pm desvio padrão.....	93

Lista de abreviações e siglas

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQTQIAP+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, Queer, Intersexual, Assexual e pansexual
PNE	Plano Nacional de Educação
STF	Supremo Tribunal Federal
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 SEXUALIDADE E AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO SEXUAL	23
2.1 OS DESAFIOS DA SEXUALIDADE E DE SE IMPLEMENTAR UMA EDUCAÇÃO SEXUAL	27
2.2 A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO SEXUAL	30
3 A PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA	38
3.1 A PORNOGRAFIA NO DIÁLOGO COM A TENOLOGIA E SENTIDOS	40
3.2 INTERLOCUÇÕES E DIÁLOGOS COM O CONCEITO DE PEDAGOGIA DAS PORNOGRAFIAS ...	45
4 AS RELAÇÕES DE PODER SOBRE A SEXUALIDADE: UM OLHAR COM BASE NOS ESTUDOS DE MICHEL FOUCAULT	51
4.1 A PERFORMANCE E OS SENTIDOS	54
5 PERCURSO METODOLÓGICO: “NAVEGAR É PRECISO; VIVER NÃO É PRECISO”	588
5.1 CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO	60
5.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	633
5.3 LOCUS DA PESQUISA	644
5.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA	644
5.5 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	655
5.6 INSERÇÃO NO CAMPO DE PESQUISA	655
6 A REALIDADE DO USO DA PORNOGRAFIA PARA OS ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE	677
6.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES: GÊNERO, SEXUALIDADE E RELAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA	687
6.2 PERCEPÇÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE	698
6.3 EDUCAÇÃO SEXUAL X FAMÍLIA X PORNOGRAFIA	69
6.4 ASSOCIAÇÕES ENTRE AS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO	802
6.5 PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA MORALISTA E CONSERVADORA NA EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE	860
6.6 COMPARAÇÃO ENTRE O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO	899
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	955
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	11010
APÊNDICES	1166

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos esforços para construção e reconstrução do saber no campo da sexualidade, assim como no da educação sexual; ainda são necessários estudos e pesquisas que buscam reconstruir as discussões a cerca dos tabus que envolvem a sexualidade, tais como a pornografia, as relações de poder sobre os corpos e a influência de uns sobre o outro, sendo o que se pretende realizar nesse estudo. Sempre foi percebido em meu consultório de psicologia essas relações, sendo assim, é este lugar que me instigou a fazer essa pesquisa. Digo isso, pois recebi, ao longo dos anos, pessoas que se percebiam em uma relação intrínseca entre a pornografia, a sexualidade e interrelação de ambas na psique humana. Neste lugar, a curiosidade para saber mais sobre tal influência e sua estrita relação sobre a educação, a relação familiar e produção de conhecimento atual me fizeram mergulhar neste estudo. Um dia, diante do borbulhar de casos de compulsão por pornografia, ejaculação precoce e impotência sexual, além das dificuldades dos pacientes de ter uma vida sexual saudável, livre de amarras, iniciei uma busca em plataformas de estudos científicos, a fim de encontrar uma resposta para a relação da pornografia com a sexualidade e a prática sexual.

Ao me deparar com as teorias do autor brasileiro Samilo Takara¹, encontrei um estudo que me chamou atenção sobre o quanto aquilo fazia sentido diante da prática clínica. Seu arcabouço teórico qualitativo caminhava por autores os quais alguns eu conhecia bem, tais como Foucault e outros, como Le Breton, nem tanto. Mas o cerne que me instigava era: quantitativamente essa percepção também se justificava? Sustentava-se? Sempre aprendi que o conhecimento científico, antes de mais nada, tem como alicerce a possibilidade da dúvida e o contraditório deve se fazer presente para que se possa sempre permanecer em estudo, em outras palavras, é o que se entende como falsificabilidade e verificabilidade. Por fim, o acumulativo, uma vez que este pesquisador teceu uma discussão, caberia a mim, um profissional da Psicologia e docente, imergir neste estudo e dar continuidade a esse emaranhado de saberes, sabendo que poderia encontrar tanto congruências como incongruências.

O presente estudo caminhou próximo das discussões teóricas de Takara

¹ Samilo Takara é Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), assim como Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E o estudo foi: "Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia".

acerca das características pedagógicas dos artefatos midiáticos que inscrevem modos de compreender e exercer a sexualidade, abrangendo as diversas nuances do ser humano. Apesar da escassez de estudos sobre o tema no Brasil, destaca-se o pesquisador Samilo Takara, que propôs uma discussão sobre o conceito de pedagogia da pornografia, por meio de sua pesquisa intitulada "Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia". A partir desse estudo, pretende-se aprofundar o entendimento desse conceito. Takara é integrante do corpo docente do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Conforme destacado por Figueiró (2014, p.48), "a sexualidade é uma dimensão ontológica intrinsecamente humana, cujas interpretações e experiências são influenciadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, principalmente, pela cultura, num processo histórico e dialético." Sendo assim, efetivamente, a sexualidade não possui uma definição única, tampouco é uma característica estática imposta ao indivíduo.

É importante destacar, ainda, que a sexualidade é um conceito amplo e histórico, pois, de acordo com a cultura e a época, ela está presente em todos os seres humanos e pode ser representada de várias maneiras. Ela tem características biológicas, psicológicas e sociais e se "expressa em cada ser humano de modo individual, em sua subjetividade, e em modo coletivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização" (Maia & Ribeiro, 2011, p.75-76).

Sendo assim, é compreensível, que a sexualidade englobe a complexidade do ser humano, garantindo ali na ontologia suas inúmeras facetas e formas de ser e exercer. Para Bona Junior (2012), a sexualidade é [uma] ponte entre o indivíduo e a sociedade que permite o ir e vir dialético da construção da personalidade; é o "lugar" da relação que constrói a subjetividade nos atos de trabalho.

À luz das considerações acima, é notório e inequívoco que a sexualidade permeia várias esferas, sejam elas pessoais ou coletivas. Nesse contexto, os significados associados a ela são gradualmente formados, constroem sua identidade individual conforme os princípios, valores e vivências do sujeito.

Diante das diversas concepções e entendimentos sobre sexualidade, é perceptível que diversas formas de produções e atravessamentos sejam implicadas no sujeito, agente dessa ação também, enquanto "ser-no-mundo". Heidegger (2012)

sustenta que os humanos sempre têm uma relação intrínseca com o mundo ao seu redor, em vez de existir como uma única entidade. Esta relação não é apenas espacial; é uma condição ontológica que molda nossa compreensão do ser. Aqui, o "mundo" é entendido não apenas como uma coleção de coisas físicas ou pessoas, mas como o espaço de significado dentro do qual a vida humana se desdobra. As relações sociais, culturais, históricas e linguísticas que compõem o mundo servem como base sobre a qual interpretamos e executamos nossa existência (Johnson, 2014).

No que tange à sexualidade, podemos fazer um recorte de sua faceta a partir dos postulados de Andrade (2016, 2017). Para o autor, o comportamento contemporâneo da vida está entrelaçado ao consumo desenfreado de pornografia, de tal modo que, para integrar e experimentar as relações humanas, bem como produzi-las, somos tendenciados a uma prática de consumo que organiza nossas ações, subjetividades e o controle dos corpos. Através das dimensões de pedagogias culturais, cada espaço onde a cultura floresce e o poder se manifesta pode atuar como um ambiente educativo, estes, por sua vez, podem abranger desde programas de televisão, filmes, jornais e revistas até brinquedos, catálogos, publicidades, anúncios, videogames, livros, esportes e centros de compras. Desse modo, esses locais implementam pedagogias culturais que exercem uma influência significativa na formação e no direcionamento do nosso comportamento, assim como em nossa subjetividade. Sendo assim, podemos iniciar as discussões e tentar consolidar a conceitualização do termo "pedagogia pornográfica" a partir dos estudos já propostos por Takara (Costa, 2022; Hall, 1997 e Takara, 2022). Dessa forma, observamos que os meios para aprender a educação sexual ficam negligenciados nas mãos de uma indústria que modela, dita e objetifica o corpo e o ser, o poder nas mãos "do que se vê" (Genz, et al., 2017).

Inspirado pela necessidade de reavaliar, recontextualizar e reescrever a pesquisa científica, como afirmado por Costa (2005), é importante repensar as práticas de pesquisa. Para tanto, é necessário levar em conta a necessidade de investigar os produtos midiáticos, não apenas como disseminadores, mas como elementos que se inscrevem na constituição e na criação dos padrões comportamentais, da existência e da identidade no mundo. Partindo deste pressuposto, visando desnaturalizar, questionar e criar outras possibilidades para

problematizar as inscrições pedagógicas que educam corpos e subjetividades acerca da sexualidade e considerando a importância de estabelecer uma base teórica robusta para o desenvolvimento da presente pesquisa, propôs-se uma análise com algumas influências teóricas e filosóficas baseadas em autores como: Michel Foucault, Samilo Takara e Le Breton.

Michel Foucault (1987) desenvolveu a teoria do biopoder como forma de compreender o exercício do poder nas sociedades modernas. Segundo ele, o biopoder refere-se à capacidade do Estado e das instituições governamentais de gerir e controlar a vida da população. Nas suas análises sobre a sexualidade, Foucault demonstra como o poder se insere na esfera da intimidade e das práticas sexuais, evidenciando uma transformação histórica no modo de manifestação do poder em relação à sexualidade. Para Foucault, o poder disciplinar e o biopoder estão presentes na construção das normas e categorias sexuais, moldando comportamentos e estabelecendo limites sobre o que é considerado aceitável. Assim, suas análises ressaltam a importância de compreender a relação entre poder, sexualidade e controle social nas sociedades contemporâneas (Foucault, op. Cit., p. 132).

A teoria foucaultiana pode ser aplicada para analisar a influência da pornografia na sexualidade humana. Embora, Foucault não tenha abordado diretamente a pornografia em suas obras, sua abordagem crítica sobre o poder permite elucidar que as relações de poder envolvidas na produção, distribuição e consumo de conteúdo pornográfico podem ter uma co-relação entre a produção da imagem e o consumo. A pornografia pode ser vista como uma tecnologia de poder que participa do processo de regulação e normalização das práticas sexuais, influenciando a percepção e a representação da sexualidade na sociedade contemporânea.

Dessa forma, a análise foucaultiana sobre a relação entre poder, sexualidade e controle social fornece uma estrutura conceitual importante para examinar as dinâmicas sociais e as relações de poder. Em uma análise de Wulf (2013), o autor aprofunda a discussão, dizendo que a mimetização não é apenas um jogo de reprodução, mas que há algo mais intrínseco na reprodução, como a relação de poder:

Processos miméticos não são meros processos de imitação ou reprodução. Pelo contrário, eles requerem uma configuração individual por parte das crianças, dos jovens e dos adultos. A medida dessa diferença individual, nos diversos processos miméticos, varia de acordo com os diferentes condicionamentos. Muitos processos miméticos são indissociáveis dos

processos de cobiçar e desejar, do sentir e do experimentar (Wulf, op. Cit., p. 78).

Nesse sentido, nesta investigação, propôs-se, além dos objetivos que serão eluciados mais a diante, uma crítica às relações de poder que controlam os meios e conteúdos educacionais, pois como destaca Foucault (1994, p.188), a crítica quebra o círculo das coisas fáceis, permitindo explorar ideias e pontos vistos por prismas ainda não claros. Especular permite não tomar o pensamento como fato acabado e sim como ponto da resistência que permite criá-lo (Adorno, 1982, p. 30).

O pensamento de Foucault (2012) nos lembra que a sexualidade não pode ser vista apenas sobre o aspecto da natureza e instintos, não pode ser reprimida e reduzida, apesar da sexualidade ser às vezes resumida na visão essencialista². Sendo assim, é importante pensar que ela sofre influência das relações de poder. Foucault denomina essa relação estabelecida como aparato de biopoder, sua expressão não reside fundamentalmente na proibição, mas sim na capacidade de direcionar e administrar aquilo que é considerado pertinente (Weeks, 2010).

Considerando que as dúvidas são frequentes no período da adolescência, isso faz com que a procura por informações sobre sexualidade nos meios tecnológicos seja frequente. Porém, sabe-se que a forma como tais ferramentas dispõem as informações e as fontes das informações ali contidas não são seguras e podem propiciar conhecimentos duvidosos e distorcidos, principalmente sobre sexualidade e sexo (Furlanetto et al., 2019).

Uma outra via de busca pela informação no campo da sexualidade, essa sendo mais segura, é a escola; já que alguns adolescentes sentem-se mais confiantes em falar sobre o assunto com professores e profissionais da área. Apesar de grande parte dos professores terem dificuldades para destrinchar esse tema que é permeado por tabus³ (Grossman Et Al., 2019, Savegnago & Arpini, 2016), na escola é possível

2 A visão essencialista é uma abordagem filosófica que busca identificar características ou qualidades essenciais e imutáveis em objetos ou conceitos, com base na crença de que existe uma essência subjacente que define sua natureza verdadeira. Platão é considerado um dos principais filósofos associados à visão essencialista, destacando a existência de formas ideais e essenciais universais (Miller, 1995).

3 A educação sexual enfrenta diversos tabus, um deles é a percepção da sexualidade como um tema inadequado, outros são: o desconforto em abordar questões relacionadas ao corpo e à intimidade, a resistência à diversidade sexual e de gênero, as influências religiosas e morais. Esses tabus criam desafios significativos para os professores quando abordam sobre o tema sexualidade na sala de aula, pois podem enfrentar restrições institucionais, falta de treinamento adequado e receio de reações negativas por parte dos alunos e da comunidade. Essas dificuldades podem limitar a abordagem aberta

propor e executar o ensino de uma educação preventiva que contemple a ótica da diversidade e modos diferentes de vivenciar a sexualidade (Furlanetto Et Al., 2018).

É evidente que, após séculos de repressão sexual e a construção de diversos tabus sobre a sexualidade, ficou difícil para as famílias propiciarem um ambiente seguro à educação sexual. Esse fato ocorreu, já que os pais e familiares não tinham preparo e possuíam dificuldades em falar com os adolescentes sobre sexo tranquilamente, com abertura e acolhimento para que pudessem esclarecer de forma leve e objetiva a temática da educação sexual e toda sua complexidade (Furlanetto Et Al., 2018, Freire, Ana Et Al., 2017).

Diante das dificuldades enfrentadas para desenvolver uma discussão sobre sexualidade de forma ampla e esclarecedora, o presente estudo objetivou investigar de perto as percepções dos estudantes em relação à pornografia. Nesse sentido, buscou-se, como objetivo principal, analisar a compreensão desses alunos sobre a educação sexual e as pedagogias pornográficas.

Sendo assim, os objetivos específicos que nortearam essa investigação foram: problematizar a forma com que as mídias, através de seu material de mídia, ditam modos operandi de agir e, inclusive, de sentir e apresentam as pedagogias presentes nos produtos de conteúdos pornográficos; indagar sobre a posição da imagem no processo contemporâneo de consumo que molda corpos; observar a educação pornográfica em sua capacidade de produzir significantes e significados sem fundamentação. Assim como, abordar a educação sexual dos universitários, examinar como ocorreu esse processo e se houve consumo de conteúdos pornográficos e, por fim, investigar a influência desse material em suas experiências sexuais.

Com base na dificuldade dos pais e professores em abordar abertamente a temática educação sexual, levanta-se a hipótese de que a disseminação da pedagogia pornográfica na sociedade contemporânea pode ser um reflexo dessa lacuna educacional. Acredita-se que a falta de diálogo aberto e qualificado sobre sexualidade leva os indivíduos a buscarem informações e referências na pornografia, o que pode resultar em uma compreensão distorcida e limitada da sexualidade.

No início desta dissertação (Capítulo dois) proporciona-se um entendimento mais aprofundado sobre a problemática " Sexualidade e as interfaces da Educação

e inclusiva da educação sexual, prejudicando a capacidade de fornecer informações precisas e relevantes aos alunos (Louro, p 127-13).

Sexual ", em que se apresenta um breve histórico sobre sexualidade e o panorama atual da educação sexual no Brasil. Isso será abordado sob a perspectiva de diversos autores, os quais se propuseram a investigar de que maneira a educação sexual está sendo abordada e os desafios associados a ela. Nesse sentido, foi realizada uma análise da visão recente dos estudos sobre educação sexual, observando sua evolução e sua interligação com a pornografia. Além disso, exploramos as possíveis consequências de uma educação sexual "malsucedida", destacando a abertura para a influência das mídias pornográficas e suas potenciais ramificações. Assim como, abordo também as alternativas possíveis para a implementação da educação sexual, desde a perspectiva familiar até ao novo conceito que propomos investigar: se a pornografia exerce também um papel educativo.

No terceiro capítulo, adentramos a abordagem da conceituação da pedagogia da pornografia, apresentando o conceito proposto por Samilo Takara (2021), que realiza uma construção teórica para fundamentar a definição proposta. Com a clareza proporcionada por esses dois capítulos, avançamos para o quarto capítulo, em que contemplamos a exploração dos conceitos de biopoder de Michel Foucault. Neste contexto, apresentamos as diversas relações de poder, incluindo a influência dos pais sobre os filhos, dos professores sobre os alunos e da mídia pornográfica sobre a sexualidade humana.

Focalizamos, em particular, a função desempenhada pela pornografia no cerne do controle, da objetificação e da educação do sujeito. Acreditamos que, por meio dessa estratégia, encontramos fundamentação suficiente para consolidar a construção do conceito de Pedagogia Pornográfica ou Pedagogia das Pornografias. Além disso, obtivemos dados e discussões importantes que permeiam a Educação Sexual.

No capítulo metodológico deste trabalho, delinea-se a estrutura da investigação e a metodologia empregada. A exposição dos dados provenientes dos questionários será condensada em um capítulo único (capítulo cinco), estruturado em subdivisões. Tal organização se faz necessária devido à imperativa explicitação teórica subjacente às metodologias utilizadas, bem como à apresentação dos dados e interpretação dos resultados.

Para sumaria, capítulo sobre os dados consiste na exposição das questões orientadoras do estudo, seguida de sua categorização. Posteriormente, procedemos

à caracterização da população-alvo/amostra da pesquisa, com ênfase no instrumento de coleta de informações e eventuais modificações decorrentes da aplicação. Em seguida, apresentamos e analisamos os dados coletados, culminando na interpretação e discussão dos resultados obtidos, tendo como suporte os referenciais teóricos presentes neste estudo.

Nas considerações finais, delineam-se as reflexões principais desta dissertação relacionadas à pesquisa bibliográfica, assim como explanamos a respeito dos resultados advindos deste estudo quantitativo. Ademais, avançamos e fizemos propostas sobre como superar a problemática em foco e lançamos desafios para investigações futuras.

2 SEXUALIDADE E AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Durante muitos séculos, a sexualidade foi o tema mais controverso e vergonhoso da discussão humana; era importante ignorá-la ou, na medida do possível, fingir ignorá-la. O termo "sexualidade" foi reduzido ao sexo ou à prática sexual propriamente dita até o século XIX. A visão tradicional considerava a sexualidade algo negativo e sua única finalidade era a reprodução. Esta perspectiva limitadora da sexualidade se deu principalmente devido à influência da Igreja Católica, que disseminou "a ideia do sexo, enquanto fonte de pecado, justificada apenas tendo como finalidade a procriação" (Nodin, 2000).

O conceito de sexualidade ganhou vida com a Revolução Industrial e as mudanças sociais que ela trouxe. Antes, o sexo era visto apenas como uma função biológica e a reprodução não era mais o objetivo principal da atividade sexual, de acordo com Crozier (2008). Por outro lado, há a ideia de que a sexualidade deve ser encarada como algo de complexo, mas simultaneamente positivo, ocupando um lugar de destaque entre as motivações humanas (Nodin, 2000).

Ellis afirma que, como a sexualidade é fundamental para o desenvolvimento humano, a educação sexual deve ser levada em consideração quando se trata de ensinar crianças. Além disso, Freud estava de acordo com esta opinião, pois isso o levou à criação da Teoria do Desenvolvimento Psicosexual Infantil (1905).

A produção de teorias e discursos sobre a sexualidade tem se expandido para além das tradições religiosas por mais de cem anos, especialmente nas últimas cinco décadas (Paiva, 2008).

Paiva (2008) retrata que os profissionais de várias áreas têm discutido e trabalhado em questões que o discurso tecnocientífico⁴ tentou definir como questões práticas nesse esforço. Duas ordens de questões acabaram por criar abordagens distintas, as quais hoje coexistem no campo da sexualidade. A abordagem "sexológica" afirmou responder a "problemas" demográficos ou de saúde (mental ou sexual), contribuindo para os discursos que Foucault chamou de Biopoder.

⁴ O discurso técnico-científico como resultado da transição para uma nova era. Classificação do conhecimento e da verdade, resultante do efeito das mudanças. E o capitalismo, a revolução tecnológica foi, segundo Castels, "essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980." Ou seja, "[...] o desenvolvimento e as manifestações dessa revolução tecnológica foram moldados pelas lógicas e interesses do capitalismo avançado". (2005, p.49).

Compreender a sexualidade como um fenômeno social, uma desigualdade entre os sexos, a subordinação das mulheres e a discriminação sexual é um assunto no qual a abordagem “construcionista se concentrou nas últimas três décadas para compreender a epidemia da AIDS e a violação dos direitos sexuais (Paiva, 2008).

Ao longo desse período, conceitos foram discutidos nos discursos tecnocientíficos, tais como a sexualidade baseada em conceitos como impulso, força natural e o poder que é contra a cultura e a civilização. Essa força fundamental, naturalmente diferente entre homens e mulheres, é considerada normal quando se dirige à condição heterossexual e foi a única resposta das culturas e sociedades. Teóricos de várias disciplinas concordaram, com exceção de algumas variações, que se a ciência desenvolvesse teorias sobre a sexualidade e revelasse sua natureza, isso beneficiaria a humanidade. Isso levaria a um melhor equilíbrio entre indivíduo e sociedade ou a relações sexuais saudáveis e naturais (Paiva, 2008).

Ainda que profissionais como médicos, psicólogos, professores e outros estejam envolvidos e façam uso de sua capacidade técnica e científica, poucas escolas abordam a sexualidade baseada em valores e noções pessoais que interpretam a sofisticada teorização sexológica do século XX. Além disso, é importante destacar que, no que diz respeito à sexualidade, o período sexológico contribuiu significativamente para a mudança social, naturalizando o prazer na tradição judaico-cristã e estabelecendo a sexualidade como uma atividade independente da reprodução, uma separação que foi ampliada pelo uso de drogas anticoncepcionais.

A tecnologia contraceptiva e o surgimento das pílulas na década de 60 marcaram a separação definitiva entre sexualidade e reprodução. Além disso, o conceito de Planejamento Familiar, considerado essencial pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1972, também emergiu. O Planejamento Familiar tem sido ao longo dos anos alvo de pesquisa, incorporando temas como contracepção, infertilidade, prevenção e tratamento do HIV e cuidados de saúde materna e infantil.

O sexo começou sua emancipação da reprodução e da essencialidade no final dos anos 60. Teóricos dos movimentos feminista e homossexual começaram a questionar a verdade sobre o sexo visto sob uma forma impulsiva ou instintiva. Isso levou à expansão da pesquisa nas ciências humanas e sociais e ao agravamento do paradigma sexológico (Paiva, 2008). Essa visão crítica traz o sentido de que o conhecimento é construído pelo sujeito a partir de suas interações com o ambiente e

com outras pessoas, teoria conhecida como construcionista.

A produção feminista se concentra em questionar a subordinação feminina e a inevitabilidade da desigualdade entre os sexos desde os anos 1970. No final do século XX, a teoria feminista transformou a categoria de gênero em uma categoria de análise social relevante.

Para Strey (1998), enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas. O conceito de gênero depende da maneira como a sociedade interpreta as relações que definem um macho como homem e uma fêmea como mulher. Cada cultura tem suas próprias percepções sobre como homens e mulheres devem ser. A construção cultural do gênero é clara quando se considera que ser homem ou mulher nem sempre significa o mesmo em diferentes sociedades ou épocas.

A partir daí, mecanismos complexos de expressão das relações sociais e simbólicas do homem começaram a surgir, o que levou à divisão de papéis sociais, à desigualdade no trabalho e à desigualdade nos relacionamentos e no acesso aos recursos disponíveis naquele momento. O conceito de relações de gênero foi lançado na década de 60 como forma de compreensão deste processo. Esta formulação de ideia permitiu uma mudança da análise biológica e genética para as relações entre homem e mulher como construções históricas e sociais. Portanto, "o que define a sexualidade depende do momento histórico da humanidade e das condições concretas nas quais o homem está inserido" (Kahhale, 2009).

Heilborn (1999) afirma que a cultura é responsável pela transformação dos corpos, que é influenciada pelos processos históricos e sociais. A cultura constantemente cria novos significados e representações em relação às formas como as pessoas se relacionam, escolhem práticas e entendem as categorias de gênero e sexualidade. Portanto, a sexualidade é moldada pelos valores e costumes sociais da sociedade.

A autora também ressalta que a importância da sexualidade varia para cada sujeito. Essa variação não é apenas uma explicação baseada em diferenças psicológicas; é resultado de processos sociais que surgem do valor que a sexualidade tem em nichos sociais específicos e dos *scripts* de socialização com que as pessoas se deparam. A transformação é responsabilidade da cultura, dos corpos em entidades socializadas e sexuadas por meio de redes de significados que incluem

categorizações de gênero, orientação sexual e escolha de colaboradores. As carreiras sexuais e amorosas surgem de valores e práticas sociais que moldam, orientam e esculpem os desejos e modos de viver a sexualidade.

A partir dessa ideia, é importante enfatizar que a sexualidade não está apenas relacionada ao sexo e não se limita ao coito ou atividade sexual. É algo inato ao ser humano, devido à sua condição biológica inalienável, mas que é moldado pelas influências ambientais; pela história cultural, social e principalmente subjetiva do sujeito.

A partir dessa nova perspectiva, a sexualidade humana inclui aspectos psicossociais e culturais, entre outros. Como resultado, a sexualidade transcende a reprodução e é compreendida em todas as suas facetas. Quase todas as sociedades têm adotado uma visão moralista da sexualidade, que se concentra apenas na reprodução.

Peres (2011) enfatiza o fato de que, de acordo com Michel Foucault (1987), o corpo é concebido como a superfície e o cenário de uma inscrição corporal, pois ele é uma superfície inscrita pelos acontecimentos, criados por uma ordem discursiva que regula os prazeres e expressões. Assim, o corpo não é nem mesmo suficientemente estável para servir como base para o autorreconhecimento ou a compreensão genérica das outras pessoas.

Neste caso, é necessário se concentrar na leitura da sexualidade a partir da perspectiva histórica, pois esta oferece a oportunidade de se entender os tabus que a envolvem, bem como de se criarem alternativas menos preconceituosas e moralistas, ao mesmo tempo em que se mantém a ideia de que os homens, por sua vez, são os únicos seres humanos que podem afetar negativamente a sexualidade. Necessidades sociais criaram a sexualidade como um todo, ou melhor, criaram a sexualidade como uma totalidade da experiência humana.

A vitória de uma visão mais liberal de sexualidade na década de 90 do século XX, juntamente com a emergência da AIDS, convenceu a todos de que falar sobre sexo e promover uma educação nesse sentido é necessário, além disso, a sexualidade adolescente se tornou um problema de saúde pública, devido, principalmente, à epidemia de gravidez na adolescência (Kahhale, 2009).

As discussões em torno das questões que envolvem sexualidade e gênero têm se tornado cada vez mais relevantes e abrangentes nas diversas esferas sociais,

refletindo uma maior conscientização e engajamento na promoção da igualdade e dos direitos humanos. Ao longo dos anos, houve avanços significativos nesse campo, com conquistas importantes, tais como o reconhecimento, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), do direito de transexuais e transgêneros de mudarem seu nome social (Miranda & Santos, 2017), a implementação de políticas públicas voltadas ao público LGBTTIAP+⁵ e a ocupação de espaços e postos de trabalho antes marginalizados. Essas vitórias demonstram uma mudança gradual na sociedade em direção à aceitação e à inclusão de pessoas de diferentes orientações sexuais e de identidades de gênero.

2.1 Os desafios da sexualidade e de se implementar uma Educação Sexual

Mesmo diante dos avanços apresentados acima, ainda enfrentamos desafios consideráveis ao discutirmos e refletirmos a respeito de Sexualidade e Educação Sexual. Ainda existem casos de censura e restrição em museus e exposições artísticas, o que reflete uma resistência a abordagens mais abertas e inclusivas. Além disso, embora o projeto de lei “Escola sem Partido”⁶ tenha sido arquivado, persistem diversas propostas legislativas em âmbito federal, municipal e estadual que buscam limitar a discussão de gênero nas Instituições de Ensino. Esses projetos são motivados por uma visão conservadora e restritiva, que nega a existência da diversidade de gênero e sexualidade e busca restringir o acesso a informações relevantes sobre essas questões (Miranda & Santos, 2017; Moura, 2016).

Tais retrocessos também podem ser observados em reformas educacionais recentes, como a Reforma do Ensino Médio⁷, que resultou em alterações na Lei de

⁵ A sigla representa os seguintes grupos: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexual, assexual e pansexual.

⁶ A proposta Escola Sem Partido (ESP) se inscriu entre os golpes parlamentares e governamentais da sociedade brasileira em duas fases. A primeira fase (2004-2013) se atrelou aos movimentos, manifestações e organizações conservadoras no processo de mobilização popular, ou seja, manipulação da sociedade civil a partir de posicionamentos ultraconservadores através do fundamentalismo religioso; a segunda fase (2014-2020), se encaixou na sociedade política, a fim de institucionalizar, mediante a Projetos de Lei (PL's) com cunho no moralismo fundamentalista religioso, o programa de controle, principalmente sobre o trabalho docente, e se tornou “uma poderosa teia de relações que surpreende pelo cunho conservador, com várias articulações e redes que perpassam por entidades da sociedade civil, instâncias religiosas e partidos políticos” (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 49). (Miranda & Barreto, 2021, p.300).

⁷ A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Plano Nacional de Educação (PNE) e na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesses documentos, a menção à palavra "gênero" foi retirada, eliminando assim a possibilidade de abordagem ampla e inclusiva sobre identidade de gênero, diversidade sexual e orientação sexual nas escolas (Brasil, 2015).

Arpini & Witt (2015) compreende que a sexualidade se dá de diferentes formas, pois a formação do ser humano é constituída também pelas crenças, valores, tabus familiares e pessoais nos quais o sujeito está inserido, logo ela é complexa, multifacetada e há necessidade de ser esclarecida.

Cada vez mais a literatura acadêmica, como destacado por Camargo e Ribeiro (1999), Guimarães (1995) e Nunes e Silva (2000), narra sobre a educação sexual no âmbito da educação formal e vem discutindo os aspectos sócio-históricos do sexismo, dando ênfase notadamente aos pré-conceitos de professores e familiares. Sendo assim, esses estudos têm abordado os estereótipos incentivados pelas escolas, a vulgarização da sexualidade humana na mídia e a falta ou distorções de explicações sobre as diferenças sexuais, reprodução humana e os papéis de gênero.

Outra questão levantada por essas pesquisas, conforme apontado por Camargo e Ribeiro (1999), é a influência da mídia na construção das representações e vivências sexuais dos indivíduos. A mídia desempenha um papel significativo na formação de concepções sobre a sexualidade, muitas vezes apresentando uma visão estereotipada e objetificada do corpo e das relações sexuais. A exposição excessiva e inadequada à sexualidade na mídia, conforme discutido por Guimarães (1995), pode contribuir para a criação de expectativas irreais, pressões sociais e inseguranças em relação à própria sexualidade.

O ambiente familiar figura como um dos principais cenários que exercem influência sobre a configuração e evolução das perspectivas e comportamentos em relação à sexualidade. É no contexto familiar que as primeiras ideias e princípios associados à sexualidade são transmitidos, frequentemente de maneira implícita (Preto, 2011). No entanto, os pesquisadores indicam consideráveis desafios no que concerne à discussão dessa temática com os filhos e filhas, incluindo sentimentos de

de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivo garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas da realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade (MEC, 2020).

embaraço, a falta de orientação sobre como e quando abordar o tópico, além de obstáculos enraizados nas próprias experiências sexuais dos pais, que porventura possam ter sido mais restringidas em suas gerações (Savegnago & Arpini, 2016; Seloilwe, Magowe, Dithole, & Lawrence, 2015; Sevilla & Orcasita, 2014).

Torna-se também necessário ressaltar a influência exercida por fatores de natureza social e cultural, que dão origem a uma considerável diversidade das abordagens adotadas para instruir os filhos sobre a sexualidade e sobre como lidar com sua manifestação durante a adolescência. Indivíduos pertencentes a camadas socioeconômicas mais elevadas e a contextos urbanos tendem a possuir níveis educacionais mais elevados e a avaliar a comunicação familiar sobre sexualidade como mais efetiva do que aquelas que ocorrem em contextos rurais e de baixa condição socioeconômica (Portugal & Alberto, 2015; Preto, 2011).

Nos dias atuais, há um diálogo em torno dos comportamentos sexuais que se associam a desfechos adversos, como a contração de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidezes não planejadas, ressaltando que a mera disponibilidade de informações preventivas não é o único fator determinante (Moura et al., 2013). Uma perspectiva mais saudável da vivência sexual durante a adolescência é fortemente moldada por elementos como preconceito e disparidades nas relações de gênero, além de circunstâncias contextuais, tais como nível socioeconômico, apoio familiar e o matiz cultural que permeia a vida do indivíduo (Moura et al., 2013; Spencer, Doull, & Shoveller, 2012; Wang et al., 2013).

Nunes e Silva (2000) reafirmam que a educação sexual deve ser iniciada desde a primeira infância, reconhecendo que a escola e a família desempenham papéis complementares nesse processo. Essa abordagem abrangente permite que a educação sexual seja trabalhada de forma mais ampla e efetiva. É importante destacar que existe um mito difundido de que os professores ensinariam as crianças a fazerem sexo, mas essa noção equivocada é baseada em pré-concepções e suposições infundadas. Na realidade, o conteúdo abordado nas escolas é cuidadosamente planejado, considerando a faixa etária e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes (Nunes e Silva, 2000).

A compreensão da diferença de papéis entre a escola e a família é um fator considerável nesse contexto. Enquanto a escola tem a responsabilidade de fornecer informações objetivas e baseadas em evidências sobre saúde sexual, anatomia,

reprodução e diversidade sexual, a família desempenha um papel complementar, oferecendo suporte emocional e valores familiares (Guimarães, 1995). Dessa forma, a família pode intervir no processo da educação sexual, reforçando os ensinamentos da escola, promovendo diálogos abertos e honestos e respondendo às dúvidas e preocupações das crianças, de acordo com suas crenças e valores.

Na contemporaneidade, a família e a instituição escolar se erguem como os dois principais âmbitos de formação da pessoa, desempenhando o papel de mediadoras na tessitura do tecido social, transferindo princípios, convicções, concepções e significados que permeiam a coletividade. Ambas desempenham uma função crucial na explanação de temas de natureza sexual, porém, de forma ainda mais primordial, na desmistificação de preconceitos e ideias incongruentes sobre a temática. Conforme ressaltado por Leão (2016), é imperativo que tanto os progenitores quanto os educadores superem suas apreensões ao abordarem esse tópico, propiciando aos estudantes a possibilidade de acessar um ensino sexual formal, cujo propósito abrange, entre outras coisas, mitigar as inseguranças desses jovens no tocante às indagações e questões relacionadas à sexualidade.

Em síntese, é essencial reconhecer que o ônus dessa incumbência recai, primeiramente, sobre a família, dada sua proximidade com os filhos, o que lhe permite abordar a educação sexual de maneira informal; em um segundo momento, a escola assume um papel complementar, ao sistematizar todo o conhecimento previamente adquirido.

A parceria entre a escola e a família, conforme defendido por Nunes e Silva (2000), é essencial para garantir uma educação sexual esclarecedora e consistente. Essa cooperação mútua permite que as crianças recebam informações claras, corretas e contextualizadas sobre sexualidade, ao mesmo tempo em que são acolhidas e orientadas em um ambiente de confiança. A educação sexual, portanto, se torna um processo colaborativo entre a escola e a família, visando ao desenvolvimento saudável e à formação de atitudes respeitadas e responsáveis em relação à sexualidade.

2.2 A sexualidade e a educação sexual

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a

Ciência e a Cultura (UNESCO, 2010), existem inúmeros programas que abordam questões sobre sexualidade, entretanto a dificuldade está na implementação dessas ações que ajudam a capacitar professores para dialogar de forma tranquila e objetiva a respeito da educação sexual. Temos como exemplo, uma análise realizada⁸ pela Unesco em 87 programas de Educação em Sexualidade⁹: os quais 47 eram nos Estados Unidos, 29 programas estavam em países em desenvolvimento e 11 em países desenvolvidos.

A respeito do estudo citado anteriormente, a UNESCO verificou o impacto da Educação em Sexualidade no comportamento sexual de Adolescentes e crianças, concluindo que mais de um terço (37%) dos programas retardaram o início de relações sexuais, 70% dos programas implementaram a proposta por meio de currículos escolares; mais de um terço (44%) dos programas diminuíram o número de parceiros sexuais e cerca de um terço (31%) dos programas diminuiu a frequência de relações sexuais. A grande maioria desses programas, tanto nos EUA quanto na Europa, pode ser readapta à cultura brasileira e a standards. (Cf. nota 6 deste capítulo).

A relevância da educação sexual e sua implementação abrangente no sistema educacional, que perpassa desde a formação de professores à conscientização dos pais, são comentadas pelos seguintes autores: Furlanetto (2023) e Freire, Ana et al (2017). O apagamento das questões de gênero e de sexualidade, inclusive no âmbito das legislações, é fruto de uma relação de poder que ainda traz a ideia de que a sexualidade se perpetua em seu campo de significantes, tendo os seguintes pontos de partida: o professor impõe seus modos e pensamentos sobre o aluno, assim como a mídia sobre os corpos das pessoas, e os pais sobre os seus filhos (Vianna, 2012; Nunes E Silva, 2000).

A desacompanhada exploração da internet por parte dos adolescentes pode abrir espaço para que estes tenham acesso a informações distorcidas sobre sexo e sexualidade (Seloilwe et al., 2015). Essa circunstância, juntamente com a ausência de comunicação aberta no âmbito familiar e a falta de instrução sexual nas escolas, pode

⁸ Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade (Unesco 2010).

⁹ A Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade compreende duas partes. O Volume I enfoca as razões em favor da educação em sexualidade e fornece conselhos técnicos sólidos sobre características de programas efetivos. Este segundo documento (Volume II) apresenta um 'pacote mínimo básico' de tópicos e objetivos de aprendizado de um programa de educação em sexualidade para crianças e jovens entre 5 e 18 e mais anos de idade e inclui uma bibliografia de recursos úteis, a fim de fornecer orientações concretas para o desenvolvimento de currículos adaptados para o local-(Unesco 2010).

predispor a exposição a vulnerabilidades sexuais e emocionais.

Consoante a isso, Freire (1970, p. 97) aborda que não ocorre um diálogo genuíno se nos indivíduos não se instaura um pensamento autêntico, um pensamento crítico. Um pensar que, ao rejeitar a oposição entre o mundo e os seres humanos, reconhece entre eles uma inabalável solidariedade. "Não é um indivíduo quem educa outro indivíduo, não é um indivíduo quem educa a si próprio, os seres humanos educam-se mutuamente, mediados pelo entorno" (Freire, 1970, p.39). Face a essa citação, é perceptível que o aluno, ao ingressar na escola, carrega consigo sua cultura, seu conhecimento, sua perspectiva sobre o mundo e, por meio da interação com o próximo, delineiam-se processos de aprendizado. O docente, ao abordar o tópico da sexualidade, precisa alicerçar-se nesse princípio, com o intuito de discernir quais informações o aluno já possui, de modo a contextualizá-las.

Freire (1970) ainda explora a ideia de uma cultura do silêncio que urge ser rompida na educação, visto que tolhe o educando de participar na forja de sua própria narrativa, cerceando seu direito de opinar e de reconfigurar sua realidade. Deste modo, nota-se que a educação sexual permanece intrincada nesse ambiente de silenciamento, no qual a escola exerce arbítrio sobre os conteúdos programáticos a serem compartilhados com os educandos, obliterando a importância de discutir e instituir o estudo da sexualidade no contexto escolar, pois, as instituições de ensino, em grande parte, se mostram avessas a reconhecer que esse assunto é parte intrínseca da experiência humana e permeia a interação entre o eu e o mundo.

Nessa linha, Freire (1996, p.47) reafirma que "saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas instigar as oportunidades para a sua própria geração ou construção." Com base em tais reflexões, torna-se imperativo que o professor, ao abordar a temática da sexualidade, esteja receptivo às questões, inquirições, de modo a fomentar a produção de conhecimento no estudante. Freire (1970, p. 92) complementa esse posicionamento ao afirmar que "a existência, por ser humana, não pode ser uma existência muda, imóvel, nem tampouco pode alimentar-se de falsas palavras, mas sim de palavras verdadeiras, por meio das quais os indivíduos reconfiguram o mundo. [...] expressar a palavra não é um privilégio exclusivo de alguns, mas um direito universal."

No arcabouço de suas reflexões, Paulo Freire (1970) primordialmente enfatiza a necessidade intrínseca de uma educação que seja essencialmente

problematizadora, na qual o aprendiz, imbuído de um olhar crítico, possa não apenas decifrar o contexto que o circunda, mas também instigar a transformação consciente e a emancipação da consciência humana, erigindo-se, assim, como um agente emancipatório dentro da tessitura social. Este engajamento reflexivo e dialógico se apresenta como a pedra fundamental sobre a qual se erige a relação dialógica, permitindo uma interação ativa e fecunda entre educadores e educandos.

Na instância em que é proporcionada a oportunidade aos estudantes de discutirem suas dúvidas e inquietações, particularmente no que se refere à esfera da sexualidade, o docente se insere em uma posição privilegiada para observar e catalisar a transformação da realidade que os inquietam. Dessa forma, ele, o professor, consegue acessar esse campo privilegiado, um lugar delicado que é a sexualidade humana em formação e, por sua vez, pode lançar uma reflexão profunda acerca dessa realidade multifacetada. Esse processo orientado pelo diálogo, ao desvelar aquilo que obscurece a compreensão, fomenta um ambiente propício à socialização e à troca de experiências e fica mais próximo do que podemos chamar de existência humana.

A filosofia educacional de Freire distingue nitidamente a pedagogia bancária da pedagogia problematizadora, delineando suas polaridades. A primeira, revestida de uma característica mecanicista, sonega aos sujeitos a voz e a possibilidade de expressão, sabotando o diálogo que é intrínseco ao processo educacional. Por outro lado, a pedagogia problematizadora emerge como uma força propulsora da libertação, confrontando as estruturas opressivas e fomentando o engajamento crítico e reflexivo dos indivíduos na moldagem de sua realidade. Freire (1970) reitera essa dicotomia ao destacar que a pedagogia problematizadora, ao se comprometer com a emancipação, nutre a criticidade e instiga a reflexão genuína, catalisando, por conseguinte, a transformação dos sujeitos e do entorno em que estão inseridos.

Na órbita das discussões sobre a Educação Sexual, conforme delineado por Figueiró (2009, p.193), emerge um objetivo substancial de forjar um cidadão não apenas consciente, mas também ativo na construção de uma vivência sexual mais digna e compassiva. A proposta da Educação Sexual transcende os limites do mero ensino técnico, desdobra-se em um compromisso mais profundo de alavancar a erradicação da violência e da opressão sexual. Além disso, transforma os paradigmas e as normas repressoras em vetores que estimulam a interação humanizadora e

respeitosa com o outro, rementendo esta pedagogia à pedagogia problematizadora de Freire, conforme explicitado acima.

Neste campo complexo que é a sexualidade, Foucault relaciona o poder e a sexualidade com a modernidade, assim como Dumont (1985) ao falar sobre individualismo¹⁰. Além disso, Heilborn (1993) fala sobre como os processos históricos formam a modernidade, principalmente a modernidade ocidental, processos estes que levam os sujeitos à interioridade e à obrigação da subjetivação. Sendo assim, a autora emprega a teoria de Norbert Elias (1997), que explica como a representação dos corpos e das emoções define o conceito de pessoa no Ocidente e, portanto, a história do Ocidente como um todo.

Michel Foucault afirma que a sexualidade se tornou uma verdade intrínseca das pessoas devido a uma série de saberes, incluindo o dispositivo da sexualidade, os hospitais e os manicômios. Um conjunto de discussões sobre o sexo das pessoas é criado como a verdade última desses sujeitos a partir de um momento histórico específico, conhecido como "modernidade". A sexualidade (ocidental) tornou-se um meio de revelar a natureza intrínseca do sujeito. A noção de que a heterossexualidade e a homossexualidade determinam a organização do desejo sexual é muito única na sociedade ocidental. No livro "História da Sexualidade", Foucault demonstrou que, em outros períodos históricos, a heterossexualidade e a homossexualidade não eram objeto de nenhuma categorização específica, o que significa que as condutas sexuais não criavam tipos específicos de pessoas.

Neste pensamento, é possível inferir que a pornografia pode provocar um assujeitamento em que o sujeito pode repetir e produzir sua sexualidade a partir de modos daquilo que vê.

Podemos ampliar a discussão com um olhar das diferentes construções do trabalho de Foucault sobre sexualidade ao examinarmos como a sexualidade é construída em diferentes níveis. Assim como outras atividades humanas, tais como comer ou tomar banho, o sexo é um comportamento aprendido. A cultura desempenha um papel vital na socialização das pessoas para a vida sexual, estabelecendo padrões

10 Dumont argumenta que o individualismo é uma característica distintiva das sociedades modernas. Ele destaca como o homem moderno se reconhece como um indivíduo autônomo, desvinculado de laços sociais e fonte absoluta de sentido para sua própria existência. A forma mais completa da ideologia do individualismo busca superar a hierarquia, promover os princípios da igualdade e da liberdade e estabelecer um universalismo plano em todos os aspectos da vida. Portanto, é um "holismo" anti-holista, semelhante à oposição hierárquica (Dumont, 1985).

e normas baseados nos valores compartilhados por um grupo social específico. Além disso, a sexualidade varia dentro de uma mesma sociedade, manifestando-se de maneiras distintas e tendo significados diferentes entre os vários grupos sociais que a integram. Vale ressaltar as diferenças notáveis na sexualidade entre diferentes classes sociais e gêneros (Bozon e Heilborn, 2001). É possível então presumir que a maneira como as pessoas aprendem sobre sexo, desejo e prática são apresentadas e apreendidas neste bojo familiar-cultural-social.

As trajetórias afetivo-sexuais-reprodutivas das pessoas podem ser observadas por meio de roteiros sexuais, que refletem as diversas formas de socialização vivenciadas por um indivíduo. Esses roteiros, por sua vez, são influenciados por uma série de fatores, como o ambiente familiar, o tipo de educação escolar recebida, o acesso a diferentes meios de comunicação e as redes de amigos e vizinhos. Estes aspectos são particularmente relevantes entre a fase da adolescência e a transição para a vida adulta, períodos em que a sexualidade se torna uma questão central na vida de uma pessoa, conforme descrito por Gagnon e Simon em (1973). Na sociedade moderna, Foucault descreve que a sexualidade também foi usada como um aparato de controle, o saber sobre a sexualidade estava localizado em saberes específicos, saberes esses que controlam, objetificam e ditam normas e condutas específicas (Foucault, 1988).

Estudos recentes têm investigado a possível correlação entre o consumo excessivo de pornografia e a diminuição da sensibilidade da resposta sexual, levantando preocupações sobre os efeitos negativos dessa exposição frequente e intensa. Por exemplo, um estudo conduzido por Steele et al. (2013) e Prause et al. (2015) explorou a resposta neural de indivíduos com uso problemático de pornografia em comparação com um grupo controle saudável. Os resultados revelaram que o grupo com uso problemático de pornografia apresentou uma menor resposta do cérebro a estímulos sexuais, sugerindo uma possível habituação ou dessensibilização a esses estímulos.

Outra pesquisa relevante foi realizada por Kühn e Gallinat (2014), elas investigaram a relação entre o consumo de pornografia e a estrutura cerebral. As autoras descobriram que o consumo frequente de pornografia estava associado a uma diminuição do volume de matéria cinzenta em áreas cerebrais relacionadas ao processamento de recompensa e controle dos impulsos. Também foram observadas

alterações na conectividade funcional em redes cerebrais envolvidas na tomada de decisão e regulação emocional.

Esses estudos fornecem evidências preliminares de uma correlação entre o consumo excessivo de pornografia e a diminuição da sensibilidade da resposta sexual. No entanto, é importante mencionar que a pesquisa nessa área ainda está em desenvolvimento e existem perspectivas divergentes sobre o tema.

Samilo Takara, autor brasileiro, inicia a conceitualização sobre a pedagogia pornográfica em sua obra " Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia"(2021). Nas discussões teóricas, são exploradas as características pedagógicas dos artefatos midiáticos que englobam diferentes formas de compreender o mundo, a sociedade, o "Outro" e o sujeito. A sociedade contemporânea encontra-se profundamente imersa no consumo de pornografia, que desempenha um papel significativo nas relações interpessoais e na construção das identidades. Nesse contexto, as representações e imagens são moldadas em relação aos discursos e posições oferecidos aos indivíduos, os quais também são consumidores desse conteúdo, resultando na produção de modos específicos de ser, estar e agir na sociedade (Takara, 2021).

Recentemente, alguns estudos chamaram atenção sobre a constatação de que, quando se trata de educação sexual versus família, existe uma grande massa que acredita que essa responsabilidade não é da escola. Por outro lado, estudos recentes também ressaltam que educação sexual no contexto familiar é insuficiente, porque tanto os filhos quanto os pais ora sentem-se constrangidos para falar sobre sexualidade e sexo, ora não têm conhecimento suficiente para tratar o assunto, sentem se despreparados e envergonhados (Furlanetto et al., 2018; Freire, Ana et al., 2017; Genz et al., 2017).

Para entendermos de que forma as mídias e esses novos espaços preenchem a educação formal e familiar, é preciso percebemos que a busca por mídias e conteúdos pornográficos se tornou via de fácil acesso, eles servem como instrumentos para que se obtenham informações e conhecimentos sobre a Educação Sexual. Nesse sentido, a busca por pornografias pode ser um caminho perigoso a ser percorrido e acabar por educar de forma errada, o que nos leva a discutir e a pensar sobre o conceito de 'pedagogias pornográficas', proposto por Takara (2021), o qual destaca que este é um modo de constituir experiências, conhecimentos, ações e

formas de perceber o mundo, que são vinculadas às estruturas oferecidas pela pornografia (Takara, 2021).

3 A PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA

Apesar de existirem, por centenas de anos, obras consideradas pornográficas, sabe-se que nem sempre elas foram criadas com o mesmo propósito com que são feitas hoje. A partir do século XIX, a pornografia começou a se desenvolver como um meio de estímulo sexual. Antes disso, as obras escritas ou visuais com conteúdo explícito ou de cunho sexual eram consideradas obscenas e eram feitas como um protesto contra os líderes políticos e religiosos da época (Hunt, 1999).

A pornografia passou a ser produzida como forma de provocar a estimulação sexual no início do século XIX. Em sua forma original, era apresentada por meio de gravuras, fotografias e literatura pornográfica que descreviam práticas sexuais cujo objetivo era despertar o desejo dos leitores (Hunt, 1999). A pornografia passou a aparecer não apenas em livros, mas também em jornais da época, que publicavam vários contos eróticos e frequentemente exibiam gravuras de mulheres com corpos desnudos (Azevedo; Ferreira Junior, 2017).

A pornografia foi adquirindo novas formas de produção e exibição com o avanço da tecnologia. Uma nova perspectiva sobre o conteúdo pornográfico veio com o surgimento do cinema, a criação das fitas VHS e do DVD, e o seu acesso tornou-se cada vez mais fácil (BATISTA, 2018; MIRÓ, 2019). No entanto, pode-se dizer que a indústria pornográfica foi fortemente impulsionada pela internet. A pornografia se tornou ainda mais abrangente e acessível com ela, sendo disponibilizada em uma variedade de sites específicos e acessível em vários formatos, por meio de dispositivos tecnológicos como computadores, tabletes e smartphones, de forma gratuita e anônima (Miró, 2019).

O consumo de pornografia tornou-se mais acessível e anônimo ao mesmo tempo em que a indústria pornográfica se expandiu. Isso é um problema evidente (Batista, 2018). Houve um aumento significativo na produção e na busca de conteúdo pornográfico que apresenta práticas sexuais consideradas extremas.

A figura feminina foi sempre representada de forma objetificada, desde as primeiras produções pornográficas até a forma como é hoje. A perspectiva e as fantasias masculinas sobre as mulheres sempre foram a base para as práticas sexuais descritas nas obras literárias, de acordo com Hunt (1999).

De acordo com Dworkin (2016) e Foucault (1997), é possível argumentar que

a pornografia é um produto da supremacia masculina, em um contexto em que o homem é constantemente colocado em uma posição de superioridade, demonstrando claramente seu poder de dominação sociocultural. Além disso, afirma que a mulher é representada no meio pornográfico como um mero instrumento destinado a satisfazer os desejos dos homens e sua figura é inferiorizada e objetificada, refletindo a condição de subalternidade que foi imposta a ela ao longo da história.

Quando aprofundamos os estudos sobre a pornografia, observamos que o conceito moderno está implicitamente relacionado a profundas discussões dela em torno do sexo e seus padrões normatizadores, conforme observamos em manuais jurídicos, médicos e pedagógicos. Tal ótica é compartilhada por escritoras como Lynn Hunt, segundo ela: “assim como a Medicina, a prisão, a loucura e a sexualidade, a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de normatização e implica novos desejos de saber” (Hunt, 1999, p. 11).

Duarte e Rohden (2016) acreditam que a pornografia se insere de maneira complexa, como um manual que ensina, educa e normatiza, como uma pedagogia. Os autores sustentam principalmente a abordagem da pedagogia da sexualidade, no entanto, é interessante conceitualizar a pedagogia pornográfica ou as pedagogias das pornografias. Faz-se necessário entender que é através dos artefatos midiáticos produzidos pela indústria pornográfica e outras tecnologias que se criam um efeito de educar, elaborando uma pedagogia que através das produções imagéticas da contemporaneidade produz um efeito na subjetividade. Até a publicação deste estudo, apenas o trabalho de Takara (2021 e 2022) foi elaborado de forma qualitativa, construindo de maneira sólida os primeiros passos para que outras formas de pensamento possam surgir.

Para Butler (1997), não só as produções da pornografia falham em reproduzir as cenas, mas a própria construção do gênero elaborada a partir da ideia cis¹¹ (heteronormativa). A fantasia está longe de se concretizar, pois perpetua o inatingível.

¹¹ Uma pessoa cis é uma pessoa na qual o sexo designado ao nascer + sentimento interno/subjetivo de sexo + gênero designado ao nascer + sentimento interno/subjetivo de gênero, estão “alinhados” (...) Uma pessoa cis é aquela que politicamente mantém um status de privilégio em detrimento das pessoas trans*, dentro da cishnorma. Ou seja, ela é politicamente vista como “alinhada” dentro de seu corpo e de seu gênero. (...) O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada “homem” ou “mulher”, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal (Kaas, 2012).

Butler (1997) argumenta, em sua análise de desconstrução de gênero, que a heterossexualidade compulsória desempenha um papel significativo na criação de uma aparência de consistência de gênero na substancialidade. Para ela, essa compulsoriedade da heterossexualidade é o que mantém o gênero ancorado à divisão binária homem/mulher. A heterossexualidade compulsória, descrita por Butler em 2015 como uma interação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, atua como uma prática reguladora. Essa regulação estabiliza o gênero e reforça a percepção de que o gênero é algo natural, reitera a ideia de que há uma imitação direta entre sexo biológico e gênero. Consequentemente, a autora considera que a heterossexualidade é uma das estruturas sociais mais desafiadoras para se desconstruir. Assim, para ela, “o sujeito constitui-se através de atos — somos o que é feito e refeito através da cultura, que é um processo”.

É observável que, no pensamento de Butler, o conceito de "performatividade" incorpora também a noção de uma espécie de encenação. Butler até menciona um aspecto de teatralidade ao explicar como se manifesta a performatividade. Portanto, a performatividade não é um ato isolado, mas sim uma reiteração contínua de uma norma ou de um conjunto de normas. Ao se manifestar no presente, ela tende a esconder ou mascarar as convenções das quais é uma repetição. Ademais, este ato não é fundamentalmente teatral; na verdade, a aparência de teatralidade surge à medida que sua natureza histórica fica oculta. E, inversamente, sua natureza teatral se torna mais complexa devido à dificuldade de revelar completamente seu contexto histórico. Na teoria dos atos de fala, a performatividade é entendida como uma prática discursiva que declara ou gera aquilo que nomeia.

Devido às reflexões da filósofa Judith Butler sobre gênero e performatividade, podemos começar a pensar sobre como a pornografia pode se inserir na sexualidade, na construção do desejo e na performance que é representada de diversas facetas, vértices e sentidos entre cenas de filmes e mídia pornográfica. A partir disto, podemos refletir sobre como esses corpos são atravessados pela "cena performática da pornografia" e como não há lucidez ou percepção sobre tal situação.

3.1 A pornografia no diálogo com a tecnologia e sentidos

O fenômeno da pornografia na sociedade muda de acordo com a tecnologia e

as necessidades sociais. Observemos o pequeno relato como exemplificação: outro dia, em uma social com amigos, tocou aleatoriamente na playlist: Novinha do Onlyfans (Tchan Ram Tchan Tchan) Kadu Martins

Vivia numa kitnet/O negócio mudou pra cobertura/Eu conheço essa novinha/Ela morava na minha rua/Ela andava de ônibus/Do nada venceu na vida/E o povo comenta/Trabalha com o quê essa novinha?/Agora tem carro de luxo/E o celular da maçã Essa novinha tem only fans/Viaja um mês pra Paris/E o outro pra Amsterdam/Essa novinha tem only/(Tchan ram tchan tchan ram tchan tchan ram tchan tchan)/Vivia numa kitnet/O negócio mudou pra cobertura/Eu conheço essa novinha/Ela morava na minha rua/Ela andava de ônibus/Do nada venceu na vida/E o povo comenta/Trabalha com o quê essa novinha?/Agora tem carro de luxo/E o celular da maçã/Essa novinha tem only fans/Viaja um mês pra Paris/E o outro pra Amsterdam/Essa novinha tem/(Tchan ram tchan tchan ram tchan tchan ram tchan tchan):

Composição: Alanzim Coreano / Filipe Pinheiro / Kadu Martins / Ruan Lima.

O que antes poderia ser visto nos cabarés/bataclan, cinemas, fitas cassetes, DVDs assou ser visto por sites e hoje em plataformas de conteúdos ao vivo que continuam a gerar uma monetização, antes à indústria pornofarmacológica, hoje ao próprio ator. O fenômeno da venda de conteúdo vem ocupando um espaço laboral na sociedade e quem vende nem sempre está na classe baixa, mas o desejo do sucesso e ascensão continua a ser grande motivador, continua alimentando a indústria farmacopornopolítica.

Em contraponto às necessidades de sucesso, à superficialidade do afeto e ao distanciamento das relações, a música “Paralelos”, de Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, conhecido mundialmente como Belchior, compositor e interprete, nos convida à reflexão:

“*Dentro do carro, sobre o trevo, a cem por hora*”. A canção começa com uma imagem de velocidade e movimento, simbolizando a vida acelerada da modernidade, e a corrida contra o tempo. O “carro” pode ser visto como uma extensão do ser, já o “motor” oferece uma falsa sensação de companhia, destacando a solidão em meio à agitação.

“*no escritório em que eu trabalho e fico rico*”: Belchior critica a busca incessante pelo materialismo, sugerindo que a riqueza material vem à custa do empobrecimento emocional, amoroso e gera distanciamento.

“*Em cada luz de mercúrio, vejo a luz do teu olhar*”: As luzes artificiais da cidade

são contrastadas com a luz natural do olhar amado, talvez indicando uma perda de conexão genuína com os outros. Assim, quando constextualizamos a letra da música com a temática deste trabalho, nos perguntamos: será que a busca cada vez maior por pornografia na sociedade moderna não está atrelada a essa possível perda de conexão genuína com o outro?

“No Corcovado, quem abre os braços sou eu”: O eu lírico se identifica com os monumentos icônicos do Rio de Janeiro, sugerindo uma grandeza de sentimentos que é contrastada com a indiferença do outro e superficialidade do desejo.

“*Como é perversa a juventude do meu coração*”: A juventude é retratada como uma fase de extremos emocionais, em que a intensidade das experiências é valorizada em detrimento da estabilidade.

“*E as paralelas dos pneus n’água das ruas*”: A imagem das marcas de pneus na água representa caminhos que se cruzam, mas nunca se unem, simbolizando relacionamentos que passam um pelo outro sem se conectar verdadeiramente. Podemos aqui lembrar a relação do delírio do ver e não tocar, da percepção fragmentada desenvolvida por Takara (2022, p.38):

[...]Esse é o reino de Delírio: um lugar com ordens que não são as ditas normais. Experiências, expectativas e desejos amontoam sentidos e significações. Não temos contato, estamos presos às lógicas da cultura de consumo. Estamos em uma fome devoradora, somos o alimento e os ferozes animais com fome: as imagens são nossas presas e nós, também, somos presas delas[...].

“*No apartamento, oitavo andar*”: O eu lírico está isolado, separado fisicamente e emocionalmente, gritando para o vazio na esperança de ser ouvido.

Dessa maneira, não podemos deixar de considerar que a pornografia e a educação mudam a cada geração e época, que a influência tecnológica transforma e ressignifica a cada avanço a realidade humana e que a mesma realidade é elaborada a partir da existência, do/no inacabado jeito de ser no mundo de si, do outro e de toda complexidade que o funda.

A partir das décadas de 1950 e 60, surge a revista Playboy¹². O estudo de Preciado (2020) cita o conceito de heterotopias de Foucault, que diz que essas são contraespaços em que os padrões morais são temporariamente suspensos, o que

¹² A primeira edição da revista Playboy, lançada nos Estados Unidos em 1953, trouxe a atriz Marilyn Monroe como sua primeira capa, tornando-se desde então um grande sucesso. A primeira aparição desta publicação no Brasil ocorreu com a Revista do Homem, lançada em agosto de 1975, uma iniciativa da Editora Abril (Giordano, 2012).

leva a outras formas de poder que se desviam dos padrões sociais tradicionais. Além disso, com a Playboy reinventando as utopias sexuais, passamos a ter uma pornotopia, definida por Preciado (2020) como sua capacidade de alterar as convenções de gênero ou sexualidade por meio da construção de relações entre sexualidade, gênero, pornografia, prazer, espaço (doméstico e público) e tecnologia.

"A invenção da pornotopia é a produção de uma domesticidade orquestrada e coreografada com dispositivos técnicos de vigilância e reprodução audiovisual" (PRECIADO, 2020, p. 85). Isso se desenvolve durante a Era Farmacopornográfica, em concordância a Preciado (2020), marcada pela emergência da produção de medicamentos e políticas para controlar o corpo e a subjetividade; logo, a Playboy entra nesta combinação. Para Preciado (2020), a pornotopia Playboy é uma consequência da comercialização da vida privada.

Desde então, o prazer é resultado do fluxo contínuo de informações e imagens, que é típico do período turbulento da comunicação em massa e da informática, e é intensificado agora pelo digital e pós-massivo. Como resultado, há um pressuposto implícito em nossas discussões sobre as semelhanças e diferenças entre a pornotopia OnlyFans que estamos investigando e a pornotopia Playboy de Preciado (2020). Ao contrário da Playboy, que lançou um imaginário amplo de corpos e sexualidades há décadas, a OnlyFans agora ocupa o trono do espaço pornográfico, suscitando novos valores e práticas sociais.

Além disso, devido às peculiaridades históricas e, principalmente, econômicas, o paralelo é analisado com cuidado. Hoje, os criadores do OnlyFans encontraram, na plataforma, uma maneira de ganhar dinheiro, resultado também da precarização do trabalho em todo o mundo, dessa forma, o momento exige que os trabalhadores sejam criativos e enxerguem na visibilidade e desempenho de seus corpos uma chance de sobrevivência financeira (PRECIADO, 2020). Logo, o homem consumidor-ideal da Playboy dos anos 1950/60 antecipou o trabalho flexível (PRECIADO, 2020).

É comum percebermos funções básicas que a pornografia exerce na vida dos adolescentes, tais como fonte de informações, forma de interação social e estímulo para excitação sexual. No que tange à função da interação social, os adolescentes dizem ser uma experiência comum assistir vídeos pornográficos entre os amigos (Löfgren-Mårtenson & Månsson, 2009). Mas, as reações e as brincadeiras que surgem servem como um termômetro dos padrões comuns, tudo é observado entre eles e

nem sempre a excitação ocorre. Quanta à função informativa, os jovens relatam que não gostam da pornografia, devido às diferenças no tratamento entre os gêneros, as agressões e a depreciação da mulher apresentada no contexto da pornografia cinematográfica. Outra informação extremamente relevante é a fala de que alguns adolescentes sentem-se influenciados a idealizarem corpos perfeitos e a realizarem boas performances sexuais.

Segundo Takara (2021, p. 5):

As mídias constituem uma educação que é produto e constituinte de práticas que localizam a dimensão sexual no campo das abjeções ao oferecer modos de ser e de agir e negligenciar a complexidade das relações. No entanto, temos o fenômeno contemporâneo de cisão que enuncia que a sexualidade não é campo da escola e da educação e, ao mesmo tempo, os sistemas industriais farmacopornopolíticos e as dimensões performativas de gênero orientadas por uma dimensão cultural geram uma lógica cisgênera, heterossexual e mercadológica sobre o sexo.

Compreender a pornografia é perceber que ela utiliza de ferramentas como o som, a performance, efeitos televisivos e tecnológicos e textos, a fim de produzir uma história que narra o sexo como temática central, além do toque, as preliminares, órgãos sexuais, orifícios e fluidos, tudo é comedido e guiado por um *script*, a fim de despertar o desejo. Para Le Breton (2016), a percepção não é apenas os sentidos humanos, existe uma compreensão de que a percepção nos relaciona de forma que nos atravessa o mundo em si.

Em Le Breton (2006), “a percepção não é coincidência com as coisas, mas interpretação. Todo homem caminha num universo sensorial ligado àquilo que sua história pessoal fez de sua educação”, uma interpretação que coloca um indivíduo em um estado de entendimento e confronto. O significado não é um elemento intrínseco às coisas, como um tesouro escondido, mas surge na interação do homem com o mundo e no diálogo com outros, na definição de sua conformidade ou não com categorias estabelecidas. Sentir o mundo é, de certa forma, uma outra abordagem para compreendê-lo, convertendo o que é tangível em algo compreensível. O mundo tangível é uma expressão em termos sociais, culturais e pessoais de uma realidade que seria inacessível sem a mediação da percepção sensorial humana, enraizada em um contexto social. Ele se apresenta ao ser humano como uma fonte interminável de possíveis significados e experiências. “O corpo projeta um filtro sobre o ambiente, ele

encarna um sistema semiológico. A percepção não é realidade, mas a maneira de senti-la” (Le Breton, 2016, P. 29).

O sentido e a imagem, na pornografia, ganham protagonistas que, se analisarmos, são apenas imagens de corpos se entrelaçando que passam a fazer valer a partir de uma ordem superior, a ordem do sentir de fato. Le Breton pode nos explicitar em seu fragmento:

As imagens transcendem o real e suscitam a temível questão do original. Mas o real não é mais senão imagem, esta acaba se transformando ela mesma em original mesmo incessantemente manipulada por objetivos interesseiros. manipulação das imagens, dos ângulos de visão ou de enfoque, das legendas que as acompanham ou das múltiplas técnicas que finalmente acabam desaguando num produto final (Le Breton, op cit., p 51).

Nesse sentido, empenhou-se em levantar, a partir dos estudos de Takara (2022), a seguinte reflexão: será que a pornografia, de alguma forma, educa, ensina, controla, manipula os sentidos e o ser?

3.2 Interlocuções e diálogos com o conceito de pedagogia das pornografias

O termo "pedagogia pornográfica" ou "pedagogia das pornografias" não tem sido discutido por autores que poderiam abordar criticamente o efeito da pornografia na sexualidade, como consequência também na educação sexual. No entanto, podemos propor o conhecimento e a produção de diversos autores para embasar e sustentar essa discussão.

Foucault destaca a importância das práticas discursivas e das tecnologias de poder na formação dos sujeitos e na construção das normas e comportamentos sexuais (Foucault, 1995). Nesse contexto, a pedagogia pornográfica pode ser compreendida como uma forma de educação sexual que utiliza a pornografia como meio de transmitir conhecimentos e moldar as percepções e atitudes em relação à sexualidade.

Conforme afirmou Attwood (2016), a pornografia contemporânea desafia as noções tradicionais de sexualidade e gênero, oferecendo uma variedade de representações e práticas que desafiam os estereótipos estabelecidos. Sua pesquisa aponta como a cultura pornográfica reflete e influencia as transformações sociais,

além de ressaltar como as representações e sentidos foram transformados na era moderna, principalmente no Ocidente, como o corpo, o ver e sentir passam por transformações ao longo das décadas.

Attwood (2016), escritora que buscou analisar a influência das mídias pornográficas para mulheres e suas particularidades, destacou como as mudanças na cultura popular começaram a legitimar a noção de uma "pornô para mulheres", que Juffer (1998) chama de "pornografia domesticada". Segundo Juffer, esses materiais sexualmente explícitos foram "domesticados" de suas partes especificamente "masculinas" para "criar espaços para seu consumo e fantasia dentro (...) das rotinas diárias" (1998, p. 5). A *For Women (FW)*¹³ e seus oponentes surgem dentro desses fenômenos midiáticos distintos.

Segundo Susanna Paasonen, pesquisadora da pornografia, mídia digital e sexualidade, a compreensão dos afetos envolvidos na experiência da pornografia on-line é fundamental para uma análise da influência dessa mídia na percepção e compreensão da sexualidade. Em sua obra "*Carnal Resonance: Affect and Online Pornography*" (2011), a autora explora a forma como as emoções desempenham um papel intenso nessa experiência.

Paasonen argumenta que a pornografia on-line não se limita apenas à dimensão visual, mas também envolve aspectos emocionais e afetivos. Ela destaca que as emoções despertadas pela pornografia, tais como: excitação, prazer, desejo e até mesmo desconforto ou repulsa desempenham um papel na forma como a sexualidade é percebida e compreendida pelos espectadores. Essas emoções podem moldar as atitudes, os desejos e as fantasias sexuais dos indivíduos, bem como influenciar suas expectativas em relação às experiências sexuais na vida real. Ao compreendermos as nuances dos afetos envolvidos na experiência da pornografia on-line, podemos questionar e refletir sobre como essas emoções podem impactar a construção de narrativas e representações sexuais.

Paasonen (2011) propôs a consideração de como a pornografia pode gerar emoções que refletem normas e expectativas sociais preexistentes. Nesse sentido, a pesquisa de Susanna Paasonen, sobre como os afetos impactam a experiência de pornografia on-line, mostra os mecanismos complexos de formação da sexualidade.

¹³ A Portland Publishing, divisão de primeira linha da N & S, lançou *For Women*, Revista de Conteúdos adultos para público feminino (Attwood, 2016).

Com base em suas pesquisas, é possível questionar as narrativas e representações pornográficas dominantes; essa dominação, que também pode ser chamada de doutrinação, teoria que pode ser mais aprofundada pelos postulados de Han.

A pornografia não se trata apenas de tornar possível o prazer, mas também é uma alienação do prazer durante a relação real. Ela se dissolve em uma dimensão da mulher que precisa performar e o homem que precisa ter desempenho de touro. Assim, o prazer já não é prazer, é apenas câmeras e ação. Nesse processo, o corpo passa a ser um objeto da coisa expositiva e alienado à reprodução sistêmica e lucrativa (Han, 2017, p. 33). Há autores que acreditam que a pornografia também está no campo cultural:

A pornografia não é simplesmente uma forma de entretenimento adulto, mas um campo cultural que reflete e molda as normas e tabus sexuais. Ao examinar a pornografia como um fenômeno sociocultural, podemos compreender melhor as contradições e complexidades em torno da sexualidade humana. Através de uma análise crítica, podemos desafiar os discursos dominantes e as representações estereotipadas, buscando uma sexualidade mais diversa, saudável e consensual (Williams, 1999, p. 40)

Ainda no pensamento de Williams, por meio da exploração dos elementos visuais e sensoriais presentes na pornografia, adentramos em uma compreensão mais aprofundada de como desejos e fantasias sexuais são moldados, negociados e comercializados na sociedade contemporânea. A pornografia transcende sua mera natureza como um produto da indústria do entretenimento adulto, tornando-se um reflexo das normas culturais, das relações de poder e das dinâmicas sociais que influenciam e moldam nossa percepção da sexualidade. Ao analisar atentamente essas representações, somos capazes de desvelar as complexidades da experiência sexual e, simultaneamente, questionar as normas socialmente impostas (Williams, 1999, p. 10). Contudo, o fenômeno atual de cisão indica que a sexualidade não se enquadra no âmbito escolar e educacional. Simultaneamente, os sistemas industriais de farmacopornopolítica¹⁴ e as dimensões performativas de gênero, guiadas por uma

¹⁴ O Farmacopornopolítico é um sistema que disponibiliza programas fundamentados em justificativas biológicas que legitimam narrativas culturais que foram estabelecidas hegemonicamente. Em vez de proporcionar oportunidades de expressão, a performatividade é banalizada e os programas de masculinidade e feminilidade seguem roteiros pré-definidos em filmes pornográficos, apoiados por narrativas que não elucidam nem consolam: discursos que se tornaram corpos de insatisfação: um farmacopornopolítica é um sistema que cria espaços vazios e os preenche com imagens pornográficas, medicamentos para controlar e disciplinar os corpos (Preciado, 2018).

perspectiva cultural, criam uma lógica cisgênera, heterossexual e de mercado acerca do sexo (Butler, 2018; Preciado, 2018).

Entrelaçar as críticas e problematizar os trâmites concernentes à dimensão sexual configura-se, ademais, como uma incursão propiciadora de fomento às discussões acerca dos sistemas de ostracismo. Estes que, por sua vez, orquestram a concepção do sexo e da sexualidade como tópicos impróprios à esfera educativa e, simultaneamente, como a indústria midiática e farmacêutica se aproveitam da ocasião para engendrar e catalisar o consumo pertinente à temática sexual (Preciado, 2018).

Para Camozzato (2012), é produtivo pensar que as pedagogias estão inseridas nos processos que nos moldam como sujeitos de um tempo específico, em um contexto particular e localizado. Dessa maneira, há vários espaços e artefatos disponíveis para que as pedagogias operem, possibilitando que os indivíduos aprendam a se modificar e a estabelecer relações consigo mesmos e com o mundo ao seu redor. Isso se refere, mais precisamente, à funcionalidade desses espaços em que as pedagogias circulam e operam, sendo consideradas pedagógicas justamente por estarem direcionadas “à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam [se comportam] ou se controlam a si mesmas” (Larrosa, 1994, p.57).

A pedagogia, nesse sentido, cria fronteiras, desenha limites, produz e erige. As pedagogias que nos atravessam e permeiam ordenam, demarcam, constroem localizações e modos presumivelmente adequados de vivenciar o mundo e seus processos. A pedagogia não está confinada a um espaço institucional demarcado, como a escola, por exemplo, mas está em ação, de forma produtiva, em todas as instâncias, espaços e artefatos em que se impõe uma operação para modificar os modos dos sujeitos estarem no mundo. Assim, a pedagogia visa operar uma modificação, uma transformação dos sujeitos com os quais trabalha. (Camozzato, 2012)

A dinâmica cultura contemporânea precisa ser destacada como um importante instrumento de multiplicação dos nomes e lugares em que as pedagogias se ancoram; uma poderosa multiplicação dos modos de ver e ser visto, de falar e ser falado, implicando numa multiplicação das diferenças. Experiências do e com o presente vêm

sofrendo transformações, reconfigurando as faces do mundo, incluindo a nós, que fazemos parte dele.

Talvez não se trate de novas pedagogias em ação, mas de novas ênfases, de reconfigurações, formas atualizadas de funcionamento e de colocação em operação dos discursos de hoje. É assim que o conceito “nomeia o gesto de uma apreensão, é uma captura” (Derrida; Roudinesco, 2004, p.14). Está envolvido nas estratégias de reformulação a partir das descontinuidades, dos limiares, das mutações, das transformações.

Em relação a essas questões, é importante salientar que inúmeros usos do conceito de pedagogia vêm sendo utilizados e propostos. Trata-se de pedagogias disso, daquilo e daquele outro. De fato, o uso desse conceito vem sendo cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de determinados discursos específicos em artefatos destinados a educar e a produzir determinados tipos de sujeitos.

De acordo com Camozzato (2012), nas discussões sobre as pedagogias do presente, um foco comum atravessa: elas estão centralmente articuladas às práticas sobre si. É preciso agir sobre si mesmo para que os discursos sejam implementados. Há, assim, uma dupla articulação: de um lado, convocações para que os indivíduos ocupem determinadas posições-de-sujeito, atuando sobre si mesmos sobre o outro, a resposta a essas mesmas convocações mediante a adoção de práticas que associem os indivíduos aos saberes.

São nas pedagogias do presente que podemos compreender pedagogia pornográfica, que não se propõe aqui uma pedagogia para enquanto instituição, ou contexto escolar, mas uma forma de perceber como determinados discursos e artefatos produzem seus processos de subjetivação e criação de sentidos.

Uma vez que espaços educativos formais e informais passam a ser negligenciados, perante à subjetivação e à construção da sexualidade, outras formas ganham espaços, como a pornografia:

Entendo que por falta de espaços de socialização, exposição, discussão e pela experiência entendida como obscena e que conena a sexualidade, ao invés de percebê-la como parte da vivência e da experiência humana, os corpos são fragilizados diante das experiências sexuais e motivados a uma lógica que impulsiona, valoriza e estimula a pornografia como único espaço em que o sexo e a sexualidade são apreendidos (Takara, 2022, p.100).

Uma vez que esses corpos são dispostos por uma ordem que os atravessam e governam, alguns sentidos ficam negligenciados, o que antes o prazer poderia envolver tato, cheiro e gosto, fica a serviço do ver, ouvir e performar. Performance essa cujo poder exercido não é perceptível. Ele opera de ordem superior, a disciplina que acontece ali é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. Para individualizar a pessoa, utiliza-se do exame, que é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los para utilizá-los ao máximo, segundo Foucault (1997).

Esse poder exercido pela pornografia que objetifica, controla e exerce uma função enquanto aparato educacional é o que discutiremos no próximo capítulo.

4 AS RELAÇÕES DE PODER SOBRE A SEXUALIDADE: UM OLHAR COM BASE NOS ESTUDOS DE MICHEL FOUCAULT

Na atualidade, as relações de controle se dão de diversas formas, sejam elas a política, as relações escolares e/ou familiares. De alguma forma, as mídias ainda têm um papel fundamental nesse determinado controle, ela dita os clichês, as formas de relação e expressão sexual, coloca um modelo a ser seguido, pois objetifica as relações estabelecendo o que, e de que forma devem ocorrer. E sem perceber, o receptor já está atrelado à trama do desejo de outrem, silenciando sua subjetividade e seus desejos. Nesse sentido, não tomamos, neste trabalho, a crítica pela crítica, não podemos desresponsabilizar o sujeito por um todo de seu processo e desenvolvimento humano. Tomamos aqui a crítica que parte de um lugar, esse lugar da sociedade, da família, do governo, da escola, [...] “ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que se aceitam” (Foucault, 1994). A essa relação, a sexualidade perpetua-se como um lugar onde os conservadores mantêm um determinado controle sobre as novas gerações, os pais sobre filhos, o professor sobre seus alunos (Nunes; Silva, 2000; Vianna, 2012).

Essas relações de poder sobre os corpos são produzidas a partir da perspectiva da ação de um organismo sobre o outro, sendo:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (Foucault, 1995, p. 244).

A docialização dos corpos passa pelo processo através dos dispositivos. É a padronização dos corpos através do controle, sendo assim, Foucault caracteriza a disciplina como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo”, o corpo, por sua vez, está suscetível a essa manipulação, “e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1987, P. 118).

"A relação do corpo que se modela, manipula, treina-se e obedece revela-se como o ápice de descoberta durante a época clássica, em que o corpo é concebido como objeto e alvo" (Foucault, op. cit., p.132). Nesse sentido, Foucault (op. cit., p.135) observa que tal poder eminente também permeia a educação cristã, militar e as pedagogias, destacando-se apenas a forma como ele se oculta, ou seja, a relação de

capturá-lo, o controle exercido sobre ele.

Além de Foucault, Linda Williams analisa o fenômeno da pornografia, sexualidade e poder:

A pornografia, em sua diversidade de gêneros e representações, não pode ser compreendida isoladamente da interseção de raça, classe e gênero. Ao examinar as imagens e narrativas pornográficas, devemos considerar não apenas suas representações explícitas, mas também as complexas relações de poder e as dinâmicas de dominação que são articuladas e perpetuadas através dessas imagens. É essencial analisar criticamente como a pornografia pode reproduzir estereótipos e reforçar desigualdades sociais, e como podemos trabalhar para uma sexualidade mais inclusiva e emancipatória (Williams, 1989, p. 30).

Para Williams (1989), a pornografia pode ser entendida como um aparato de poder, não é explícita, mas age de modo subliminar. Além disso, a forma como qual ela se insere na sexualidade não seria apenas no ver, mas na produção de características que modelam os comportamentos dos sujeitos.

Foucault (1987) enfatiza que o controle disciplinar não se limita ao desejo de ensinar, mas envolve uma série de gestos e atitudes globais que otimizam o tempo por meio da imposição do controle. Isso resulta em rapidez no processo e submissão, revelando a existência de pedagogias que visam educar não apenas corpos, gestos e comportamentos, mas também subjetividades.

Há toda uma técnica da imagem a ser organizada pró e contra o amor. Aliás será um dos aspectos mais constantes da ética sexual, desde o fim da antiguidade, a luta contra as imagens internas ou externas com condição e garantia da boa conduta sexual (Foucault, op. cit., p. 141).

Essa boa conduta sexual pode ser compreendida pela conduta que é dita pela moralidade, sendo esta compreendida como impudor ao ser introduzida nas casas onde o próprio “amor” pode ser ferido. No século XVI e XVII, a filosofia cristã também se empodera desse dispositivo de regulação da sexualidade através de Santo Agostinho, segundo Foucault

Entre essas recomendações dietéticas e os preceitos que se poderá encontrar mais tarde na moral cristã e no pensamento médico, as analogias são numerosas: princípio de uma economia estrita visando a raridade; temor das desgraças individuais e dos males coletivos que podem ser suscitados por um desregramento da conduta sexual; necessidade de um domínio rigoroso dos desejos, de uma luta contra as imagens e de uma anulação do prazer como fim das relações sexuais. Essas analogias não são semelhanças longínguas. Continuidades podem ser indicadas. Algumas delas são indiretas e passam pela mediação das doutrinas filosóficas: a

regra do prazer que deve ser um fim transitou, sem dúvida, no cristianismo, mais pelos filósofos do que pelos médicos. (...) Considerando somente esses traços comuns pode-se ter a impressão que a ética sexual atribuída ao cristianismo, ou mesmo ao Ocidente moderno, já estava instaurada, pelo menos em relação a alguns de seus princípios essenciais, na época em que culminava a cultura greco-romana. Mas isso seria desconhecer diferenças funda mentais que dizem respeito ao tipo de relação consigo e, portanto, à forma de integração desses preceitos na experiência que o sujeito faz dele próprio (Foucault, 1985, p. 146).

Desse modo, é evidente, nos estudos de Foucault, que em diversos lugares e espaços se permeiam relações de poder e tais relações serão tanto efetuadas como consagradas; sejam elas no saber médico, no religioso ou nas possibilidades da ação de assujeitamento. Nesse sentido, tais relações não seriam diferentes no governo, na família e na escola. Portanto, podemos pensar que em todos os lugares onde o sujeito está inserido pode existir uma possível relação que age pelo controle, ainda que sutilmente.

Na educação, é possível inferir a ideia do autor, se analisarmos as correlações entre o sujeito e o mundo e a ideia de individualidade; em que cada sujeito percebe ou não as relações implícitas e explícitas dessa relação de poder experienciada por ele. A forma como esse corpo-objeto manipulador, no caso as mídias, se relaciona com as relações de poder é o que os amarra uns aos outros, constituindo um complexo que engloba o corpo-objeto, o corpo-máquina, o corpo-mídia, pais-filhos e professor-alunos. Nesse contexto, o corpo se torna um aparelho de reprodução, responsável por perpetuar o continuum da microfísica do poder (Foucault, 1987, p.138).

Para compreendermos como os dispositivos funcionam, aprofundamos a análise dos dispositivos que exercem o controle.

Para Foucault (1995c, p. 244), dispositivo é definido como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

No âmbito do conhecimento, deparamo-nos com as curvaturas de visibilidade e de expressão. Os mecanismos configuram-se, assim, como instrumentos que proporcionam observação e estimulação comunicativa. Relativamente ao domínio de

poder, esses sistemas envolvem linhas de influência, distribuição e tensão de potências, dessa forma, a esses instrumentos que exercem esse campo de força e controle, chamamos de dispositivos. E, por último, ocorre um processo de formação de subjetividade, uma geração de subjetividades (Deleuze, 1990). Tais mecanismos podem ser descritos por Agamben (2009, p. 46),

Foucault (...) mostrou como, numa sociedade disciplinar, os dispositivos visam, através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, à criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua “Liberdade” de sujeitos no próprio processo de seu assujeitamento. Isto é, o dispositivo é, antes de tudo uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo.

Neste sentido, ao mesmo tempo que produzimos, somos atravessados por processos de controles e, como resultado, podemos inferir que as tecnologias da pornografia desempenham um papel significativo como dispositivo na configuração de caminhos privilegiados de subjetivação. Elas afetam scripts culturais, performático (do como fazer, sentir, até mesmo ser), performances de cenas e ocorrem em várias esferas, incluindo produções simbólicas da mídia e regras de comportamento sexual.

4.1 A performance e os sentidos

Durante essa performance é possível que esse assujeitamento, esse controle não passe pela percepção, talvez não a percepção do toque, do gosto, do cheiro, mas a produção de outros sentidos (o que poderíamos chamar de consumo); talvez ele não seja tão explícito e claro em alguns sentidos, para melhor explanar, destacamos fragmentos de Le Breton (2009, p. 141-142):

(...) a cultura afetiva não oprime o ator com uma carapaça de chumbo: ele é manual de instruções (*poderíamos dizer, script*) que lhe sugere a resposta adequada a cada particular circunstância.

Ela não se impõe como uma fatalidade mecânica, não apenas porque o ator a “encena” com a expressão dos seus estados afetivos, mas também porque esse último nem sempre está de acordo com as expectativas implícitas do grupo.

Le Breton enfatiza sobre ação e produção:

Quando abdica de expectativas às quais conferia importância, ele se esforça em tergiversar a fim de aproximá-las mediante um remendo pessoal e de manter assim sua auto-estima, bem como a imagem pessoal que pretende transmitir a seus *significant others*. (...) As emoções ou sentimentos revelam-se papéis desempenhados socialmente.

Este é um reflexo da "ligação entre os indivíduos enquanto seres vivos e o componente histórico, compreendendo por esse termo o conjunto das estruturas, dos procedimentos de internalização e das normas em que se materializam as interações de autoridade" (Agamben, op. Cit., p. 32). O mecanismo sempre teria, portanto, uma função estratégica, resultante das relações de poder e de conhecimento que "parece referir-se a um conjunto de práticas e mecanismos (tanto linguísticos como não linguísticos, legais, técnicos e militares) que têm o propósito de enfrentar uma urgência e de alcançar um efeito mais ou menos imediato" (Agamben, 2009, p. 35).

Desse modo, os sistemas implicam sempre um processo de internalização, ou seja, devem gerar o seu sujeito. Conforme ressalta Agamben (2009, p. 40): "designarei explicitamente como mecanismo qualquer coisa que possua de alguma maneira a capacidade de capturar, guiar, definir, interceptar, modelar, controlar e garantir os movimentos, os comportamentos, as opiniões e os diálogos dos seres vivos". E "todo mecanismo implica um processo de subjetivação, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de governo, mas se reduz a um mero exercício de violência" (p. 46).

Esse dispositivo foi estudado por Foucault que empenha no poder o sentido de relação: a autoridade/controle provém da estrutura do desempenho que é aplicada em corpos e atividades - quer seja através da comunicação, quer seja através dos estímulos que acontecem em um contexto não-verbal ou de observação.

Assim, se empenharmos em discutir essa relação de poder que a pornografia ou outras mídias exercem no sujeito, a imagem e todo contexto juntos mantêm a produção de um sentido de corpos e modos do sujeito ver e ser no mundo. Esse lugar privilegiado da pornografia, retomando a discussão central desse trabalho, constrói um confortável caminho para que ela ocupe espaços, às vezes, negligenciados, ressaltamos esse "às vezes", pois não podemos afirmar que somente ela ocupa o lugar da educação sexual, ela pode ser contruída também a partir da família, da escola e da conversa com amigos. Entretanto, o que buscamos enquanto pesquisa é fundamentar o fato de que a pornografia também exerce um papel educativo¹⁵.

Em consonância com as reflexões de Takara (2022) e Han (2017), é perceptível

¹⁵ A noção de que a pedagogia pornográfica permeia as relações midiáticas, familiares, religiosas, locais e em vários grupos e contextos indica que existe uma prática de educação fora do espaço escolar. Entender a noção de pedagogia pornográfica permite que o sujeito veja seu papel educacional e socializante (Takara, 2022).

que a busca excessiva por transparência antagoniza o deleite. A demanda contemporânea por visibilidade, em uma era de conectividade constante, engendra uma economia de exposição que menospreza a importância do contato genuíno e da interação autêntica, relegando o corpo a um estado de obsolescência a ser constantemente aprimorado, ou seja, ao corpo se restringe controle. Essa abordagem desfaz o vínculo entre o prazer e a percepção e enfraquece a conexão entre o corpo e sua encarnação no mundo concreto. O corpo é reduzido a mero dado a ser atualizado, perde sua posição de própria essência da existência. Nessa perspectiva, a capacidade de vivenciar a coexistência com o outro é subestimada, comprometida e negada. Nos dias atuais, como lamentou Han (2017), parece que a esfera erótica da experiência humana está progressivamente em declínio e, conseqüentemente, como ele observou, torna-tudo objeto de consumo.

Em consonância ao pensamento de Han, podemos analisar, na atualidade, que o corpo passa também pelo processo de comercialização, não aquele da prostituição pessoalmente, mas sim, virtual. Enquanto antes era possível comprar o prazer por um vídeo cacete, DVDs; hoje as pessoas utilizam de plataformas, onde, através de um *clique*, podemos assistir, em tempo real, a alguém se exhibir por câmeras de qualquer lugar do mundo. Durante a exibição, o ator e/ou profissional do sexo pode realizar os desejos do contratante que faz as solicitações do outro lado, mesmo que seja somente no campo visual e superficial da relação.

Nesse contexto, como substrato do mundo, ponto de conexão com a existência, dimensão/essência do intercâmbio de vivências e cultivo de prazeres, nos encontramos relegados ao reino da informação que desvane as sensações corpóreas. É o domínio do delírio que prevalece. Em meio a uma multiplicidade de significados, acreditamos – ou talvez queiramos acreditar – na capacidade de experimentar sensações, contudo, sem efetivas interações. Em lugar do desejo que nos impulsiona à ação, o Delírio nos paralisa diante dos monitores. Imagens e anseios são capturados, disseminados, apreciados e compartilhados. Ainda são nossos corpos? Desejamos ainda? Ou esta é a forma imposta de expressão? A quem pertence o corpo com o qual você coexiste? A você mesmo? Ou ele é governado pelos mecanismos de construção, exploração e exposição das mídias contemporâneas, como propõe Takara (2022). Todas essas perguntas, propostas por Takara, surgem como uma ótica crítica através da qual podemos examinar os intrincados laços entre as dinâmicas

contemporâneas das mídias e a construção da identidade, corpo e desejo. Em seu questionamento, "De quem é o corpo que você vive?", Takara nos convoca, a partir de tal questionamento, a pensar sobre o grau de influência que as plataformas digitais exercem sobre a nossa concepção de self e a nossa relação com o próprio corpo.

Ao investigar a indagação "São os nossos?", somos instados a considerar a autenticidade das aspirações e desejos que nutrimos em um ambiente cada vez mais digital. A abordagem sugere que, em meio à constante inundação de informações e representações midiáticas, a linha entre o desejo intrínseco e o moldado externamente pode muitas vezes se tornar tênue. Isso nos coloca diante do desafio de discernir até que ponto nossas motivações genuínas são permeadas pela influência das plataformas digitais.

Por fim, "Estamos desejando ainda? Ou este é o modelo de expressão?", amplifica a discussão ao questionar até que ponto nossos desejos permanecem verdadeiramente nossos ou se foram, de alguma forma, cooptados por um ambiente virtual que muitas vezes promove uma homogeneização das expressões e aspirações individuais. Dizemos isso, considerando, especialmente, o que está acontecendo com o impulsionamento das Inteligências Artificiais (IA) no mundo todo. A aceleração tecnológica e a crescente onipresença das mídias digitais têm o potencial de moldar nossos desejos de maneiras sutis, porém significativas, à medida que internalizamos narrativas e valores promovidos por essas plataformas. Logo, elas podem nos controlar, sem que percebamos.

Nesse contexto, Takara (2022) serve como um chamado à autorreflexão e à vigilância constante sobre a interação complexa entre as mídias contemporâneas e nossos próprios processos internos (sexualidade). As questões por ele levantadas não apenas expõem o panorama inconstante e mutável da experiência humana no mundo digital, mas também nos coloca a refletir sobre o alcance da influência midiática em nossas vidas. Takara, ao propor que as mídias pornográficas têm um influência pedagógica sobre a sexualidade humana, retoma o pensamento de Foucault, uma vez que, muitas vezes, o sujeito pode não ter percepção sobre tal influência, nem sequer sobre o fato de que tais mídias exercem um papel educativo.

5 PERCURSO METODOLÓGICO: “Navegar é preciso; viver não é preciso”

Costumeiramente, fazemos referência ao poeta Fernando Pessoa por sua célebre frase: "navegar é preciso; viver não é preciso". Inspirando-nos nesse pensamento, percebemos que ele reflete um pragmatismo em relação à existência humana, indicando a importância de superar desafios para atingir os objetivos almejados. Portanto, antes de formular qualquer juízo sobre o tema em análise, é essencial empreender essa jornada exploratória.

A fase de elaboração da pesquisa representa, indubitavelmente, um período de confronto íntimo com as diversas ideias que surgem no âmbito do domínio a ser investigado. Essa etapa demanda a habilidade de discernir e selecionar direções que permitam aos investigadores desenvolver raciocínios e saberes que direcionam eficazmente a interpretação do nosso "objeto" investigativo. Assim, compreendemos que a metodologia engloba a trajetória adotada neste estudo para fundamentar visões e métodos sobre a maneira como os participantes discernem a influência da pornografia em sua sexualidade e se a pornografia supre as lacunas deixadas pela educação sexual formal e pelos meios informais, como o ambiente familiar.

Neste estudo, reconhecemos um princípio que sustenta nossa abordagem metodológica: tanto os participantes quanto o pesquisador são agentes ativos neste processo. Após concluir a etapa conceitual que estabeleceu a problemática inicial, chegamos ao ponto de definir as estratégias metodológicas para a pesquisa empírica conduzida neste estudo.

Neste capítulo, vamos detalhar o tipo de pesquisa que escolhemos seguir, incluindo o método utilizado para coletar dados. Depois descreveremos a população e a amostra estudada, em seguida, analisaremos e discutiremos os resultados alcançados.

Na formulação e execução dessa pesquisa, fizemos questão de aderir rigorosamente aos procedimentos metodológicos para reduzir qualquer distorção possível.

A discussão sobre a relevância de integrar a Educação Sexual nas escolas é antiga, com muitos argumentos e planos de ação propostos. Contudo, são raros os estabelecimentos educacionais que desenvolvem programas sólidos em Promoção da Saúde, incluindo atividades específicas voltadas para a Saúde Sexual. Como

curiosidade, na maioria das escolas em Portugal, as atividades realizadas tendem a ser puramente informativas e, às vezes, parecem ser realizadas mais para atender a uma exigência governamental do que por uma intenção genuína de educação. Além dos desafios e restrições frequentemente mencionados pelos professores em relação à sexualidade, outros fatores precisam ser considerados, como a capacitação dos educadores em Promoção e Educação para a Saúde e a implementação de programas de Promoção da Saúde nas escolas. A Educação Sexual deve receber a mesma atenção que outras áreas importantes, como saúde bucal, nutrição adequada, prevenção ao uso de drogas e promoção da atividade física. Todo esse cenário de Portugal se assemelha em todos os sentidos ao Brasil.

Para tal investigação, todos os pressupostos apresentados aliados à nossa preocupação, enquanto profissionais das ciências humanas e da saúde, e como tal intervenientes no processo de promoção de saúde e desenvolvimento dos indivíduos, conduziu-nos à realização do presente trabalho.

Nesse sentido, depois de extensivas revisões literárias nas áreas de Educação, Saúde, Promoção da Saúde, Educação para a Saúde e Educação Sexual no contexto escolar, acreditamos ser apropriado e útil conduzir um estudo que examine e esclareça este objetivo educacional, tornando-o mais tangível mediante às questões levantadas nos objetivos principal e específico.

Desse modo, busca-se estruturar o design da nossa pesquisa, o qual é definido como um esquema racional desenvolvido pelo pesquisador para alcançar respostas confiáveis para as perguntas de pesquisas propostas (Fortin, 1999:132).

Nesse sentido, no decorrer da pesquisa bibliográfica, quando foram selecionados artigos de 2015 a 2020, surgiram algumas inquietações que foram convertidas em perguntas no questionário desenvolvido (Apêndice), tais como: Qual a opinião dos participantes face à educação sexual que tiveram, no contexto escolar e familiar; Qual a frequência do consumo de pornografia dos participantes?; Os participantes têm consciência da influência ou não da pornografia em sua sexualidade?; Os participantes sentem-se forçados a performar as imagens das mídias pornográficas?; Qual a opinião dos participantes em relação à educação sexual que tiveram?; A educação sexual que eles tiveram teve influência de costumes ou cultura conservadora?; Quais as dificuldades/constrangimentos sentidos pelos participantes ao abordar o tema Educação Sexual junto da família?; Qual o nível de

informação em que se situam os jovens no que se referem às questões ligadas à Sexualidade?; Qual a importância atribuída pelos alunos face à abordagem da temática em contexto escolar?

Optamos por conduzir nossa pesquisa com os estudantes dos primeiros e segundos anos de todos os cursos acadêmicos da área da saúde, em uma instituição de Ensino Superior, localizada no Sul de Minas Gerais. Para garantir a proteção da privacidade e manter a confidencialidade dos participantes envolvidos no estudo, detalhes específicos sobre a Universidade e a cidade em questão serão deliberadamente excluídos. A escolha pelo Ensino superior justifica-se pelo motivo de os alunos já terem finalizado sua educação sexual em âmbito escolar e possivelmente já terem iniciado sua vida sexual.

Uma vez determinadas as questões de investigação norteadoras¹⁶, procedeu-se à classificação do estudo e opções metodológicas. Assim, o objetivo do presente capítulo é descrever a metodologia da pesquisa, como foi a inserção no campo de pesquisa, ou seja, como se deu a entrada em campo do pesquisador no “campus” universitário; destacando os meios que direcionaram, organizaram e pautaram nossa permanência no campo de pesquisa. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 71043223.9.0000.5102, e Número do Parecer 744.370 6.247.293 (Anexo 1).

5.1 Classificação do estudo

A abordagem metodológica que foi adotada nesta pesquisa é de natureza exploratória quantitativa. Como procedimento técnico, fizemos o levantamento de dados através de questionário fechado (Apêndice).

Este estudo abordou a análise quantitativa dos dados ao longo da pesquisa. Segundo Spratt, Walker e Robison (2004), o método quantitativo adota uma estratégia dedutiva, focando na verificação de teorias através da observação de fenômenos sociais de forma objetiva e quantificável.

A análise exploratória permite investigar os mecanismos pelos quais a

¹⁶ De que forma as pornografias educam e elaboram a sexualidade e a construção do ser? Até que ponto o conservadorismo dita o que pode ou não estar na metodologia da educação sexual?

pedagogia pornográfica atua na sociedade contemporânea, questionando seus efeitos na formação dos indivíduos e na construção de uma educação sexual. Desse modo, para coleta de dados, foi elaborado um questionário contendo perguntas sobre: informações demográficas, exposição à pornografia, educação sexual, percepções sobre a pedagogia da pornografia, atitudes e comportamentos sexuais e percepção do moralismo e conservadorismo na educação sexual.

Para Malhotra (2006), as pesquisas exploratórias são empregadas quando o objetivo é coletar dados sobre a essência de um problema. Esse tipo de pesquisa é utilizado quando não existem informações suficientemente estruturadas para conduzir uma pesquisa descritiva ou experimental. Além disso, é aplicado quando o interesse do projeto é obter um volume significativo de informações que revelem, detalhadamente como determinado fenômeno ocorre.

Atendendo à reflexão sobre a pesquisa quantitativa proposta por Knechtel (2014), esta modalidade de pesquisa é destacada por seu enfoque específico em problemas humanos ou sociais, fundamentando-se na avaliação teórica através de variáveis quantificáveis e dados expressos numericamente. A pesquisa quantitativa é reconhecida por sua capacidade de quantificar aspectos como perfis populacionais, indicadores socioeconômicos, preferências e comportamentos individuais, utilizando-se de métodos estatísticos para verificar as generalizações teóricas propostas.

A abordagem quantitativa enfatiza a quantificação em termos de intensidade e magnitude, orientando-se pela mensuração, análise e avaliação da aplicabilidade de técnicas ou recursos, e até mesmo pela introdução de variáveis específicas durante a coleta de dados para obtenção de registros quantitativos. Este método exige do pesquisador um posicionamento de neutralidade e distanciamento em relação ao objeto de estudo, buscando minimizar a influência subjetiva sobre os resultados da pesquisa.

É neste momento que o posicionamento que tivemos foi de orientação, buscamos minimizar o máximo de viés que pudesse ocorrer, como, por exemplo, pedir que um participante não comentasse com o outro sobre suas escolhas de alternativas e certificar que a participação fosse por livre e espontânea vontade.

Os participantes foram informados sobre o principal objetivo do estudo, assim como todas consequências positivas que o aceite de participação acarretou, tais como a contribuição para a construção do saber e conhecimento. Também foi informado

sobre o eventual desconforto que algumas pessoas pudessem sentir ao responder um questionário (Apêndice) sobre sua sexualidade, uma vez que isso pode acionar gatilhos e traumas.

Dentro desse paradigma, a pesquisa quantitativa é rigorosamente associada à quantificação de informações, experimentação, mensuração e controle rigoroso dos elementos analisados, marcando até meados do século XX o fundamento do pensamento científico, conforme enfatizado por Knechtel. Caracteriza-se pela busca da neutralidade do pesquisador frente ao processo investigativo, fundamentando-se em uma abordagem objetiva da realidade.

A autora ainda salienta a importância da coleta e quantificação de dados como pilares da pesquisa quantitativa, visando à medição de opiniões e informações através da estatística e de seus indicativos, tais como: porcentagens, médias e desvios-padrão. Os resultados obtidos são geralmente apresentados em formatos de tabelas, gráficos e textos, facilitando a interpretação e análise dos dados coletados.

Silva e Simon (2005) destacam que a validade de uma pesquisa quantitativa está intrinsecamente ligada à existência de um problema definido de maneira clara e objetiva, assim como ao suporte de informações teóricas e práticas com foco no objeto de conhecimento. Este tipo de pesquisa exige um entendimento prévio das características do objeto estudado e um controle rigoroso sobre ele indicando que a pesquisa quantitativa é apropriada apenas quando o pesquisador possui conhecimento e controle sobre as qualidades do que será investigado.

A pesquisa quantitativa oferece a possibilidade de quantificar os dados coletados, apresenta valores descritivos que são obtidos por meio de análises e cálculos detalhados. Esse processo demanda não apenas uma habilidade com números, mas também um conhecimento profundo sobre o contexto de onde os dados são derivados. Gatti (2004, p. 68) ressalta a importância desse conhecimento ao afirmar que a pesquisa quantitativa “[...] pressupõe um conhecimento amplo e aprofundado da área em que os problemas estudados se situam. Pressupõe o domínio de teorias e o conhecimento de seus contornos epistêmicos”.

Desse modo, em nossa abordagem quantitativa, optou-se por utilizar ferramentas de mensuração específica. Inicialmente, os dados foram planejados e, na sequência, os dados foram avaliados de forma descritiva e analítica. Segundo Perrone (1977), a questão essencial sobre um método não se resume a sua

veracidade, mas sim à sua utilidade para explorar o terreno empírico diante de nós. Em outras palavras, avaliamos o valor de um método com base em sua capacidade de nos aproximar da realidade que estamos estudando. O método utilizado para analisar os resultados foi a análise descritiva.

Assim, decidiu-se por construir a análise e discussão dos dados quantitativos no corpo do trabalho, cruzados com o referencial teórico conceitual, buscando responder as perguntas norteadoras deste trabalho, assim como o sentido das questões e críticas levantadas inicialmente para a realização do estudo.

5.2 Participantes da Pesquisa

Fizeram parte deste estudo 382 participantes que estão cursando o Ensino Superior em uma Universidade no Sul de Minas Gerais. Estes foram inseridos independentemente de sexo, nível socioeconômico, desde que estivessem matriculados no primeiro e/ou segundo ano dos cursos da área de saúde. Para a análise dos dados, trabalhamos com 377 participantes, essa subtração se deu em conformidade com os critérios de inclusão e exclusão, os quais serão mencionados a seguir.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: todos os participantes maiores de 18 anos, de todos os gêneros, que desejassem participar da pesquisa e matriculados no 1º e 2º anos do Ensino superior. Outro critério é que o questionário fosse aplicado em campus acadêmico e presencialmente. No que tange aos critérios de exclusão, foram: os questionários que o participante não respondeu duas perguntas ou mais, lembrando que não foi obrigatório e a desistência em qualquer etapa da pesquisa. Assim, totalizaram-se cinco questionários excluídos, devido ao motivo de os participantes não responderem a quatro questões.

Os participantes só receberam o questionário após serem informados sobre os objetivos da pesquisa, os benefícios e riscos que permeiam esse estudo, assim como após a disponibilização e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes que concordaram em participar desse estudo assinaram o TCLE e responderam o questionário.

Visando apresentar o quadro sociodemográfico dos participantes, realizou-se a análise dos dados em formato de tabelas e gráficos, para uma maior compreensão

das características de cada participante, tais como: sexo, orientação sexual, gênero, identidade étnico racial e renda familiar, com base no valor do salário mínimo atual de R\$1320,00 reais.

5.3 Locus da Pesquisa

A escolha da Universidade e opção de que fosse localizada no Sul de Minas Gerais se deu através de sorteio cujo critério foi de que a Universidade ou Faculdade tivesse ao menos cinco cursos na área da saúde e fosse próxima à área de moradia do pesquisador.

A escolha de ser no primeiro e segundo anos de cada curso ocorreu porque a inserção de pessoas no Ensino superior normalmente se dá com aquelas acima de 18 anos de idade, sendo este público maioria no Brasil. Consideramos aqui aproximadamente 97% em relação ao total de pessoas, segundo os dados ABRES (Associação Brasileira de Estágios), que reúne dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e MEC (Ministério da Educação). Dessa forma, foi possível contemplar um público jovem que normalmente se interessa pelos temas relevantes dessa pesquisa: sexualidade, educação sexual, pornografia.

Os participantes estavam matriculados em cursos de ambos os turnos, noturno e diurno, das seguintes áreas da saúde/humanas: Medicina, Psicologia, Educação Física, Nutrição, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia. Sendo que foram selecionadas duas turmas de cada curso. No geral, cada curso tem aproximadamente de cinco a seis turmas, sendo que desse total, apenas duas turmas de cada curso correspondiam ao 1º e 2º anos, respectivamente.

5.4 Instrumento de Pesquisa

O instrumento aplicado nesse estudo foi um questionário fechado, com total de 22 alternativas organizadas em sessões. (Apêndice)

O questionário é uma ferramenta de coleta de dados, consiste em um conjunto de perguntas escritas dirigidas aos participantes para explorar suas opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e experiências. Conforme Gil (1999, p.128),

pode ser caracterizado pela presença de um "número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.". Na aplicação, o pesquisador adota uma abordagem estruturada, assemelhando-se a uma conversa casual, seguindo questões cuidadosamente planejadas.

O modelo do questionário aplicado está nos apêndices dessa dissertação e, por se tratar de uma pesquisa inovadora sobre a temática, não havia instrumentos ou questionários validados para a utilização. Procuramos, assim, construir um instrumento a partir do próprio estudo sobre a temática e os objetivos propostos nesta pesquisa.

5.5 Procedimento para coleta de dados

Inicialmente, após a construção do projeto de pesquisa, foi realizada a inserção e submissão à plataforma Brasil para apreciação (Anexo 1). Após o parecer favorável, os pesquisadores, com o auxílio de sua orientadora, estabeleceram a melhor estratégia para abordar os sujeitos da pesquisa e inserir-se no campus. A coleta de dados ocorreu mediante o período de permanência em campo, entre os meses de agosto e dezembro de 2023, para além de um levantamento bibliográfico, que fundamentou o referencial teórico necessário para aprofundamento e compreensão deste estudo.

5.6 Inserção no campo de pesquisa

A entrada em campo ocorreu a partir do contato com o reitor e diretor da Universidade, assim como com os coordenadores de cada curso da área da saúde. Nos encontros agendados com os coordenadores foram colocados a perspectiva da pesquisa, os objetivos, os riscos e benefícios da participação dos envolvidos e o sigilo das informações. Após o aceite e consentimento dos coordenadores, foram agendados os horários para aplicação dos questionários presencialmente em cada sala de aula.

Com os horários pré-agendados para a aplicação do questionário, em sala de aula, foram apresentados aos alunos o estudo, os objetivos, os benefícios, os riscos

de pesquisa e, em seguida, feito o convite. Todos os alunos foram convidados a participar. Desse modo, aderimos à “amostragem por conveniência”, uma vez que a temática do estudo é permeada por tabus, como observado na introdução dessa dissertação.

Aos que manifestaram o aceite, foram apresentadas e entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dado um tempo para a apreciação e dúvidas, posteriormente foi recolhida uma via. Em seguida, foi entregue o questionário para que cada participante respondesse. Durante todo o momento da aplicação, o pesquisador esteve na sala, observando e se precavendo para que não houvesse vieses que interferissem nas respostas dos participantes. Um exemplo de possível interferência, rapidamente controlada, foi a conversa entre um participante ou outro. No entanto, assim que percebeu, o pesquisador ratificou sobre a importância de que naquele momento nenhum participante conversasse, para que a resposta de um não influenciasse a do outro.

Finalizando a aplicação em todos os cursos da área da saúde, em dezembro de 2023, foi dado início à planificação dos dados em excel, para que pudessem ser programados em um software estatístico, orientado por um profissional estatístico, que oferece suporte aos discentes do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade (PPGEduCS).

Sendo assim, no próximo tópico, serão apresentados os dados coletados e a análise estabelecida, tendo como base os referenciais teóricos deste estudo, bem como seus dados quantitativos.

6 A REALIDADE DO USO DA PORNOGRAFIA PARA OS ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE

Para o primeiro momento deste capítulo, destacamos como foi realizada a análise quantitativa desse estudo. Após aplicação dos questionários no campo, foi feita a tabulação dos dados em planilha, para que posteriormente eles fossem processados em *software* estatístico. No decorrer deste capítulo, serão apresentados os dados e as discussões. A análise estatística descritiva dos dados foi conduzida para compreender a distribuição das variáveis do estudo, assim, usamos tabelas de contingência para tal. A distribuição de frequências foi calculada para entender o comportamento das variáveis. A frequência absoluta é a contagem do número de ocorrências de cada classe ou categoria, enquanto a frequência relativa indica a proporção de cada classe e pode ser exibida em termos de porcentagem.

O teste de Shapiro-Wilk foi usado para avaliar a normalidade dos dados das variáveis quantitativas. A hipótese nula é que os dados seguem uma distribuição normal. Este teste é fundamental para decidir entre o uso de abordagens paramétricas ou não paramétricas de análise. Em caso de não normalidade, foi usado o teste de Kruskal-Wallis para a comparação das diferenças entre múltiplos grupos de participantes. A hipótese nula é que não há diferença entre os grupos.

Uma análise de correlação foi realizada usando o coeficiente de correlação de Spearman para investigar a associação entre variáveis quantitativas. Os resultados podem variar de -1 a 1, e quanto mais próximos destes valores, maior é a força da correlação linear entre as variáveis, que pode ser negativa (-1) ou positiva (1). Quanto mais próximo de 0, menor a correlação linear entre as variáveis. O p-valor do teste apresenta a significância estatística da correlação.

O teste exato de Fisher e o teste de Qui-quadrado foram usados para avaliar a associação entre as variáveis categóricas em tabelas de contingência. A hipótese nula dos testes é que as variáveis são independentes e a hipótese alternativa é que as variáveis são dependentes. A influência das variáveis qualitativas nas respostas dos participantes foi investigada por meio das razões de chances (*odds ratio*, OR), isto é, a razão entre as chances de ocorrência de um evento de interesse em um grupo em relação às chances de não ocorrência.

Adotou-se um nível de significância $\alpha = 0,05$ para todas os testes estatísticos realizados, assim, para $p\text{-valor} \geq 5\%$, não se deve rejeitar a hipótese nula. Nesse sentido, todas as análises foram realizadas em R (R CORE TEAM, 2024).

6.1 Perfil dos participantes: Gênero, Sexualidade e relação sociodemográfica

O estudo avaliou 377 participantes, com idade predominante entre 20 e 24 anos (49,1%), seguido da faixa etária de 18 a 19 anos (32,9%). A maior parte é do gênero feminino (70,3%), seguido de masculino (28,9%) e não binário (0,8%). Quanto à orientação sexual, a maior proporção se considera heterossexual (83,3%). A maior parcela dos participantes tem renda aproximada de 1 a 2 salários-mínimos (58,1%). Quanto ao curso, a maioria é do curso de medicina (30,5%). A Tabela 1 mostra estatísticas descritivas dos participantes.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas.

Variável	Classe	n (%)
Idade	18-19 anos	124 (32.9)
	20-24 anos	185 (49.1)
	25-29 anos	39 (10.3)
	30 anos ou mais	29 (7.7)
Gênero	Masculino	109 (28.9)
	Feminino	265 (70.3)
	Não binário	3 (0.8)
Orientação sexual	Heterossexual	314 (83.3)
	Homossexual	15 (4.0)
	Bissexual	46 (12.2)
	Outra	2 (0.5)
Renda Aprox. (Salário-mínimo base)	1 a 2 salários	219 (58.1)
	2 a 3 salários	44 (11.7)
	3 a 4 salários	36 (9.5)
	4 a 5 salários	22 (5.8)
	5 salários para cima	56 (14.9)
Curso	Medicina	115 (30.5)
	Psicologia	40 (10.6)
	Nutrição	42 (11.1)
	Educação física	52 (13.8)
	Farmácia	39 (10.3)
	Fisioterapia	47 (12.5)
	Enfermagem	42 (11.1)

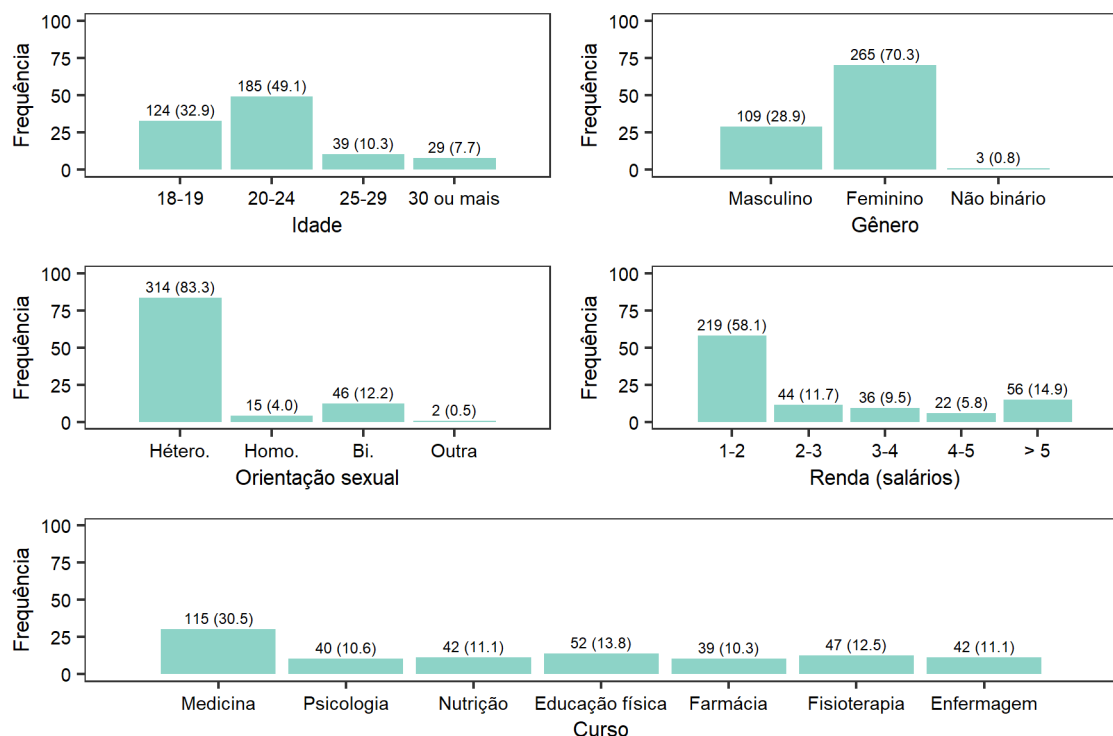
Estes dados caminham de encontro com os dados do último senso e pesquisa,

Educação superior – a edição mais recente do Censo da Educação Superior (2021) mostra que as mulheres predominam entre os estudantes matriculados no ensino superior. Dos 8.987.120, 58, 1% (5.249.275) são mulheres.

Quando se observam especificamente as licenciaturas, 72,5% das matrículas são de mulheres. Elas também correspondem a 61% (809.196) dos 1.327.325 de concluintes, sendo a maioria em oito das dez áreas gerais de cursos. Educação (77,9%); Saúde e bem-estar (73,3%); Ciências sociais, comunicação e informação (72%), essas são as três áreas em que há maior prevalência de mulheres entre aqueles que concluíram o curso (MEC/INEP, 2021).

Os dados encontrados na amostra são consoantes aos dados do INEP sobre a prevalência da presença maior de mulheres no ensino superior em relação aos homens.

Figura 1 - Estatísticas descritivas.



6.2 Percepção sobre a influência da pornografia na sexualidade

A Tabela 2 apresenta os resultados das respostas da questão 2 da pesquisa. A maioria dos participantes (46.2%) afirmou nunca assistir pornografia, seguido por

31.3% que assistem raramente. Além disso, 31.6% dos participantes acreditam que não há influência da pornografia sobre sua sexualidade e relacionamentos afetivos, enquanto 20.7% afirmam que a influência é significativa. Quando questionado se já tentou repetir cenas ou performance de pornografia ou outras mídias sexuais, a maioria (64,7%) respondeu que nunca sentiu essa necessidade, seguido de 32.1% dos participantes que responderam sim, ocasionalmente. Por fim, em relação a ter tentado reproduzir cenas ou performances da pornografia ou outras mídias sexuais e se sentir frustrado, a maioria (73.5%) indicou que nunca sentiu essa necessidade.

Diante do exposto, podemos considerar que a maioria (68%) dos participantes acredita que a pornografia influencia sua visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos. Este número considerável também comunica de forma incongruente com a tentativa de reproduzir a cena (35%) e sentir-se frustrado (17%), estes dados entram em consonância ao que Takara (2022, p.59) elucida:

Retomo a explicação de Foucault (2006, p. 8) em que precisamos entender que o poder é “[...] uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. Assim, sem desfazer-se das noções apresentadas pelo filósofo, compreendemos como a lógica de visibilidade gera uma transparência perigosa. Essa condição mantém a representação de um sentido de corpo e de relações que estão expostas.

Estamos a serviço de um sistema de funcionamento que nos guia para a visibilidade, para um funcionamento incessante e para um sentido de exposição. Expor-se e estar transparente. A dinâmica de estar à mostra também fez com que perdêssemos capacidades de constituir narrativas ou de gerar outras inscrições possíveis nas relações.

É possível perceber que há incongruência na resposta dos participantes que hora dizem acreditar que a pornografia influencia sua visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos, noutro momento, metade destes mesmos respondentes dizem não tentar reproduzir a cena; assim como 1/3 deste mesmo grupo que tentou reproduzir, diz que tentou e sentiu-se frustrado, logo, fica implícito que, ao serem questionados se acreditam que a pornografia exerce um papel educativo, apenas 25% dos participantes acreditam que sim. Sendo assim, conforme Takara postula, a forma com que a pornografia inscreve suas nuances nos corpos nem sempre é perceptível, observamos que o participante diz saber sobre a influência da pornografia em sua sexualidade, porém, ao mesmo tempo, acredita que não aprende nada com ela. Nesse momento questionamos: será que de fato eles tem essa percepção? Reforçamos isso, uma vez que tanto a sexualidade pode ser uma incógnita para o sujeito, quanto mais a própria percepção a respeito do que é sexualidade, ou a percepção de sua própria

sexualidade. Um exemplo disso e que vem em consonância com o exposto são os estudos de Haraway (1985) que refletem sobre as novas configurações da sexualidade na era digital. A autora questiona a visão essencialista, binária da sexualidade e o feminismo, argumentando que as fronteiras entre o humano e o não humano, o natural e o artificial estão se tornando cada vez mais fluidas nas gerações futuras. Em sua produção “Um Manifesto para os Cyborgs: Ciência, Tecnologia e Feminismo Socialista na década de 80”, ela fez uma espécie de projeção nos tempos atuais, na década de 80 em sua análise ficcional, ela explora a ideia de que as tecnologias digitais estão transformando as práticas sexuais, a criação de identidades sexuais e as formas de intimidade. Não se sabe onde começa o desejo do ser e quando terminam os limites do mundo digital.

Ainda sobre tal percepção, Le Breton, apesar de afirmar que a pornografia se manifesta apenas no campo do ver, nos faz questionar se de fato esse ver seria pouco? Ou será que esse ver também não seria suficiente para que o sujeito se realize, goze apenas no ver? Tais questionamentos nos fazem analisar a tendência que temos de minimizar a completude das coisas, quando ela não é contemplada pelos demais sentidos. Podemos perceber em Le Breton (2009, p. 10):

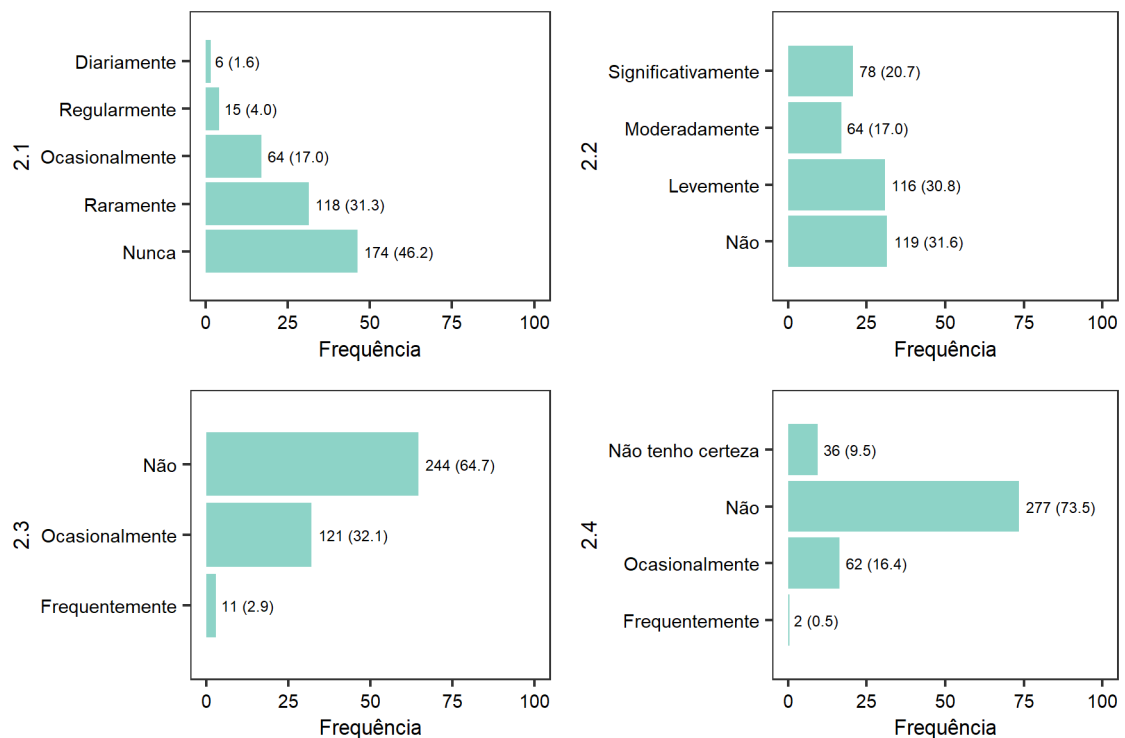
O corpo é profusão do sensível, ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os sentidos. Entre a carne do homem e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente.

Assim, com a consciência de si e dos seus prazeres, o indivíduo experimenta a existência das sensações e percepções que o atravessam de forma constante, o que pode não ser perceptível. Por outro lado, isso talvez seja o *script* que depois pode ser performado e que provavelmente seja de forma consciente, especialmente quando se fala sobre os imperativos que estão por trás de cada performance, pois o sujeito, em certo grau, deixa de expressar a sexualidade pela exploração natural e instintiva, sendo atravessado pelo assujeitamento da reprodução de movimentos, sons e padrões normativos. Com tal compreensão, é difícil afirmar se esses participantes têm real percepção sobre o que é pornografia, sobre sexualidade e se há de fato uma percepção de reprodução e sinceridade na qualidade da resposta .

Tabela 2 - Respostas da questão 2.

Variável	Classe	n (%)
2.1 Com que frequência assiste pornografia?	Nunca	174 (46.2)
	Raramente	118 (31.3)
	Ocasionalmente	64 (17.0)
	Regularmente	15 (4.0)
	Diariamente	6 (1.6)
2.2 Como você considera que a pornografia influencia sua visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos?	Não influencia	119 (31.6)
	Influencia levemente	116 (30.8)
	Influencia moderadamente	64 (17.0)
	Influencia significativamente	78 (20.7)
2.3 Você já tentou repetir cenas ou performance de pornografia ou outras mídias sexuais?	Sim, frequentemente	11 (2.9)
	Sim, ocasionalmente	121 (32.1)
	Não, nunca senti essa necessidade	244 (64.7)
2.4 Alguma vez você já tentou reproduzir cenas ou performances da pornografia ou outras mídias sexuais e se sentiu frustrado(a) por não obter o resultado esperado?	Sim, isso acontece com frequência	2 (0.5)
	Sim, isso acontece ocasionalmente	62 (16.4)
	Não, nunca senti a necessidade de fazer isso	277 (73.5)
	Não tenho certeza ou prefiro não responder	36 (9.5)

Figura 2 - Respostas da questão 2.



6.3 Educação Sexual x Família x Pornografia

A Tabela 3 apresenta os resultados das respostas da questão 3 da pesquisa. Em relação à forma como foram educados quanto à sexualidade, a maioria dos

participantes teve conversas com amigos (32.3%) e com os pais ou responsáveis (24.3%) sobre o assunto. Em relação a se sentir confortável discutindo questões relacionadas à sexualidade com seus pais, houve uma distribuição equilibrada entre participantes que se sentem moderadamente (36.9%) confortáveis e outros 33,4% que sentem desconforto. Quanto a se sentir confortável discutindo questões relacionadas à sexualidade com professores, a maioria se sente moderadamente (40.3%). Já sobre conseguir sanar dúvidas sobre sexualidade ao assistir vídeos pornográficos ou consumindo outras mídias sexuais, 34,7% sentem desconforto, enquanto 31.0% se sentem moderadamente confortáveis; indicando um equilíbrio entre estas duas respostas. Por fim, em relação à qualidade da educação sexual recebida durante a sua infância e adolescência, a maioria indicou como insuficiente (31%) ou regular (30%). Da mesma forma que as escolas, a família parece ter um papel importante na obtenção de conhecimentos, revelando um caminho que precisa ser melhorado.

É importante enfatizar que a experiência da sexualidade na adolescência transcende o ato sexual em si. Ela engloba vínculos emocionais, bem como experiências sociais mais amplas, entre outros elementos que desempenharão um papel fundamental nas experiências futuras. A maneira como a aprendizagem sexual se desenvolve exerce um impacto profundo nas vivências adultas subsequentes, permeando as relações profissionais, o autocuidado em relação à saúde e as percepções sobre cidadania (Louro, 2015).

Nesse sentido, as pesquisas de Nunes e Silva (2000) enfatizam a importância de uma educação sexual que desenvolva o senso crítico dos indivíduos em relação às imagens midiáticas e promova uma compreensão mais saudável e equilibrada da sexualidade. Destaca-se, portanto, a relevância de uma abordagem crítica e reflexiva, conforme apresentado por Guimarães (1995), no contexto da educação sexual.

Ressalta-se também, como mencionado por Camargo e Ribeiro (1999), que a educação sexual não se restringe apenas à escola, mas também deve ser abordada em outros espaços de socialização, como a família e a comunidade. A parceria entre esses diferentes atores sociais, conforme argumentado por Nunes e Silva (2000), é essencial para promover uma educação sexual integral, que respeite a diversidade e promova relações igualitárias e saudáveis. Assim, a construção de um diálogo aberto e livre de preconceitos, conforme apontado por Guimarães (1995), é essencial para garantir uma educação sexual efetiva e transformadora. Uma perspectiva

emblemática sobre o assunto pode ser exemplificada quando os adolescentes não se sentem confortáveis em falar sobre sexualidade e sexo com a família, logo, eles buscam recursos externos a ela, tais como os amigos mais próximos e as mídias sociais e pornográficas, o que nem sempre é positivo, visto que as informações obtidas podem estar equivocadas. Portanto, fica claro que não devemos esperar que as mídias contenham um propósito educacional (Genz et al., 2017, Furlanetto et al., 2018).

Para o Wight & Fullerton (2013), ainda que os pais não fiquem inibidos de falar sobre sexo e sexualidade, situação difícil para eles, é possível que o próprio tema afaste os adolescentes e estremeça a relação entre pais e filhos. Neste aspecto, parece uma tarefa difícil falar sobre sexualidade, uma vez que, por alguns séculos, a temática foi permeada de tabus (Cf. nota 3 capítulo 1), o que dificultou a discussão livre a partir das experiências vivenciadas. No entanto, a sexualidade, assim como diversas questões da humanidade, não passaria despercebida pelas transformações do mundo.

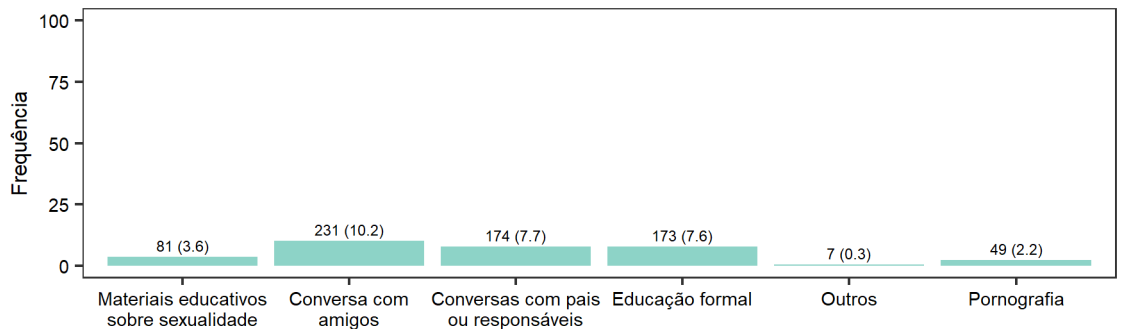
Em consonância com Prety (2019), as dificuldades para abordar o tema educação sexual se devem ao fato de que há uma falta de discussão sobre o tema em casa e isso ocorre por vários motivos: influência de crenças religiosas e culturais, falta de conhecimento, constrangimento e menosprezo pela vida sexual do filho (Koren, 2018). Portanto, as famílias ainda têm dificuldades em abordar temas que envolvem sexualidade.

Tabela 3 - Respostas da questão 3.

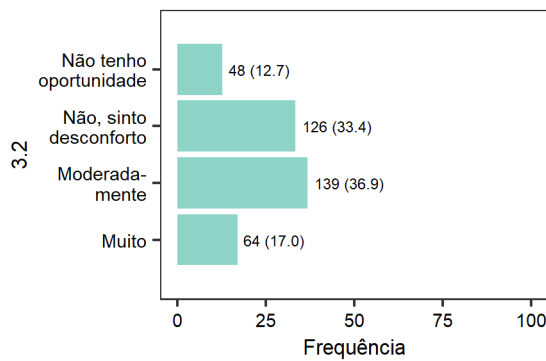
Variável	Classe	n (%)
3.1 Como você foi educado(a) em relação à sexualidade?	Acesso a materiais educativos sobre sexualidade	81 (11.3)
	Conversa com amigos	231 (32.3)
	Conversas com os pais ou responsáveis	174 (24.3)
	Educação formal na escola	173 (24.2)
	Outros	7 (1.0)
	Pornografia	49 (6.9)
3.2 Você se sente confortável discutindo questões relacionadas à sexualidade com seus pais?	Sim, muito confortável	64 (17.0)
	Sim, moderadamente confortável	139 (36.9)
	Não, sinto desconforto ao discutir essas questões	126 (33.4)
	Não tenho a oportunidade de discutir essas questões	48 (12.7)
3.3 Você se sente confortável	Sim, muito confortável	42 (11.1)

discutindo questões relacionadas à sexualidade com professores?	Sim, moderadamente confortável	152 (40.3)
	Não, sinto desconforto ao discutir essas questões	96 (25.5)
	Não tenho a oportunidade de discutir essas questões	87 (23.1)
3.4 Você conseguiu sanar suas dúvidas sobre sexualidade ao assistir vídeos pornográficos ou consumindo outras mídias sexuais?	Sim, muito confortável em esclarecer minhas dúvidas	30 (8.0)
	Sim, moderadamente confortável em esclarecer minhas dúvidas	117 (31.0)
	Não, sentia desconforto ao discutir essas questões	131 (34.7)
	Não tive oportunidade de discutir essas questões pessoalmente	98 (26.0)
3.5 Como você avalia a qualidade da educação sexual recebida durante a sua infância e adolescência?	Insuficiente	117 (31.0)
	Regular	113 (30.0)
	Satisfatório	63 (16.7)
	Boa	63 (16.7)
	Excelente	21 (5.6)

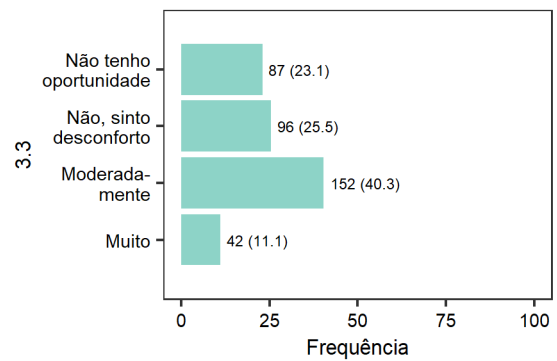
Figura 3- Respostas da questão 3.



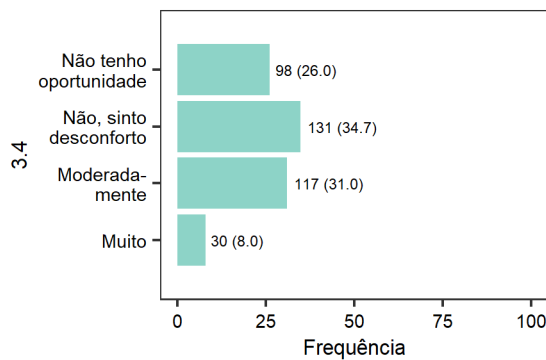
3.1



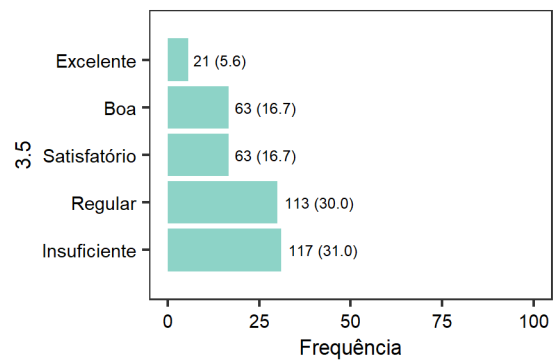
3.2



3.3



3.4



3.5

A Tabela 4 apresenta os resultados das respostas da questão 4 da pesquisa. Quando questionados se acreditam que a pornografia reflete adequadamente as experiências e a diversidade sexual na vida adulta, a maioria dos participantes (74.3%) acredita que a pornografia retrata de forma estereotipada e irrealista as experiências e a diversidade sexual na vida adulta. Quanto a acreditar que a pornografia pode ser educativa em relação à sexualidade, a maioria dos participantes (73.5%) discorda que a pornografia seja uma fonte educativa confiável, enquanto uma parcela menor acredita que ela pode ser educativa em alguns aspectos, mas com limitações (21.5%). Esses resultados sugerem uma percepção predominante de que a pornografia não reflete adequadamente a diversidade sexual, nem é uma fonte confiável de educação sexual, destacando a importância de outras formas de educação sexual mais abrangentes e precisas. Para Camargo & Ribeiro (1999) e Guimarães (1995), é importante que a educação sexual seja contemplada de forma abrangente dentro da comunidade e família, que a escola e a família exercem um papel integrador dos conhecimentos, que as mídias sexuais não são suficientes e não refletem de fato a diversidade sexual, assim como as informações contidas ali podem não refletir a realidade de fato.

As tecnologias da pornografia são, portanto, um importante fator constituinte dos dispositivos, direcionam o sujeito a um caminho privilegiado de subjetivação. Elas interpelam *scripts* culturais (de como tocar, sentir, ver e gozar). Conforme Foucault retrata, a esses 21% que acreditam que a pornografia exerce papel educativo, podemos questionar em que momento esse papel educativo é referido de fato? É sentido de fato ou não se propôs medir causalidade? O que esse dado nos leva a refletir é exatamente sobre a complexidade desses sujeitos estarem assujeitados a ponto de não perceberem se aquilo em que acreditam é educativo, é o simples ato de reprodução ou a sensação de segurança. Além disso, esses sujeitos também não percebem aquilo que carregam para o mundo físico corpóreo quando visualizam a prática sexual no contexto pornográfico. Por fim, nos perguntamos, ainda, se esses sujeitos realmente entendem o que é pornografia, ou até mesmo se têm clareza sobre sua sexualidade.

Segundo Takara (2022, p.61), a racionalidade da ejaculação e apresentação transformam-se no centro da atenção visual e das representações visuais. Quando o organismo é privado da sensação, o resultado se dá em delírios; ou seja, é nossa

desconexão de outras maneiras de cultivar a satisfação que se manifesta, apenas no ver. Não sabemos responder se o que o sujeito respondeu como “educativo” é algo voltado à reprodução da prática, ou seja, se quando ele opta por essa resposta, é porque, ao assistir, tenta reproduzir. Sendo assim, não se pode afirmar se realmente ele percebe a pornografia como um caminho para aprender a prática sexual, ou se simplesmente mimetiza por descobertas do prazer.

Se aprofundarmos na perspectiva da percepção desses participantes, podemos pensar através da idéia de Le Breton (2009), que compreende a experiência sensorial e perceptiva do mundo como algo construído por uma relação recíproca entre o indivíduo e seu ambiente humano e ecológico. A educação, a interação com as pessoas mais próximas e os jogos de linguagem que identificam sabores, cores e sons, entre outras atividades, aprimoram a sensibilidade da criança e desenvolve sua habilidade de intercambiar seus ressentimentos com seu entorno, fazendo-a se sentir relativamente compreendida pelos outros da comunidade. Essa tal interrelação do sujeito com seu mundo, mundo este onde a pornografia também se revela, estreita uma relação singular com estes sujeitos.

No entanto, as circunstâncias econômicas globais sustentam a afirmação de Haraway (1985) de que as ciências das comunicações e a biologia representam mudanças estruturais significativas, pois essas pesquisas foram realizadas em um nível muito limitado. As tecnologias das comunicações dependem da eletrônica. A eletrônica é essencial para tudo, incluindo empresas multinacionais, poder militar, sistemas de bem-estar estatal, satélites, processos políticos, fabricação de nosso imaginário, sistemas de controle do trabalho, construções médicas de nosso corpo, pornografia comercial, divisão internacional do trabalho e pregação religiosa. A microeletrônica serve como base técnica para os simulacros, ou cópias sem o original.

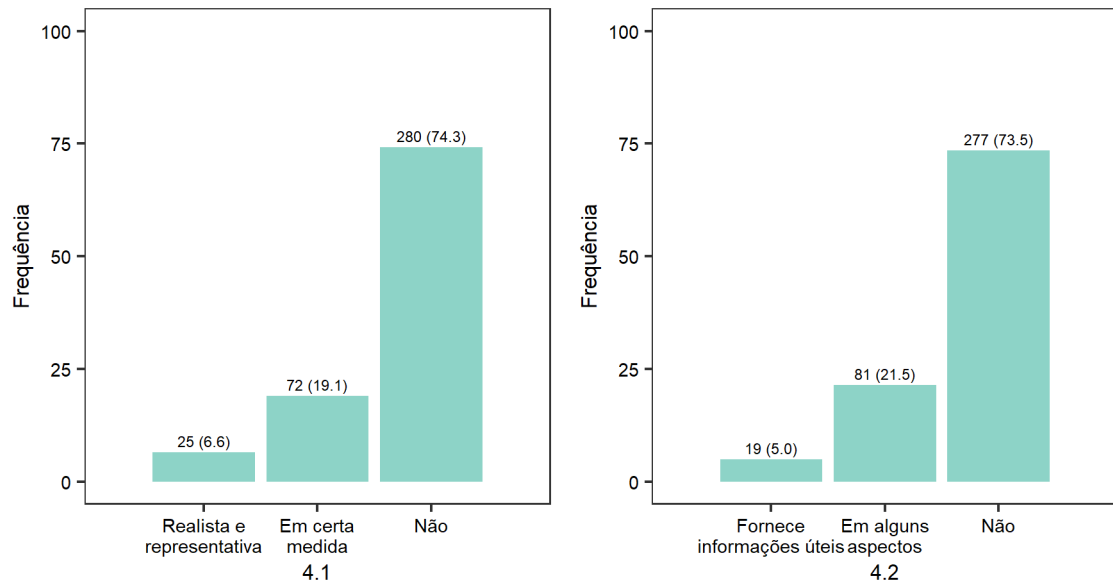
É como se reproduzissem algo sem a real compreensão do que se faz, a não percepção da mimetização, ou dos aparatos que estão por trás da reprodução.

Tabela 4 - Respostas da questão 4.

Variável	Classe	n (%)
4.1 Você acredita que a pornografia reflete adequadamente as experiências e a diversidade sexual na vida adulta?	Sim, de forma realista e representativa	25 (6.6)
	Sim, em certa medida, mas com algumas distorções	72 (19.1)
	Não, retrata de forma estereotipada e irrealista	280 (74.3)

4.2 Você acredita que a pornografia pode ser educativa em relação à sexualidade?	Sim, pode fornecer informações úteis	19 (5.0)
	Sim, em alguns aspectos, mas com limitações	81 (21.5)
	Não, não é uma fonte educativa confiável	277 (73.5)

Figura 4 - Respostas da questão 4.



A Tabela 5 exhibe os resultados das respostas da questão 5 do estudo. Sobre acreditar que a pornografia influencia suas atitudes em relação ao corpo e à aparência física, a maioria dos participantes (52.8%) concorda que a pornografia influencia negativamente suas atitudes em relação ao corpo, enquanto apenas uma pequena porcentagem (4.5%) acredita que essa influência é positiva. Por outro lado, uma parcela significativa (42.4%) não acredita que seja influenciada pela pornografia nesse aspecto. Em relação a sentir pressão para reproduzir ou imitar comportamentos sexuais vistos em pornografia, a maioria dos participantes (69.2%) declara que nunca sentiu essa pressão, enquanto uma parcela menor afirma sentir essa pressão ocasionalmente (25.7%) ou frequentemente (4.8%).

A forma como o poder opera nos sujeitos (Foucault, 1987) nem sempre ocorre de maneira perceptível, é evidente que algumas pessoas vão perceber, outras se quer notam que, de alguma forma, estão reproduzindo uma cena ou não. Outros se quer percebem que estão repetindo as cenas na cama, assim como movimentos, sons ou até mesmo sentidos. A criatividade está atrelada àquilo que anteriormente foi visto, o que era prazer do outro passa a ser um repositório de sentidos, o prazer do outro

passa a elucidar o meu, o seu, o prazer dos outros. Mas como pergunta Takara (2022): quem sente afinal?

Quando questionado aos participantes se eles sentiram pressão para reproduzir ou imitar comportamentos sexuais vistos na pornografia, eles relatam, em parte, nunca terem sentido essa pressão, mas ao mesmo tempo acreditam que não sejam influenciados e consideram que a pornografia exerce influência de forma negativa nas atitudes e em relação ao corpo ou aparência física. O que se revela à discreta percepção é que o participante parece não perceber os movimentos que a pornografia reflete na sua subjetividade, menos ainda que ela exerce um papel educativo, tão pouco a compreensão de seu papel educativo. Uma vez que a palavra educativa, no senso comum, pode ter uma representação de algo positivo, é possível que o respondente não pense dessa maneira.

Esta ideia se origina principalmente da teoria do poder de Michel Foucault. Segundo o teórico, o poder não funciona apenas oprimindo ou dominando as subjetividades, mas o faz ao construí-las. Assim, a natureza formativa ou produtiva do poder estaria completamente ligada aos mecanismos de regulação e disciplina que o sujeito cria e tenta manter (Peixoto Júnior, 2004). Em outras palavras, isso significa que a responsabilidade pela produção da sujeição recai sobre os discursos reguladores que formam o sujeito do gênero.

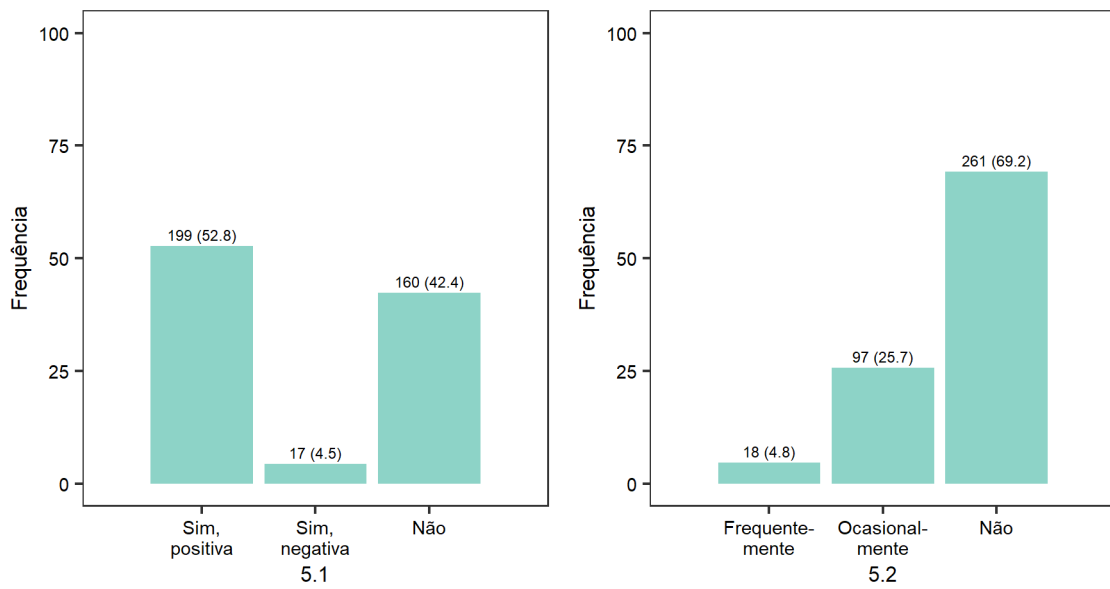
Camargo e Ribeiro (1999) já havia destacado em sua pesquisa o impacto da mídia na formação das representações e experiências sexuais das pessoas. A mídia tem um papel crucial na formação de ideias acerca da sexualidade, frequentemente transmitindo uma perspectiva estereotipada e objetiva do corpo e das interações sexuais. Segundo Guimarães (1995), a exposição exagerada e imprópria da sexualidade na mídia pode levar à formação de expectativas irrealistas, pressões sociais e inseguranças relacionadas à própria sexualidade. Sendo assim, as percepções críticas dessas mídias são um desafio relacionado aos processos de assujeitamentos, conforme mencionado por Foucault (1987).

Tabela 5 - Respostas da questão 5.

Variável	Classe	n (%)
5.1 Você acredita que a pornografia influencia suas atitudes em relação ao corpo e à aparência física?	Sim, de forma negativa	199 (52.8)
	Sim, de forma positiva	17 (4.5)
	Não, não acredito que seja influenciado (a)	160 (42.4)

5.2 Você já sentiu pressão para reproduzir ou imitar comportamentos sexuais vistos em pornografia?	Sim, frequentemente	18 (4.8)
	Sim, ocasionalmente	97 (25.7)
	Não, nunca senti essa pressão	261 (69.2)

Figura 5 - Respostas da questão 5.



6.4 Associações entre as perguntas do questionário

Nesta etapa, as respostas das perguntas foram categorizadas em duas classes (Sim ou Não), a fim de identificar possíveis associações entre as respostas. Na pergunta 1 da sessão 2, todos os níveis de influência foram grupados na categoria “Sim”, indicando que há algum tipo de influência. Nas perguntas 2 e 3 da sessão 2, os diferentes níveis de resposta “Sim” foram agrupados na categoria “Sim”, e respostas “não tenho certeza” foram desconsideradas. Na sessão 3, respostas “não tenho oportunidade de discutir” foram desconsideradas. Na questão 1 da sessão 5, respostas “sim, de forma positiva” foram desconsideradas, o objetivo de tal divisão foi investigar a associação entre os que consideram que há influência negativa e os que consideram que não há influência.

É a partir destas associações que iniciaremos as discussões.

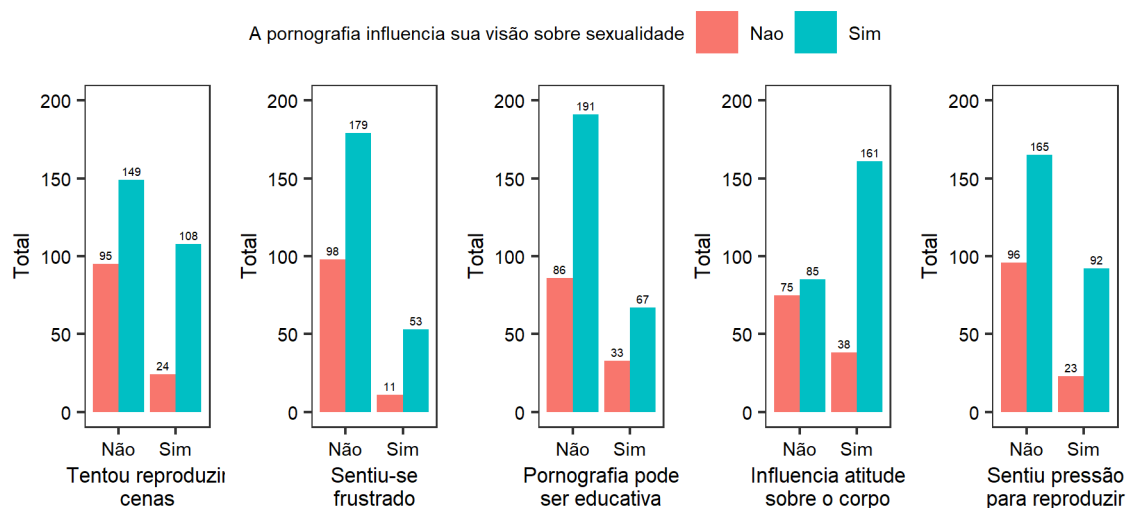
A Tabela 6 apresenta uma análise da associação entre a influência da pornografia quanto à visão sobre sexualidade e os relacionamentos afetivos e outras

perguntas relacionadas. Na tabela, para cada associação é mostrada a tabela de contingência, acompanhada do *odds ratio* e o respectivo intervalo de 95% de confiança, além do p valor do teste de Fisher, indicando a significância estatística da associação.

Tabela 6 - Associação entre a influência da pornografia e outras perguntas.

Variável	Grupo	A pornografia influencia sua visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos		OR [IC 95%]	Fisher p
		Sim	Não		
Tentou reproduzir cenas	Sim	108	24	2.86 [1.7; 5.0]	< 0.001
	Não	149	95		
Se sentiu frustrado ao tentar reproduzir	Sim	53	11	2.63 [1.3; 5.9]	0.005
	Não	179	98		
A pornografia pode ser educativa	Sim	67	33	0.91 [0.5; 1.5]	0.71
	Não	191	86		
A pornografia influencia suas atitudes em relação ao corpo	Sim	161	38	3.72 [2.3; 6.2]	< 0.001
	Não	85	75		
Sentiu pressão para reproduzir	Sim	92	23	2.32 [1.4; 4.1]	0.001
	Não	165	96		

Figura 6 - Associação entre a influência da pornografia e outras perguntas.



Os resultados indicam que aqueles que consideram ser influenciados pela pornografia são significativamente mais propensos a tentarem reproduzir cenas da pornografia em comparação com aqueles que não se consideram influenciados (OR = 2.86, $p < 0.001$). Da mesma forma, aqueles que se consideram influenciados

também são mais propensos a se sentirem frustrados, após tentarem reproduzir cenas pornográficas (OR = 2.63, $p = 0.005$). Além disso, os participantes influenciados são significativamente mais propensos a sentirem que a pornografia influencia suas atitudes em relação ao corpo (OR = 3.72, $p < 0.001$) e a sentirem pressão para reproduzir comportamentos pornográficos (OR = 2.32, $p = 0.001$). Esses resultados sugerem uma associação entre a experiência de tentar reproduzir cenas pornográficas, frustração nessa tentativa, influência na percepção do corpo, pressão para replicar comportamentos pornográficos influenciados pela pornografia quando se pensa em sexualidade e relacionamentos afetivos.

Por outro lado, não houve uma associação significativa entre a percepção de que a pornografia pode ser educativa e sobre sua influência na forma como a sexualidade e os relacionamentos afetivos são vistos ($p = 0.71$). Este resultado sugere que, independentemente de ser influenciado ou não pela pornografia, os participantes têm a noção de que a pornografia não é educativa.

Conforme Takara (2022, p.100):

Entendo que por falta de espaços de socialização, exposição, discussão e pela experiência entendida como obscena e que condena a sexualidade, ao invés de percebê-la como parte da vivência e da experiência humana, os corpos são fragilizados diante das experiências sexuais e motivados a uma lógica que impulsiona, valoriza e estimula a pornografia como único espaço em que o sexo e a sexualidade são apreendidos. Desse modo, corpos, práticas, atos e prazeres ficam relegados a um papel mimético de reprodução das imagens e das cenas vistas nesses produtos e, ao invés de desenvolver uma dinâmica do sexo como prazer a ser desenvolvido entre corpos, este é relegado à reprodução do conteúdo a que temos acesso. Ao invés de prazer, desejo, ao invés de corpo, delírio.

Os dados indicam o que Takara apresenta ao iniciar sua discussão sobre a Pedagogia da pornografia, que adotou uma abordagem qualitativa para investigar os autores fundamentais que poderiam embasar a elaboração desse novo conceito. Seja através do uso de metáforas, da inferência de ideias ou da atitude inovadora a fim de criar algo inédito, Takara estava correto em sua explanação. Tendo como base as perguntas que nortearam grande parte desse estudo: De que maneira as pornografias atuam como agentes educativos, contribuindo para a elaboração da sexualidade e a construção da identidade? Houve consumo de conteúdos pornográficos, investigando a influência desse material em suas experiências sexuais?

De início, os resultados das primeiras associações relacionadas aos dados apresentados não respondem a tais perguntas, porque há contradição nas respostas, afinal, a pornografia exerce nesses participantes uma influência, uma vez que, ao consumir o conteúdo, houve uma tentativa de reprodução, mudança de atitudes em relação ao corpo e uma frustração ao tentar reproduzir as cenas. Essa associação ainda permite uma compreensão grande de que os participantes têm pouca noção sobre o papel educativo/influência da pornografia. Dessa forma, entendemos que tal influência acontece de modo imperceptível na maior parte, lembrando que consideramos aqui a ótica foucaultiana para analisar a pornografia como um dispositivo que age silenciosamente a serviço do controle em sua subjetividade, aprendizagem e conseqüentemente em sua sexualidade.

Os corpos cumprem uma função corroborada por Takara e Foucault, o delirante de reproduções de significados e prazer, os sentidos passam por transformações. O toque e o gosto ficam subjulgados ao campo do ver, o ver passa a ser o vetor que impera os desejos e vontades de uma indústria, de um mercado, de um outro corpo, de outra vontade, que não é meu, em primeira instância.

Foucault (2010) discute como o corpo é moldado dentro de um contexto idealizado. Segundo o filósofo, o corpo é provocado pelos mecanismos de representação que operam dentro desse cenário ideal. No entanto, é preocupante que o corpo seja simultaneamente o criador e o objeto dessas utopias que moldam a autoimagem. Com uma abordagem menos idealista e mais comercial, a pornografia cria ensinamentos específicos (Pedagogias), que categorizam seus consumidores como incapazes e fracos, deixando-os em constante débito com as imagens consumidas. Dentro dessa lógica, a pornografia instrui que os corpos devem se tornar imagens para serem desejados. A imersão em um contexto de desejo impede que o corpo se engaje verdadeiramente com o prazer. Este estudo não visou detalhar a estrutura conceitual da pedagogia da pornografia, pois essa tarefa já havia sido cumprida por Takara (2022). Em vez disso, o foco foi examinar minuciosamente este fenômeno, utilizando dados quantitativos que apoiaram uma compreensão mais abrangente da influência da pornografia, bem como de sua relação com os processos de subjetivação, reprodução e formação de significados.

A **Tabela 6** apresenta as associações entre o papel pedagógico da pornografia,

especificamente a capacidade de sanar dúvidas sobre sexualidade e outros aspectos, como o conforto ao discutir questões sexuais com pais e professores. Os resultados indicam que os participantes que conseguiram sanar dúvidas sobre sexualidade com pornografia são mais propensos a se sentirem confortáveis ao discutirem questões relacionadas à sexualidade com os pais (OR = 1,72; $p = 0,05$) e com os professores (OR = 2,14; $p = 0,008$), em comparação aos que não conseguiram sanar as dúvidas. Esses resultados sugerem que a eficácia da pornografia como fonte de educação sexual para os indivíduos pode influenciar o nível de conforto ao se discutirem questões sexuais.

Conforme já mencionado, um dos objetivos específicos deste estudo foi investigar como os universitários tiveram sua educação sexual e se consumiram pornografia, sendo assim, esses dados deixam claro que, apesar das diferentes formas de aprender e experienciar a educação sexual, a pornografia se insere neste cenário de maneira concomitante.

Este dado estabelece um contraste com as discussões abordadas nos capítulos 2, 3 e 4. Uma hipótese considerada é que a pornografia poderia emergir como uma alternativa para complementar a educação sexual, que de alguma forma pudesse ter sido negligenciada (como certamente é). Isso significa que, caso a educação sexual promovida pela família e pela escola não seja bem-sucedida, poderia haver uma tendência dos indivíduos em recorrer à pornografia. Contudo, os resultados desta pesquisa são categóricos ao afirmar que, mesmo os participantes se sentindo à vontade para conversar sobre sexualidade com pais e professores, eles ainda recorrem à pornografia como um meio para esclarecer suas dúvidas ou apenas ao deleite do prazer. Clarificando novamente o entendimento de que a pornografia pode exercer um papel educativo, Takara observa que a relação entre a mídia e o indivíduo é intrincada e multifacetada. Segundo ele, a mídia molda nossa compreensão do mundo através de uma variedade de influências, incluindo sociais, culturais, políticas e econômicas. Dessa forma, nossa educação é profundamente influenciada pelo nosso engajamento com a mídia em diversos ambientes, logo, é neste sentido que ele elabora a pedagogia da pornografia. Conforme Takara (2022, p.100) e Wulf (2013):

Entre as diferentes pedagogias culturais que estão dispostas e são relacionadas à vida cotidiana, gerando por meio da mimese, como explica Wulf (2013) ou de outros exemplos e visibilidades, existem pedagogias que são inscritas nas obras fílmicas que se inscrevem sob o selo de pornografia: nestas obras percebo que existe uma grafia específica acerca das noções de desejo e que

suas cenas, falas, imagens e técnicas oferecem modos dos corpos serem grafados e constituídos. Por não se pensar, discutir, sentir, afetar-se pelas relações do sexo como experiência de prazer, mas incitados por uma lógica de consumo que incita o desejo e nos coloca no ápice das potencialidades dos significados, denomino as peças que registram cenas sexuais como artefatos de pedagogias pornográficas.

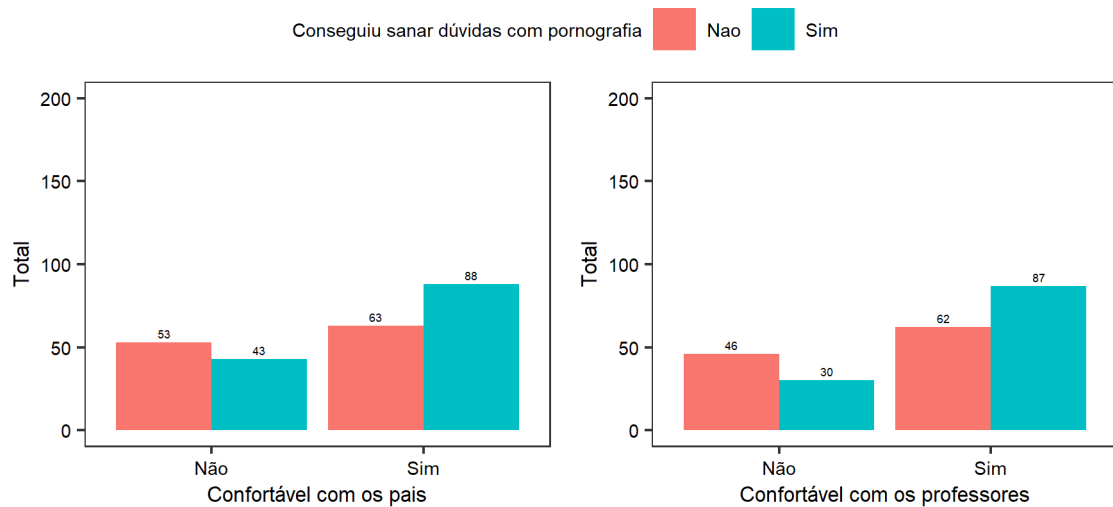
Para Takara (2022), quando transformados pela pornografia, os corpos assumem um papel quase alucinatório na reprodução de significados, e a relação com o prazer – que deveria enriquecer e alterar nossas vidas – é relegada a seguir as coreografias estabelecidas pelas representações irreais de corpos modificados, que são, na verdade, imagens em interação sexual com outras imagens. Os sentidos do olfato, paladar e tato, que deveriam trazer os corpos para o presente e torná-los mais tangíveis, são subordinados à visão e à audição. Assim, nos tornamos imitações imperfeitas das imagens mercantilizadas que a pornografia apresenta, perdendo a essência da experiência sensorial e humana.

Os resultados também caminharam de encontro com a possibilidade de alguns pais optam por instruir seus filhos sobre práticas sexuais seguras desde cedo, movidos não apenas pelo desejo de que seus jovens prossigam com os estudos e estejam resguardados de riscos no futuro, mas também para evitar que sejam surpreendidos por questões inesperadas sobre sexo e sexualidade, conforme apontado por Grossman et al. (2019). Em relação ao ambiente escolar, a maioria das pesquisas aponta a escola como um local adequado para a discussão e o ensino de educação sexual e questões de sexualidade, como evidenciado nos trabalhos de Almeida et al. (2017), Barbosa et al. (2019), Bezerra et al. (2016), Campos et al. (2018), Ferreira et al. (2019), Furlanetto et al. (2018), Freire et al. (2017), Grossman et al. (2019) e Rolim et al. (2016).

Tabela 7 - Associações entre o papel pedagógico da pornografia.

Variável	Grupo	Conseguiu sanar dúvidas sobre sexualidade com pornografia		OR [IC 95%]	Fisher p
		Sim	Não		
Confortável com os pais	Sim	88	63	1.72 [1.0; 3.0]	0.050
	Não	43	53		
Confortável com os professores	Sim	87	62	2.14 [1.2; 3.9]	0.008
	Não	30	46		

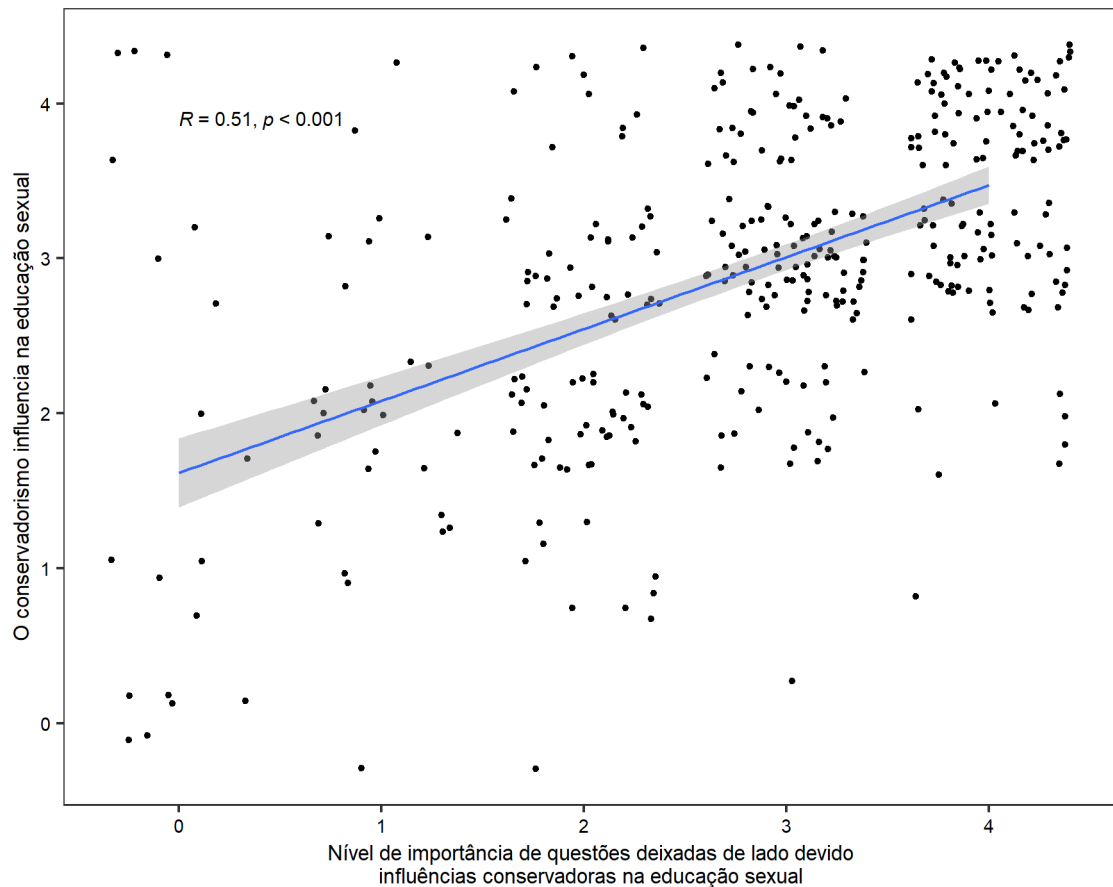
Figura 7 - Associações entre o papel pedagógico da pornografia.



6.5 Percepção da influência moralista e conservadora na Educação sexual e sexualidade

A Figura 8 mostra a relação entre a visão dos participantes sobre a influência do conservadorismo e construções moralistas na educação sexual e o nível de importância de questões que são deixadas de lado na educação sexual devido a influências conservadoras. Na figura, o gráfico de dispersão das respostas mostra o coeficiente de correlação de Spearman e o valor p , indicando a significância estatística da correlação. A linha no gráfico é a reta do modelo de regressão linear simples ajustado aos dados, com o respectivo intervalo de confiança, para mostrar a tendência geral dos dados. Os pontos no gráfico estão deslocados aleatoriamente ao longo dos eixos, para evitar a sobreposição e melhorar a legibilidade dos dados das escalas Likert. Os resultados sugerem a existência de uma correlação linear positiva, moderada e significativa entre as respostas ($R = 0,51$; $p < 0,001$). Isto sugere a existência de uma associação direta entre as respostas, de modo que, à medida que uma variável aumenta, a outra também tende a aumentar, sem necessariamente haver uma relação causal.

Figura 8 - Associação entre o impacto do conservadorismo.



Iniciamos a reflexão sobre a análise do conservadorismo, tendo como base os apontamentos de Aquino & Martelli (2012, p.3):

Entre 1963 a 1968 ocorreram várias tentativas de implantação da Educação Sexual nos currículos das escolas do estado de São Paulo. Foram criados programas experimentais em algumas escolas públicas de São Paulo, e a repercussão destes originou projetos de Educação Sexual com o intuito de prevenção e informação – projetos estes desenvolvidos até a atualidade. Um colégio de Minas Gerais inseriu no currículo um programa de Educação Sexual para alunos do quarto ginásial (atualmente 8ª série). O referido programa teve duração de três anos devido à rejeição que os pais apresentaram ao mesmo.

Nas palavras de Guimarães (1995, p. 66), o começo dos anos 70 foi marcado por um retorno ao puritanismo restritivo e um incremento na censura. Embora não existisse uma legislação específica que vetasse a Educação Sexual, a insegurança dos gestores escolares levou ao esvaziamento dos programas de educação sexual nas escolas públicas.

Aquino e Martelli (2012, p.8) ressalta:

As polêmicas geradas em torno da temática da sexualidade

como já mencionada anteriormente são baseadas geralmente em conceitos religiosos, crenças, tabus, preconceitos; que, muitas vezes, dificultam a ação do professor e da professora na escola diante das manifestações da sexualidade. Esses conceitos tendem a cristalizar padrões de comportamentos, de relações entre os gêneros e de vivências de sexualidade. Há tentativas de imposição desses como verdades absolutas e como modelos perfeitos, haja vista que transgredi-los ocasiona a marginalização do transgressor. Apesar dessas tentativas de imposições propositivas, convivemos com sujeitos que buscam a vivência de sua sexualidade desviando de moldes rígidos. A defesa social da heteronormatividade nos evidencia que a sexualidade possui em sua volta uma espécie de invólucro, ultrapassar este e discutir as suas minúcias ainda gera desconfortos sociais e pessoais.

É claro que, após séculos de repressão sexual e da imposição de poder/autoridade/governamental/religião sobre a sociedade, haveria repercussões sobre esse silenciamento e sobre a evolução da educação sexual no país. Como explorado no capítulo 2, a questão da educação sexual nas escolas e o debate em família podem ser comparados metaforicamente a um acordeão, expandindo e contraindo com as mudanças de poder, oscilando entre o conservadorismo da extrema-direita, que impede a implementação de políticas educacionais e a abertura promovida por movimentos sociais e grupos progressistas.

A essência deste trabalho, que temos desenvolvido desde o início, reside no olhar de Foucault, um deles o poder disciplinar, conforme elucidado. Trata-se de um poder que nem sempre é declarado, mas com força normativa que cria a dinâmica de um corpo disciplinado — um corpo que suprime seus desejos e anseios naturais, subjugado aos discursos, desejos e vontades alheias. Os dados foram significativos ao revelar que, mesmo entre os participantes que não consomem pornografia, já existe a percepção de que o conservadorismo influencia as discussões e diminui a importância da educação sexual. Isso ficou evidente pelo fato de que entre 80% e 90% dos participantes reconhecem o alto nível de importância que a Educação Sexual tem, mas que é negligenciado devido a perspectivas conservadoras.

Ao longo dos últimos anos, as pesquisas de Camargo e Ribeiro (1999), Guimarães (1995) e Nunes e Silva (2000) têm contribuído para essas discussões. Esses trabalhos enfatizam a necessidade de uma abordagem mais ampla e inclusiva da educação sexual, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e emocionais relacionados à sexualidade. Eles evidenciam como a escola, enquanto Instituição Social, pode desempenhar um papel importante na reprodução de

estereótipos de gênero e na perpetuação de desigualdades e sexismo. A vulgarização da sexualidade humana faz despertar uma face reforçada por um moralismo, introduzindo a ideia do que pode e não pode, do certo e errado, do que é ou não socialmente aceitável, sendo assim, o diferente ou o que diverge é lançado à margem.

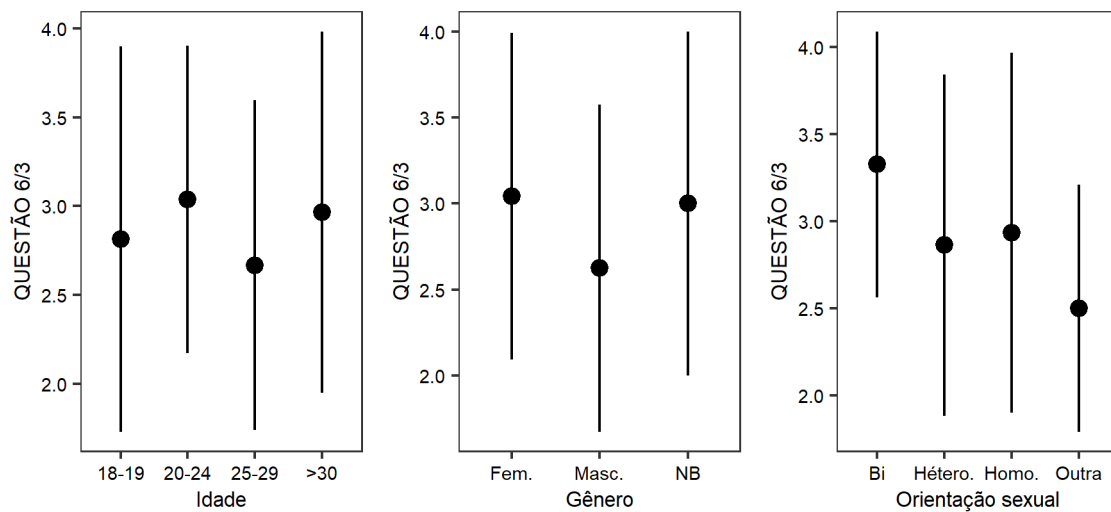
6.6 Comparação entre o perfil sociodemográfico

A Tabela 8 apresenta a associação entre o perfil sociodemográfico e a percepção sobre a influência do conservadorismo na educação sexual e aponta o nível de importância dado a questões deixadas de lado devido a influências conservadoras na educação sexual. Para cada grupo de variável, são fornecidos o número de participantes (N), a média com desvio padrão (Média (DP)), a mediana e o valor p correspondente ao teste de Kruskal-Wallis realizado para comparação dos valores entre grupos.

Tabela 8 - Influência do conservadorismo segundo o perfil sociodemográfico dos participantes.

Variável	Grupo	N	O conservadorismo influencia na educação sexual			Nível de importância de questões deixadas de lado devido influências conservadoras na educação sexual		
			Média (DP)	Mediana	p	Média (DP)	Mediana	p
Idade	18-19 anos	124	2.81 (1.08)	3.00	0.096	2.73 (1.10)	3.00	0.47
	20-24 anos	184	3.04 (0.86)	3.00		2.90 (1.09)	3.00	
	25-29 anos	39	2.67 (0.93)	3.00		2.67 (1.22)	3.00	
	30 anos ou mais	29	2.97 (1.02)	3.00		2.76 (1.30)	3.00	
Gênero	Feminino	264	3.04 (0.95)	3.00	< 0.001	2.95 (1.05)	3.00	< 0.001
	Masculino	109	2.62 (0.95)	3.00		2.45 (1.22)	3.00	
	Não binário	3	3.00 (1.00)	3.00		3.33 (0.58)	3.00	
Orientação sexual	Bissexual	46	3.33 (0.76)	3.00	0.015	3.33 (0.94)	4.00	0.001
	Heterossexual	313	2.86 (0.98)	3.00		2.73 (1.12)	3.00	
	Homossexual	15	2.93 (1.03)	3.00		3.07 (1.28)	4.00	
	Outra	2	2.50 (0.71)	2.50		2.00 (1.41)	2.00	

Figura - Comparação segundo perfil sociodemográfico da Questão 6/3 - O conservadorismo influencia na educação sexual. Média \pm desvio padrão.



Não há diferenças significativas na percepção sobre a influência do conservadorismo na educação sexual entre diferentes faixas etárias ($p = 0.096$). Podemos interpretar, à luz da teoria de Foucault, que o controle disciplinar é um fenômeno abrangente, que afeta indivíduos independentemente da idade. Isso sugere que a educação sexual, influenciada pelo conservadorismo, é uma experiência uniforme que não discrimina com base na idade.

No entanto, há uma diferença significativa entre os gêneros ($p < 0.001$), pois tanto o público feminino, quanto o não binário tendem a perceber uma influência maior do conservadorismo em comparação ao masculino. Podemos considerar que mulheres e pessoas não binárias percebem uma influência maior, o que pode ser visto como reflexo do poder disciplinar que Foucault descreve.

Este poder é exercido de maneira diferenciada sobre os corpos femininos e não binários, moldando suas subjetividades de forma mais intensa em comparação aos corpos masculinos. Além disso, a orientação sexual também está associada significativamente à percepção sobre a influência do conservadorismo na educação sexual ($p = 0.015$), sendo que pessoas bissexuais percebem uma influência maior em comparação a pessoas heterossexuais e homossexuais.

Entre pessoas bissexuais, podemos entender tal percepção como uma manifestação do controle disciplinar que visa regular os desejos e as subjetividades sexuais. Foucault argumenta que o poder disciplinar busca normatizar os

comportamentos, e isso pode ser particularmente sentido por aqueles cuja sexualidade não se enquadra nos padrões heteronormativos, ou homonormativos. Afirmamos isso uma vez que a bissexualidade também sofre discriminação tanto por heterossexuais, quanto dentro da própria comunidade LGBTQIA+.

Apesar do desenvolvimento da Teoria Queer¹⁷ defender a importância de abandonar a visão binária de sexo e gênero no contexto acadêmico, que progressivamente desloca a interpretação do domínio sexual masculino do foco das discussões, este permite que a perspectiva feminina seja ouvida através do reconhecimento da diversidade. Ainda que a narrativa possa ser ajustada para incluir perspectivas diversas, esta análise sugere que a autoridade feminina permanece suprimida pelo poder dominante do homem heteronormativo. Enquanto não alcançarmos uma igualdade de gênero nos espaços e mecanismos sociais, desafiando assim a teoria Queer, mulheres e indivíduos que não se enquadram neste modelo padrão continuarão marginalizados sob o domínio do controle.

Apesar de alguns pensadores divergirem na lógica dos papéis, comportamentos e tentativas da compreensão humana, retomamos aqui a discussão de um pensador e filósofo ainda não mencionado neste trabalho.

Talvez não seja necessário tomar Foucault ou Butler como contrapontos divergentes, mas analisamos até que ponto o fenômeno que se apresenta pode convergir quando direcionamos nosso olhar para o todo. Falamos de Edgard Morin, “O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos” (Morin, 2005, p. 74). A abordagem tradicional de simplificação do pensamento opera sob uma perspectiva binária, em que a realidade é percebida de maneira singular e sequencial, com uma cadeia de causa e efeito linear. Neste modelo, o saber disciplinar e a superespecialização são traços distintivos. A especialização isola e descontextualiza um objeto de seu ambiente, ignorando conexões e interações entre o objeto e seu entorno, e falha em reconhecer as nuances de suas inter-relações. Em última análise, esse paradigma simplificador segmenta o conhecimento de modo mecânico, separado e redutor, desmembrando a complexidade do mundo e, assim, criando fragmentos,

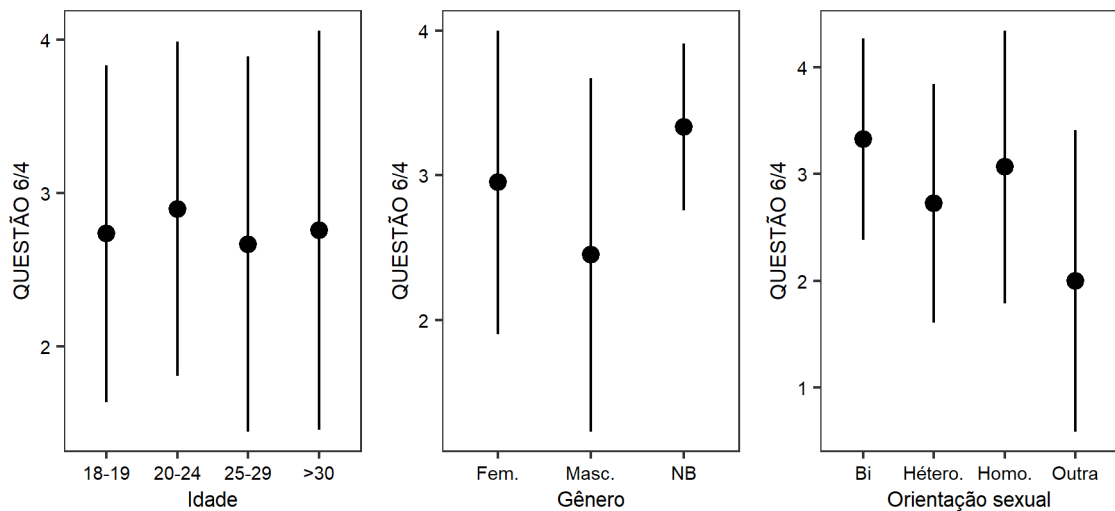
¹⁷ Teoria Queer é uma linha teórica de estudos de gênero que tem como marco principal a publicação em 1990 do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (originalmente *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*) pela filósofa americana e professora de Literatura Comparada da Universidade de Berkeley, Califórnia, Judith Butler.

dividindo problemas e desassociando elementos que estão intrinsecamente conectados, mas que na realidade são diversificados e múltiplos.

A dialética de Morin nos ensina a aceitar racionalmente a coexistência de conceitos aparentemente opostos (como ordem e desordem) no entendimento de um fenômeno complexo único. Ordem e desordem são ideias que, embora teoricamente devam se excluir mutuamente quando combinadas, são na verdade inseparáveis na mesma realidade concreta. Em outras palavras, mesmo sendo conceitos contrários e “adversários”, em determinadas situações, eles se unem para facilitar a emergência da organização e da complexidade. Podemos aqui entender que o pensamento foucaultiano sobre as relações de poder e doutrinação não é suprimido pelo entendimento da teoria Queer de Butler, uma vez que essas lógicas se estabelecem no bojo do desejo da compreensão e vivacidade humana. Trata-se da existência, não é porque somente se vê que não há gozo. “Um processo recursivo é onde os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz” (Morin, 2005, p. 74). Uma vez que sou resposta dessa socialização, em outro momento, é possível que haja prazer no mesmo princípio.

Não foram identificadas diferenças significativas no nível de importância atribuído entre diferentes grupos de idade ($p = 0.47$). O que pode ser entendido como uma consciência coletiva da necessidade de uma educação sexual que transpasse as práticas conservadoras. Isso reflete a ideia de Foucault de que, apesar do controle disciplinar, pode haver uma resistência subjacente que reconhece a importância de educar além dos limites impostos. Por outro lado, há diferenças significativas entre os gêneros ($p < 0.001$), pois participantes não binários tendem a atribuir maior importância, seguido de feminino e masculino, respectivamente. A orientação sexual também mostrou associação significativa com o nível de importância atribuído ($p = 0.001$), de forma que pessoas bissexuais atribuíram uma importância maior.

Figura 10 - Comparação segundo perfil sociodemográfico da Questão 6/4 - Nível de importância de questões deixadas de lado devido influências conservadoras na educação sexual. Média \pm desvio padrão



O estudo também investigou a associação entre a influência da pornografia na visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos com o perfil sociodemográfico, em especial, com variáveis como idade, gênero e orientação sexual. O teste de Qui-quadrado foi aplicado, o que indicou que não houve associação significativa entre a influência da pornografia e nenhuma variável sociodemográfica ($p > 0,05$). Estes resultados sugerem que as proporções participantes que consideram ser influenciados pela pornografia não variaram segundo o grupo com o qual se identificam em relação à idade ($p = 0,3126$), ao gênero ($p = 0,1937$) e à orientação sexual ($p = 0,6528$).

Trazemos aqui a autora Zanella (2018) que desenvolveu uma construção muito bem elaborada sobre gênero e dispositivos de subjetivação, mais precisamente descreveu os processos de subjetivação e construções sobre o gênero, tendo como base Agabem (2009), Foucault (1996) e Hacking (1995). Deduzimos, a princípio, que haveria uma discrepância nos dados, uma vez que segundo Zanella, os homens passam por caminhos privilegiados de subjetivação o dispositivo da eficácia, baseado na virilidade sexual e na virilidade laborativa. No entanto, os dados sugerem que não há diferenças na percepção dos sujeitos em relação à influência da pornografia perante suas formas de ver a sexualidade e os relacionamentos afetivos, não há variedade sociodemográfica. Trata-se aqui da percepção, os dados acima sugerem que há diferenças importantes discutidas na figura 10.

Heilborn (1999) sustenta que a cultura desempenha um papel na transformação dos corpos, sendo afetada pelos processos históricos e sociais. A cultura está sempre elaborando novas interpretações e representações sobre a maneira como as pessoas interagem, escolhem práticas e compreendem as categorias de gênero e sexualidade. Assim, a sexualidade é formada pelos princípios e tradições sociais da sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou a complexa interação entre a pornografia e a educação sexual, destacando como as percepções e influências da pornografia podem moldar as atitudes e comportamentos relacionados à sexualidade. Os resultados indicam uma correlação significativa entre a influência percebida (e principalmente não percebida) da pornografia e a tentativa de reproduzir cenas pornográficas (performar), bem como a subsequente frustração e pressão para replicar comportamentos vistos na mídia.

Além disso, a pesquisa revelou que, apesar da crença de que a pornografia não é educativa, ela ainda é utilizada como uma ferramenta para esclarecer dúvidas sobre sexualidade, embora essa percepção não seja tão clara. Afirmamos isso, pois a construção sobre sexualidade, assim como a pornografia, a educação, as pedagogias são conceitos complexos e nem sempre se chega à compreensão de tais fenômenos de forma igual para todos.

A análise teórica e a singela brevidade histórica apresentadas neste trabalho retomam a discussão e as tensões entre as abordagens conservadoras e progressistas em relação à educação sexual. A resistência ao ensino de educação sexual nas escolas, influenciada por fatores religiosos e morais, contrasta com a necessidade de abordar questões de sexualidade de maneira aberta e informativa. As discussões de Aquino & Martelli e Guimarães ressaltam a persistência de tabus e preconceitos que limitam a eficácia da educação sexual.

A pesquisa também aponta para a relevância do poder disciplinar de Foucault na compreensão da dinâmica entre a pornografia e a educação sexual. O controle disciplinar, manifestado através do conservadorismo, afeta a percepção e a importância atribuída à educação sexual, independentemente da idade dos indivíduos.

O que Takara nos apresentou em seu estudo, o qual fazemos questão de destacar, “*PEDAGOGIAS PORNOGRÁFICAS: SEXUALIDADES E REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS*” se estabelece na importância dos estudos qualitativos, reside na sua capacidade de fornecer uma compreensão profunda e detalhada sobre os fenômenos sociais, culturais e humanos. Eles permitem explorar as experiências, as percepções e as motivações dos indivíduos de maneira ôntica e contextualizada daquilo que seria possível apenas com métodos quantitativos. O

trabalho de Takara ofereceu uma base sólida que pôde capturar as interfaces da influência da pornografia na educação sexual e na formação de identidades e sexualidade.

A elaboração do questionário para uma pesquisa quantitativa, de certa forma inovadora, precisamente em um campo de estudo delicado como a “sexualidade x pornografia x educação sexual”, apresentou desafios consideráveis. A ausência de literatura prévia e de instrumentos validados significou que cada etapa do desenvolvimento do questionário exigiu uma abordagem rigorosa e inovadora, assim como desafiadora.

O primeiro desafio foi a definição clara e operacional dos construtos a serem pesquisados, o que é difícil uma vez que se trata da complexidade dos principais conceitos, como sexualidade, subjetividade, sentidos, significados, pedagogias. Foi necessário recorrer a um estudo de revisão de literatura para identificar as dimensões relevantes do fenômeno em estudo como Foucault, Le Breton, Louro, Butler, Guimarães, Morin e Takara. A partir daí, desenvolvemos itens de questionário que buscaram ou tentaram buscar adequadamente essas dimensões, mantendo ao mesmo tempo a clareza e a simplicidade para garantir a compreensão dos participantes.

Outro obstáculo foi garantir a validade e a confiabilidade do questionário. Isso envolveu um processo iterativo de discussões com profissionais e orientadora, além das revisões e dos refinamentos. Cada item foi cuidadosamente examinado para evitar ambiguidades, viés de respostas e outras questões que pudessem comprometer a integridade dos dados coletados.

Além disso, a sensibilidade do tema exigiu uma consideração especial para a ética da pesquisa. Foi imperativo formular perguntas de maneira que respeitassem a privacidade dos participantes e minimizassem qualquer desconforto potencial.

Acreditamos, após a discussão realizada neste estudo, que essa pesquisa contribuirá para o aprimoramento das políticas públicas e educacionais sobre o impacto da pornografia na sexualidade humana, diante do recorte estabelecido na amostra. É possível afirmar, com segurança, que o tabu e as relações de normatividade e poder ainda engendrados na construção do que somos e por consequência em nossa sexualidade, ainda ditam modos operandi, representação e subjetividade.

O que se considera é que parte dos resultados sugerem uma associação entre a experiência de tentar reproduzir cenas pornográficas, frustração nessa tentativa, influência na percepção do corpo e sentimento de pressão para replicar comportamentos pornográficos, isso sob a influência da pornografia e da visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos.

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi entender como os universitários receberam sua educação sexual e se consumiram pornografia. Os resultados mostraram que, apesar das diversas maneiras de aprender e vivenciar a educação sexual, a pornografia desempenha um papel concomitante nesse cenário.

Essa constatação contrasta com as discussões apresentadas nos capítulos anteriores. Foi considerada a hipótese de que a pornografia poderia surgir como uma alternativa para complementar a educação sexual, caso esta tenha sido de alguma forma negligenciada. Isso sugeriu que, se a educação sexual promovida pela família e pela escola não for eficaz, os indivíduos podem recorrer à pornografia. No entanto, os resultados desta pesquisa são claros ao afirmar que, mesmo que os participantes se sintam confortáveis para conversar sobre sexualidade com pais e professores, eles ainda recorrem à pornografia, seja para esclarecer suas dúvidas ou simplesmente para o prazer.

Os resultados obtidos evidenciaram que a pornografia exerce uma influência significativa na sexualidade dos estudantes. A análise descritiva revelou que uma alta porcentagem dos participantes (75%) consome pornografia regularmente, e 60% deles acreditam que esse consumo impacta suas expectativas e comportamentos sexuais. Além disso, a distribuição de frequência mostrou que 45% dos estudantes consideram a pornografia uma fonte de educação sexual, enquanto 30% relataram que nunca discutiram o tema com familiares ou em ambientes educacionais formais.

A análise estatística descritiva, utilizando tabelas de contingência, indicou que há uma diferença significativa na percepção sobre a influência da pornografia na sexualidade entre gêneros. Por exemplo, 70% das mulheres participantes relataram sentir pressão para se conformar aos padrões de beleza e comportamento sexual apresentados na pornografia, em comparação com 50% dos homens.

O teste de Shapiro-Wilk foi utilizado para avaliar a normalidade dos dados, garantindo a integridade das análises subsequentes. A análise de correlação de Spearman revelou uma correlação positiva moderada ($r = 0,42$, $p < 0,01$) entre o

consumo de pornografia e a percepção de que a pornografia influencia negativamente as relações interpessoais.

Os resultados obtidos evidenciaram que os objetivos principais e secundários foram atingidos. O objetivo principal, analisar a compreensão dos estudantes sobre a educação sexual e as pedagogias pornográficas, foi alcançado, conforme demonstrado pela análise descritiva dos dados. A distribuição de frequência revelou que uma proporção significativa dos participantes reconhece a influência da pornografia em suas percepções sobre sexualidade, com 65% dos estudantes afirmando que a pornografia impacta suas expectativas e comportamentos sexuais.

Quanto aos objetivos específicos, também houve êxito. A problematização da forma como as mídias moldam comportamentos e sentimentos foi abordada, com 70% dos participantes concordando que a pornografia influencia suas ideias sobre o corpo e a sexualidade. A análise das pedagogias presentes nos conteúdos pornográficos revelou que 60% dos estudantes percebem a pornografia como uma fonte de aprendizado sobre práticas sexuais, embora reconheçam suas limitações e distorções.

A observação da educação pornográfica em sua capacidade de produzir significantes e significados foi fundamentada, com 55% dos participantes relatando que a pornografia contribui para a formação de suas expectativas sexuais. A investigação sobre a influência da pornografia nas experiências sexuais dos universitários mostrou que 50% dos estudantes acreditam que a pornografia teve um impacto direto em suas práticas sexuais.

Em relação aos principais desfechos encontrados, como influência Percebida e Reproduções de Cenas Pornográficas: a pesquisa revelou uma correlação significativa entre a influência percebida da pornografia e a tentativa de reproduzir cenas pornográficas, com 45% dos estudantes relatando frustração e pressão para replicar comportamentos vistos na mídia. Este achado sugere que a pornografia pode criar expectativas irreais e insatisfação nas experiências sexuais reais dos estudantes.

Quanto ao desfecho Pornografia como Ferramenta Educativa, apesar de 60% dos participantes acreditarem que a pornografia não é educativa, 55% ainda a utilizam como uma ferramenta para esclarecer dúvidas sobre sexualidade. Isso indica uma lacuna na educação sexual formal, que não está sendo completamente preenchida, levando os estudantes a buscarem informações na pornografia.

O terceiro desfecho: Falta de Diálogo Aberto sobre Sexualidade revelou a falta de diálogo aberto e qualificado sobre sexualidade com pais e professores, o que foi identificada como um fator contribuinte para a dependência da pornografia como fonte de informação. Estudantes que discutiram questões relacionadas à sexualidade com os pais (OR = 1,72; p = 0,05) e com os professores (OR = 2,14; p = 0,008) mostraram maior conforto em abordar esses temas, sugerindo que a educação sexual formal pode influenciar positivamente o nível de conforto ao discutir sobre questões sexuais.

Consideramos possível que os participantes não possuam uma compreensão clara sobre do que se constitui pornografia, pedagogia e conteúdos educativos. Essa falta de clareza pode ter ocasionado respostas contraditórias, como evidenciado nos resultados que apontaram declarações inconsistentes e contraditórias e alguns momentos.

Essa pesquisa reflete o desejo de promover o conhecimento acerca da influência da pornografia na sexualidade humana, uma vez que a educação sexual passa por processos de subjetivação e controle da família e do Estado. Afirmamos isso, pois sabemos que as relações de poder e a forma como as pessoas desenvolvem e exploram sua sexualidade podem ser controladas por algum dispositivo. Sendo assim, nem as mídias nem a indústria pornográfica ficariam de fora, elas também agem como um dispositivo, para essa socialização dos corpos, corpos esses que ora produzem, hora são o próprio produto a ser controlado, elaborado, eliciado, elucidado, comprado para satisfazer o desejo a serviço do próprio deleite.

Para mim, foi perceptível como os resultados dialogam com a prática clínica vivenciada no consultório de psicologia deste pesquisador. Os pacientes frequentemente não têm clareza sobre o impacto que a pornografia tem em sua sexualidade, e a performance tornou-se a principal via para o erotismo, se é que é possível separar essas duas dimensões.

O desenvolvimento desta pesquisa foi complexo, devido às mudanças no pensamento epistemológico do pesquisador, que transitou do positivismo para uma visão fenomenológica do mundo, da verdade e da existência. Isso tornou o processo desafiador, pois os métodos anteriormente desenhados sob uma perspectiva positivista impediam que o curso tomasse outra direção. Fica aqui o desejo de futuras pesquisas, especialmente relacionadas à pornografia, que utilizem métodos capazes de alcançar o íntimo do singular, através de abordagens fenomenológicas e

hermenêuticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. A. S., CORRÊA, R. G. C. F., ROLIM, I. L. T. P., HORA, J. M., LINARD, A.G., COUTINHO, N. P. S., & OLIVEIRA, P. S. (2017). **Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez**. Revista Brasileira de Enfermagem, 70(5), 1033-1039. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>.
- ANDRADE, P. D. **Pedagogias culturais – uma cartografia das (re)invenções do conceito**. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- ANDRADE, P. D. & COSTA, M. V. **Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 33, e157950, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-4698157950>, acesso em 26/03/2023.
- ARPINI, D. M., & Witt, C. S. (2015). **As múltiplas formas de ser adolescente**. In H. R. Campos, & S. M. G. Sousa (Eds.). Emocore: Experiências grupais na constituição da adolescência. EDUFRRN
- ATTWOOD, F. **Mainstreaming Sex: A Sexualização da Cultura Ocidental**. Nova Iorque: I.B. Tauris, 2016.
- AZEVEDO, N. D.; FERREIRA JÚNIOR, J. T. **Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura**. Revista Graphos, v. 19, n. 2, p. 140-164, 2017. doi:10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n2.37690. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BATISTA, A. F. **Olhares do desejo e olhares femininos: o cinema pornográfico feminista de Candida Royalle, suas subversões e limitações representacionais**. 143 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. In: LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Maria Lúcia Machado. Lisboa: Relógio D'Água, 1988. p. 11-81.
- BEZERRA, E. P., SOUSA, L. B., CARDOSO, V. P., & ALVES, M. D. S. **Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”**. Revista Cuidado é Fundamental Online, 9(2), 340-346, 2016. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i2.340-346>
- BONA JÚNIOR, A. Revista Espaço Acadêmico – nº 154, Março, 2014.
- BOZON, M.; HEILBORN, M. L. **As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris**. Novos Estudos CEBRAP, 59, 2001.
- BRASIL. Câmara Federal. **Projeto de lei n. 867**, de 2015 Inclui, entre as diretrizes e

bases da educação nacional, “o Programa Escola sem Partido”. Available at: <Available at: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf> >. Disponível em: » <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf> Acesso em: 12/06/2023.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança: A Política das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. 1997

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Relatar a Si Mesmo**. 1ed. São Paulo: Autêntica, 2015.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s)**. A sexualidade como um tema transversal. São Paulo, Moderna, 1999.

Camozzato, V. C., & Costa, M. V. (2013). **Vontade de pedagogia** – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. *Cadernos De Educação*, (44).

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Pedagogias do presente**. Educ. Real., Porto Alegre , v. 39, n. 02, p. 573-593, jun. 2014 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432014000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2024.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA M. V. **Poder, discurso e política cultural: contribuição dos Estudos Culturais ao campo do currículo**. In: Lopes AC, Macedo E, organizadores. Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez; 2002. p. 133-149

COSTA, M. V. **Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos**. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (org.). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199–214.

CROZIER, I. HAVELOCK, E. E. *Stud Hist Philos Biol Biomed Sci*. 2008; 39(2):187-194. DOI:10.1016/j.shpsc.2008.03.002.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 239p.

DINES, G. P. **Como a pornografia sequestrou nossa sexualidade**. Boston:

Beacon Press, 2010.

DUARTE, L. C.; ROHDEN, F. **Entre o obsceno e o científico**: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(3): 715-737, setembro/dezembro/2016.

DUMONT, L. (1985) [1983]. **O individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna Rio de Janeiro: Rocco.

DWORKIN, A. **Pornografia**: homens possuindo mulheres. Tradução de Carol Correia. Medium, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://solemgemeos.medium.com/introdu%C3%A7%C3%A3o-do-livro-pornography-men-possessing-women-de-andrea-dworkin-b117d f8e19c7>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ELIAS, N. **Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (O processo civilizador, v. I).

FERREIRA, E. A., ALVES, V. H., PEREIRA, A. V., RODRIGUES, D. P., SANTOS, M. V., & GABRIELLONI, M. C. **Sexualidade na Percepção de Adolescentes Estudantes da Rede Pública de Ensino de Macapá**. *Revista de Pesquisa*, 11(5), 1208- 1212, 2019. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1022310>.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, p.141-71, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Professores sexuais**: adiar não é mais possível. 2ed. Londrina: Eduel, 2014.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORTIN, M.F. *Processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Sociência, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão, 29. Petrópolis: Vozes. 288 p., 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 295p., 1995.

FOUCAULT, M. **Então é importante pensar?** In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. IV, p. 178–182. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/pensar.pdf>. Acesso em: 30/03/2023.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, pp. 178-182.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREIRE A. K. S., MELO M. C. P., VIEIRA M. P., GOMES I. M., GOMES J. L., RIBAMAR D. S., COÊLHO V. S., FERREIRA Neto A. J., MARQUES K. K., SILVA G. E., SOARES F. A. A., & COSTA M. M. **Aspectos psicossociais da sexualidade na adolescência: Diálogos e aprendizagem na escola**. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, 38(1), 3-14, 2017. <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2017v38n1p3> Acesso 07/04/2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANETTO, M. F., LAUERMANN, F., COSTA, C. B., & MARIN, A. H. **Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura**. Cadernos de Pesquisa, 48(168), 550-571, 2018. <https://doi.org/10.1590/198053145084> Acesso em: 27/05/2023.

FURLANETTO, M. F., MARIN, A. H., & GONÇALVES, T. B. **Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente**. Estudos e pesquisas em Psicologia, 19(3), 644-664, 2019. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46907> Acesso em: 37/05/2023.

GAGNON, J. & SIMON, W. **Sexual conduct**. The social source of human sexuality. Chicago: Aldine, 1973.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan, 2004.

GENZ, N., MEINCKE, S. M. K., CARRET, M. L. V., CORRÊA, A. C. L., & ALVEZ, C. N. (2017). **Doenças sexualmente transmissíveis: Conhecimento e comportamento sexual dos adolescentes**. Texto e Contexto: Enfermagem, 26(2), e5100015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015> Acesso em: 27/03/2023.

GROSSMAN, J. M., JENKINS, L. J., e RICHER, A, M. **Parents' perspectives on family sexuality communication from Middle School to High School [As perspectivas dos pais sobre a comunicação da sexualidade familiar desde a escola secundária até ao ensino médio]**. International Journal Environmental Research and Public Health, 15(1), 107, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph15010107> Acesso em: 11/06/2023.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas, Mercado de Letras, 1995.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade* 1997; 22(2):15-46.

HAN, B.C. **A sociedade da transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, D. J. **Um manifesto para ciborgues**: ciência, tecnologia e feminismo socialista nos anos 1980. *Socialist Review*, 80(5), 65-107, 1985.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (Fausto Castilho, Trad.) Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIBORN, M. L. **Gênero e hierarquia**: a costela de Adão revisitada. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 50-82, 1993.

HEIBORN, M. L. **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HUNT, L. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

JOHNSON, F. **Corpo e Método**: A Abordagem Heideggeriana do Problema da Corporeidade no Seminário de Zollikoner. *Ideias e Valores: Revista Colombiana de Filosofia*. 63(155), 7-30, 2014.

DOI: <https://doi.org/10.15446/ideasyvalores.v63n155.32904>. Acesso em 17/02/2024

JUFFER, J. **At Home with Pornography, New York**: New York University Press. 1998.

KAHHALE, E. M. P. **Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência**. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

KOREN, A. **Reproductive health for teens**: parents want in too. *J Sex Marital Ther.* [Internet]. 2019 Available from: <https://doi.org/10.1080/0092623X.2018.1549635>. Acesso em: 25/05/2024.

KÜHN, S., & GALLINAT, J. (2014). **Estrutura cerebral e conectividade funcional associada ao consumo de pornografia**: o cérebro na pornografia. *JAMA Psiquiatria*, 71(7), 827-834. [Brain structure and functional connectivity associated with pornography consumption: the brain on porn - PubMed \(nih.gov\)](https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2014.93) DOI: [10.1001/jamapsychiatry.2014.93](https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2014.93) Acesso em: 27/05/2023.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEÃO, A. M. C. (2016). **Concepções dos profissionais da educação e pais sobre sexualidade e educação sexual**: Elaboração, aplicação e avaliação de cursos interventivos voltados para pais, professores e alunos. Relatório de pesquisa apresentado à Fapesp. Araraquara.

LÖFGREN-MÅRTENSON, L.; MÅNSSON, S.-A. **Lust, Love, and Life**: A Qualitative Study of Swedish Adolescents Perceptions and Experiences with Pornography. *Journal of sex research*, V. 47, ed. 6. p. 568-579. 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. [genero-sexualidade-e-educacao-quacira-lobes-louro.pdf \(wordpress.com\)](https://www.wordpress.com/genero-sexualidade-e-educacao-quacira-lobes-louro.pdf) Acesso em: 20/05/2023.

LOURO, G. L. (2015). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo horizonte: Autêntica.

MAIA, A. C. B., & RIBEIRO, P. R. M. (2011). **Educação sexual**: princípios para ação. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, Araraquara, v.15, n.1, p 75-84.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MILLER JR., Fred D. Nature, Justice, and Rights in: **Aristotle's Politics**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

MIRANDA, C. M.; SANTOS, A. P. **Lute como uma menina**: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016. *Revista Observatório*, v. 3, p. 417-444, 2017.

MIRANDA, K. M., & BARRETO, A. C. F. (2021). **Escola sem partido**: representações da neutralidade política e ideológica no trabalho docente. *Revista De Iniciação à Docência*, 6(2), 299-318. <https://doi.org/10.22481/riduesb.v6i2.9038>.

MIRÓ, I. M. **Estudio de la narrativa pornográfica**: evolución del porno comercial. 2019. 51 p. Trabajo final de grado (grado em Comunicación Audiovisual) – Universitat Politècnica de València. Gandia, 2019.

MOURA, F. P. **“Escola Sem Partido”**: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. 189 f. Dissertação – (Mestrado Profissional em Ensino de História) Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MOURA, L. R., LAMOUNIER, J. R., GUIMARÃES, P. R., DUARTE, J. M., BELING, M. T. C., PINTO, J. A., GOULART, E. M. A., & GRILLO, C. F. C. (2013). **A lacuna entre o conhecimento sobre o HIV/AIDS e o comportamento sexual**: Uma investigação com adolescentes de Vespasiano, Minas Gerais, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 29(5), 1008-1018. doi:10.1590/S0102-311X2013000500018.

NODIN, N. (2000). **A Saúde Sexual e reprodutiva – Um novo enfoque sobre a Sexualidade**. In Ribeiro, J., Leal, I., Dias, M. (org.). Actas do 3.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**. Campinas, Autores Associados, 2000.

PAASONEN, S. **Ressonância Carnal: Afecto e Pornografia Online**. Cambridge, MA: MIT Press, 2011. <https://doi.org/10.1177/1461444813500461> Acesso em: 28/05/2023.

PAIVA, V. **A psicologia redescobrirá a sexualidade?**. Psicol. estud. [online]. 2008, vol.13, n.4, pp. 641-651. ISSN 1413-7372.

PERES, W. S. In: **Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos**. SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (org). In: Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. **Sexualidades em devir e subversão das identidades**. Revista Ethica cadernos acadêmicos, vol. 12, nºs 1/2, Rio de Janeiro, UGF, 2005, pp.131-155.

PERRONE L 1977. **Metodi Quantitativi della Ricerca Sociale Feltrinelli**. Milão.

PORTUGAL, A. P. M., & ALBERTO, I. M. M. (2015). **Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes**: Estudo das variáveis sóciodemográficas. Ciência e Saúde coletiva, 20(5), 1389-1400. doi:10.1590/1413-81232015205.13222014

PRAUSE, N., STEELE, V. R., STALEY, C., SABATINELLI, D., & HAJCAK, G. (2015). **Modulação de potenciais positivos tardios por imagens sexuais em usuários problemáticos e controles inconsistentes com o "vício em pornografia"**. Psicologia Biológica, 109, [Neurociência do vício em pornografia na Internet: uma revisão e atualização \(2015\) \(yourbrainonporn.com\)](#) Acesso em: 27/05/2023

PRECIADO, P. B. T.J. **Sexo, drogas e biopolítica na era formacopornográfica**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRETO, N. G. (2011). **Transformação do sistema familiar na adolescência**. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (pp. 223-230). Porto Alegre, RS: Artmed.

PETRY S.; PADILHA, M. I.; KUHNEN A. E.; MEIRELLES B.H.S. **Knowledge of nursing student on the prevention of sexually transmitted infections**. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 05];72(5). Disponível em: <https://doi.org/10.3390/adolescents1030028>. 45.

ROLIM, S. L.; BIELENKI, C. R. Z.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B.; SANTOS, A.

- M. V., & AROSSI, Guilherme. A. (2016). **Conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids**: Um estudo com adolescentes escolares. *Aletheia*, 49(2), 110-121. <https://doi.org/10.29327/226091>
- SAVEGNAGO, S. D. O., & ARPINI, D. M. (2016). **A abordagem do tema Sexualidade no contexto familiar**: O ponto de vista de mães de adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 130-144. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001252014> acesso em 28/05/2023.
- SELOILWE, E. S., MAGOWE, M. M., DITHOLE, K., & LAWRENCE, J. S. (2015). **Parent and youth communication patterns on HIV and AIDS, STIs and sexual matters**: opportunities and challenges. *Journal of Child and Adolescence Behavior*, 3(203), 1-6. doi:10.4172/2375-4494.100020.
- MALHOTRA, N. K. (2006). **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada (4a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- SEVILLA, T. M., & ORCASITA, L. T. (2014). **Hablando de sexualidade**: Una mirada de los padres y las madres a los procesos de formación con sus hijos/as adolescentes en estratos populares de Cali. *Avances en Enfermería*, 32(2), 191-205. doi: 10.15446/av.enferm.v32n2.46097.
- SILVA, D.; SIMON, F. O. **Abordagem quantitativa de análise de dados de pesquisa**: construção e validação de escala de atitude. *Cadernos da CERU*. São Paulo, SP, v. 16, n. 2, p. 11-26, 2005.
- SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. **Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola**: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*. v.12, n.2, p.185-197, 2006.
- SMITH, C. **Pornography for Women, or What They Don't Show you in Cosmo!** *Journalism STUDIES*, 8 (4). pp. 529-538. ISSN 1461-670X, 2007 Disponível em: [Pornography for Women, or What They Don't Show you in Cosmo! - SURE \(sunderland.ac.uk\)](http://www.sunderland.ac.uk/~surre/pornography) Acesso em: 28/05/2023.
- SPENCER, G.; DOULL, M., & SHOVELLER, J. A. (2012). **Examining the concept of choice in sexual health interventions for young people**. *Youth & Society*. 46(6), 756-778. doi:10.1177/0044118X12451277.
- SPRATT, C.; WALKER, R.; ROBINSON, B. **Mixed research methods. Practitioner Research and Evaluation Skills Training in Open and Distance Learning**. Commonwealth of Learning, 2004. Disponível em: <http://oasis.col.org/bitstream/handle/11599/88/A5%20workbook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.
- STEELE, V. R., STALEY, C., FONG T., PRAUSE, N. **Sexual desire, not hypersexuality, is related to neurophysiological responses elicited by sexual images**. *Socioaffect Neurosci Psychol*. 2013; 3:20770. Published 2013 Jul 16. doi:10.3402/snp.v.3i0.20770 Disponível em: [Sexual desire, not hypersexuality, is related to neurophysiological responses elicited by sexual images - PubMed \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24081111/)

Acesso em: 11/12/2023.

STREY, M. N. Gênero. In: STREY, Marlene Neves (et al.). **Psicologia Social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TAKARA, S. **Pedagogias pornográficas**: sexualidades educadas por artefatos da mídia ARTIGO • Rev. Bras. Educ. 26 • 2021 • <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260054> acesso em 05/03/2023

TAKARA, S. **Pedagogias pornográficas**: sexualidades e representações midiáticas Samilo Takara. Porto Velho, RO: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR/ EDUFRO, 2022.

TARRANT, S. **A indústria pornográfica**: o que todo mundo precisa saber. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.

UNESCO. United Nations educational, scientific and cultural organization. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Vol. I – Razões em favor da educação em sexualidade”. Unesco Digital Library. Paris, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183281> Acesso em 07/04/2023.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. **Gênero na Educação Básica**: Quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. Educ. Soc., v. 27, n. 95, p.407- 428, maio/ago. 2006.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 35-82.

WIGHT, D., & FULLERTON, D. (2013). **A review of interventions with parents to promote the sexual health of their children** [Uma revisão das intervenções com os pais para promover a saúde sexual de seus filhos]. Journal of Adolescent Health, 52(1), 4-27. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth>. Acesso em: 09/04/2023.

WILLIAMS, L. **Hard core**: Power, Pleasure and the, Frenzy of the Visible”. Exp. Ed. Berkeley, University of California Press, 1999.

WULF, C. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Trad. Vinícius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013.

ANEXOS

1. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética/CAAE
2. Termo de Anuência
3. Declaração de Correção Linguística.

ANEXO 1

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética/CAAE

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DA PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA A FRAGMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL:
UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA EXPLORATÓRIA QUANTIQUALITATIVA

Pesquisador: MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71043223.9.0000.5102

Instituição Proponente: FUNDACAO DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO SAPUCAI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.247.293

Apresentação do Projeto:

Este estudo acadêmico discute a influência pedagógica dos artefatos midiáticos na compreensão e prática da sexualidade. Utilizando a teoria do biopoder de Foucault como base conceitual, analisa-se as dimensões pedagógicas da pornografia e sua influência na formação do comportamento e subjetividade humana. Através de uma metodologia quantiqualitativa, serão coletados dados por meio de um questionário aplicado a estudantes

universitários, visando identificar lacunas na educação sexual e compreender a relação entre o consumo de pornografia e a educação sexual. Este estudo contribui para o desenvolvimento de um corpo de conhecimento científico sólido sobre a pedagogia da pornografia que inicialmente é conceitualizada por Samilo Takara. Pretende-se continuar os estudos deste conceito e sua influência na sociedade contemporânea.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a influência da pedagogia pornográfica na fragmentação da educação sexual, buscando compreender os efeitos dessa relação na sociedade contemporânea.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Para a presente pesquisa, os riscos envolvidos são mínimos, uma vez que a coleta de dados será conduzida de acordo com os princípios éticos e seguirá as normas de proteção à privacidade e ao consentimento dos participantes. No entanto, é importante considerar que os

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo
Bairro: Fátima I **CEP:** 37.554-210
UF: MG **Município:** POUSO ALEGRE
Telefone: (35)3449-9248 **E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA



Continuação do Parecer: 6.247.293

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_REVISADO.pdf	09:29:41	ARANTES NOGUEIRA	Aceito
Outros	termodeanuenciaasmec.pdf	29/06/2023 09:58:19	MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA	Aceito
Outros	Termodeanuenciaunivas.pdf	29/06/2023 09:55:10	MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_univas.pdf	29/06/2023 09:48:06	MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

POUSO ALEGRE, 18 de Agosto de 2023

Assinado por:
Ronaldo Júlio Baganha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo
Bairro: Fátima I **CEP:** 37.554-210
UF: MG **Município:** POUSO ALEGRE
Telefone: (35)3449-9248 **E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA



Continuação do Parecer: 6.247.293

temas abordados, como a sexualidade e o consumo de pornografia, podem ser sensíveis para alguns indivíduos. Nesse sentido, é fundamental criar um ambiente seguro e acolhedor durante a aplicação do questionário, garantindo a confidencialidade das informações compartilhadas pelos participantes. Além disso, uma análise cuidadosa dos dados será realizada, com ênfase na proteção da identidade dos participantes, evitando qualquer forma de estigmatização ou exposição indesejada. Essas precauções éticas asseguram a integridade da pesquisa e buscam minimizar quaisquer potenciais riscos ou desconfortos para os sujeitos envolvidos, além daquele que possa ser gerado ao responder as perguntas.

Benefícios: Não há benefícios diretos para os participantes, porém, espera-se que os resultados contribuam para a conscientização e compreensão da importância da Educação Sexual na sociedade e na comunidade acadêmica científica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa nacional, unicêntrica, de caráter acadêmico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória estão presentes.

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Os autores deverão apresentar ao CEP um relatório parcial e um final da pesquisa de acordo com o cronograma apresentado no projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2164742.pdf	24/07/2023 09:30:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_final_CEP_REVISADO.pdf	24/07/2023 09:30:01	MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_REVISADO.pdf	24/07/2023	MARCELO LUCIANO	Aceito

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo

Bairro: Fátima I

CEP: 37.554-210

UF: MG

Município: POUSO ALEGRE

Telefone: (35)3449-9248

E-mail: pesquisa@univas.edu.br

ANEXO 2
Termo de Anuência

TERMO DE ANUÊNCIA

Por meio deste documento, solicito formalmente a autorização para realizar a pesquisa de mestrado no âmbito do programa de pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade.PPGEDCS-Universidade Vale do Sapucaí-UNIVAS

O objetivo desta pesquisa é investigar a influência da pedagogia pornográfica na formação da educação sexual, com base na abordagem teórica de Michel Foucault. Pretendo realizar uma análise exploratória que compreenda como as práticas pedagógicas presentes na pornografia moldam a sexualidade, os corpos e as subjetividades dos indivíduos, levando em consideração as perspectivas discursivas, as relações de poder e as tecnologias de poder envolvidas.

Para coletar os dados necessários, será aplicado um questionário aos alunos matriculados no primeiro período de 10 cursos de ensino superior, divididos em duas instituições, a sua e outra. A participação na pesquisa será voluntária e confidencial, e os participantes serão informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Não haverá benefícios diretos para os participantes, mas espera-se que os resultados contribuam para a conscientização e compreensão da importância da educação sexual na sociedade.

Ressalto que todas as informações obtidas serão tratadas de forma estritamente confidencial, garantindo o anonimato e a privacidade dos participantes. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, sendo protegidos de acesso não autorizado e armazenados em ambiente seguro. Além disso, me comprometo a apresentar os resultados de forma agregada e sem a identificação individual dos participantes.


Reitero que esta pesquisa seguirá os princípios éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando os direitos dos participantes e garantindo a transparência e integridade do estudo. Caso seja concedida a autorização para realizar a pesquisa, me comprometo a conduzi-la de acordo com os protocolos estabelecidos e a disponibilizar os resultados à comunidade acadêmica.

Sendo assim, solicito a gentileza de assinar este termo, indicando sua anuência e autorização para a realização da pesquisa. Desde já, agradeço sua colaboração e disponibilidade para contribuir com este estudo.

Assinatura do Responsável e data:



Assinatura do Pesquisador e data:



20/06/2023

ANEXO 3

Declaração de Correção Linguística



DECLARAÇÃO

Eu, Magna Leite Carvalho Lima, CPF: 032.419.006-90, pós-doutora em Letras, pela Universidade Vale do Rio Verde (UniCor), DECLARO, para os devidos fins, que realizei a revisão linguística, que consiste em correção gramatical, adequação do vocabulário e inteligibilidade do texto da dissertação de Mestrado: **“PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA: Explorando Lacunas e Percepções entre Estudantes Universitários de Minas Gerais.”**, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade para obtenção do Título de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade do pós-graduando **MARCELO LUCIANO ARANTES NOGUEIRA**.

Varginha, 30 de setembro de 2024.

Assinatura

magnaleite30@yahoo.com.br

(35) 99832 9642

APÊNDICES

1. TCLE
2. Questionário

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Título do Estudo: DA PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA A FRAGMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA EXPLORATÓRIA QUANTIQUALITATIVA

Pesquisador Responsável: Marcelo Luciano Arantes Nogueira (contato-35-91487172)
Orientadora: Letícia Rodrigues de Souza (contato-11-948034998)

Instituição: Universidade Vale do Sapucaí-UNIVAS

Projeto de pós graduação Mestrado em Educação, conhecimento e sociedade. Declaro ter sido convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada " DA PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA A FRAGMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA EXPLORATÓRIA QUANTIQUALITATIVA

conduzida pelo pesquisador responsável mencionado acima, no âmbito do programa de pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Após ter recebido as informações completas sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como sobre a confidencialidade e o uso dos dados coletados, declaro que compreendi plenamente seu conteúdo. Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso recusar a participação ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Receberei uma cópia deste TCLE e caso tenha prejuízos serei ressarcido, conforme supracitado na resolução 466/12 nos capítulos IV.3 G, H e F .

Entendo que serei convidado(a) a responder um questionário sobre educação sexual, frequência de consumo de conteúdos pornográficos e sua influência na sexualidade. As informações fornecidas serão tratadas de forma confidencial, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, com a garantia de anonimato e privacidade. Os dados coletados serão armazenados em ambiente seguro e protegidos de acesso não autorizado.

Os benefícios da pesquisa são: Em primeiro lugar, ela contribuirá para o avanço do conhecimento acadêmico, preenchendo uma lacuna existente no campo de estudos sobre educação sexual e seus desdobramentos, enriquecendo o debate teórico e fornecendo subsídios para futuras investigações. Além disso, os resultados obtidos e as análises realizadas podem auxiliar na formulação de políticas educacionais mais abrangentes e efetivas no âmbito da educação sexual, promovendo uma abordagem mais saudável e integral nas instituições de ensino.

Outro benefício relevante é a sensibilização da sociedade. A divulgação dos resultados obtidos aumentará a conscientização sobre os impactos negativos da pedagogia pornográfica e da fragmentação na formação dos indivíduos, estimulando um diálogo público mais informado e crítico sobre a importância de uma educação sexual adequada, visando a construção de uma sociedade mais saudável e responsável. Por fim, a pesquisa busca empoderar os indivíduos ao destacar os efeitos nocivos da pornográfica e da fragmentação da educação sexual, fornecendo subsídios para que possam tomar decisões informadas e assertivas em relação à sua sexualidade. Todos esses benefícios o participante pode receber indiretamente. A compreensão crítica desses fenômenos capacita os indivíduos a questionar discursos dominantes e buscar uma educação

sexual embasada em valores de respeito, consentimento e saúde. As informações coletadas poderão ser divulgadas em publicações acadêmicas, porém, de forma agregada e sem a identificação individual dos participantes.

Os riscos desta pesquisa podem ser considerados mínimos: Desconforto emocional a participação neste estudo pode envolver a abordagem de questões sensíveis relacionadas à pedagogia pornográfica e à fragmentação da educação sexual. Esses temas podem despertar desconforto emocional, como ansiedade ou angústia, especialmente se você tiver experiências prévias traumáticas relacionadas a esses assuntos. Para minimizar esse risco, é oferecido suporte emocional, como informações sobre serviços de aconselhamento ou linhas de ajuda, caso você necessite. Ao final do termo estará as informações necessárias.

Estigmatização ou discriminação: Dado que a pesquisa aborda aspectos relacionados à sexualidade, existe o risco potencial de estigmatização ou discriminação. Embora todas as informações fornecidas sejam tratadas de forma confidencial, não podemos garantir que outros indivíduos ou grupos externos não possam inferir sua participação e/ou as respostas fornecidas. Portanto, é importante que você reflita sobre sua disposição em compartilhar informações pessoais relacionadas à sua sexualidade, lembrando que sua identidade é preservada, e não tem nem como o pesquisador saber de quem serão as respostas devido não haver identificação nos questionários e não ser esse o objetivo da pesquisa.

Ressalto que, caso tenha alguma dúvida ou necessite de esclarecimentos adicionais, poderei entrar em contato com o pesquisador responsável (a qualquer momento 24h durante os 7 dias da semana) ou com a Orientadora da pesquisa e ou com o CEP (em horários comerciais), cujos contatos serão disponibilizados para mim. Com base na resolução 466/12, que é a resolução que regulamenta os estudos, que envolvem ser humano, este é um termo de consentimento livre e esclarecido, ou seja, é importante que antes de eu participar, todas dúvidas precisam ser esclarecidas e ainda sim no decorrer da participação, caso eu queira desistir eu posso a qualquer momento.

Ao assinar este termo, confirmo minha participação voluntária na pesquisa, ciente dos direitos e responsabilidades envolvidos. Declaro que compreendi todas as informações fornecidas e que estou fornecendo meu consentimento livre e esclarecido para participar do estudo.

Local: _____ Data: _____

Assinatura do Participante (rubrica): _____

Assinatura do pesquisador: _____

Contatos do pesquisador: telefone 24h disponível (35-991487172) ou pelo e-mail marcelo.arant@hotmail.com.

Contato para acolhimento núcleo de atendimento psicopedagógico e psicológico (NAPP): (35-988240036)

Contato da Orientadora: (11-948034998)

Contato do Comitês de Ética em Pesquisa – CEP: (35)3449-9248 E-mail: pesquisa@univas.edu.br

APÊNDICE 2

Questionário

Responda esse questionário de forma mais sincera possível, lembrando que suas informações estão sobre proteção de sigilo e não é possível identificação.

QUESTIONÁRIO SOBRE PEDAGOGIA PORNOGRÁFICA E EDUCAÇÃO SEXUAL
Seção 1: Informações demográficas
1) Idade: a) 18-19 anos b) 20-24 anos c) 25-29 anos d) 30 anos ou mais
2) Gênero: a) Masculino b) Feminino c) não binário
3) Orientação sexual: a) Heterossexual b) Homossexual c) Bissexual d) Outra (especificar): _____
4) Raça: a) Branco b) Negro c) Pardo d) Indígena e) Outros especificar _____
5) Renda em salário aproximadamente (salário mínimo base R\$1320,00) a) 1 a 2 salários b) 2 a 3 salários c) 3 a 4 salários d) 4 a 5 salários e) 5 salários para cima
Seção 2: Exposição à pornografia
1) Com que frequência você assiste a pornografia? a) Nunca b) Raramente c) Ocasionalmente d) Regularmente e) Diariamente

<p>2) Como você considera que a pornografia influencia sua visão sobre sexualidade e relacionamentos afetivos?</p> <p>a) Não influencia b) Influencia levemente c) Influencia moderadamente d) Influencia significativamente</p>
<p>3) você já tentou repetir cenas ou performasse da pornografia ou outras mídias sexuais?</p> <p>a) Sim, frequentemente b) Sim, ocasionalmente c) Não, nunca senti essa necessidade</p>
<p>4) Alguma vez você já tentou reproduzir cenas ou performances da pornografia ou de outras mídias sexuais e se sentiu frustrado(a) por não obter o resultado esperado?</p> <p>a) Sim, isso acontece frequentemente b) Sim, isso acontece ocasionalmente c) Não, nunca senti a necessidade de fazer isso d) Não tenho certeza ou prefiro não responder</p>
<p>Seção 3: Educação sexual</p>
<p>1) Como você foi educado(a) em relação à sexualidade? (Escolha todas as opções que se aplicam)</p> <p>a) Educação formal na escola b) Conversas com os pais ou responsáveis c) Acesso a materiais educativos sobre sexualidade d) Pornografia e) Conversas com amigos f) Outros (exemplifique)</p>
<p>2) Você se sente confortável discutindo questões relacionadas à sexualidade com seus pais?</p> <p>a) Sim, muito confortável b) Sim, moderadamente confortável c) Não, sinto desconforto ao discutir essas questões d) Não tenho a oportunidade de discutir essas questões</p>

<p>3) Você se sentiu confortável discutindo questões relacionadas à sexualidade com seus professores?</p> <p>a) Sim, muito confortável</p> <p>b) Sim, moderadamente confortável</p> <p>c) Não, sinto desconforto ao discutir essas questões</p> <p>d) Não tenho a oportunidade de discutir essas questões</p>
<p>4) Você conseguiu sanar suas dúvidas sobre a sexualidade ao assistir vídeos pornográficos ou consumindo outras mídias sexuais?</p> <p>a) Sim, me sentia muito confortável em esclarecer minhas dúvidas.</p> <p>b) Sim, me sentia moderadamente confortável em esclarecer minhas dúvidas.</p> <p>c) Não, sentia desconforto ao discutir essas questões.</p> <p>d) Não tive a oportunidade de discutir essas questões pessoalmente.</p>
<p>5) Em uma escala de 1 a 5, sendo 1 "insuficiente" e 5 "excelente", como você avalia a qualidade da educação sexual recebida durante a sua infância e adolescência?</p> <p>a) 1 - Insuficiente</p> <p>b) 2 - Regular</p> <p>c) 3 - Satisfatória</p> <p>d) 4 - Boa</p> <p>e) 5 - Excelente</p>
<p>Seção 4: Percepções sobre a pedagogia pornográfica</p>
<p>1) Você acredita que a pornografia reflete adequadamente as experiências e a diversidade sexual na vida real?</p> <p>a) Sim, de forma realista e representativa</p> <p>b) Sim, em certa medida, mas com algumas distorções</p> <p>c) Não, retrata de forma estereotipada e irrealista</p>
<p>2) Você acredita que a pornografia pode ser educativa em relação à sexualidade?</p> <p>a) Sim, pode fornecer informações úteis</p> <p>b) Sim, em alguns aspectos, mas com limitações</p> <p>c) Não, não é uma fonte educativa confiável</p>
<p>Seção 5: Atitudes e comportamentos sexuais</p>
<p>1) Você acredita que a pornografia influencia suas atitudes em relação ao corpo e à aparência física?</p> <p>a) Sim, de forma negativa</p> <p>b) Sim, de forma positiva</p> <p>c) Não, não acredito que seja influenciado(a)</p>

<p>2) Você já sentiu pressão para reproduzir ou imitar comportamentos sexuais vistos em pornografia?</p> <p>a) Sim, frequentemente</p> <p>b) Sim, ocasionalmente</p> <p>c) Não, nunca senti essa pressão</p>
<p>Seção 6: Considerações finais</p> <p>1) Você acredita que uma educação sexual mais abrangente e inclusiva poderia ajudar a ter uma vida sexual mais saudável?</p> <p>a) Sim, definitivamente</p> <p>b) Sim, em certa medida</p> <p>c) Não, não acredito que faria diferença</p>
<p>2) Você gostaria de receber mais informações e orientações sobre sexualidade e relacionamentos afetivos?</p> <p>a) Sim, gostaria de mais informações e orientações</p> <p>b) Sim, mas apenas se fossem de fontes confiáveis e imparciais</p> <p>c) Não, estou satisfeito(a) com o conhecimento que tenho</p>
<p>3) Você considera que o conservadorismo e as construções moralista influenciam na educação sexual?</p> <p>a) Nenhuma influência</p> <p>b) Pouca influência</p> <p>c) Influência moderada</p> <p>d) Grande influência</p> <p>e) Influência significativa</p>
<p>4) Qual é o nível de importância que você atribui à inclusão de questões frequentemente deixadas de lado devido a influências conservadoras na educação sexual?</p> <p>a) Nenhuma importância atribuída</p> <p>b) Pouca importância atribuída</p> <p>c) Importância moderada</p> <p>d) Grande importância atribuída</p> <p>e) Muita importância atribuída</p>
<p>Agradeço sua participação neste questionário. Suas respostas são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.</p>